HUMBERTO DE CAMPOS

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

BAM
869.0(812.1)-1
CAM
POE
ORMA
869.91
e198p

POESIAS COMPLETAS

1903 - 1931

3.ª EDIÇAO

BIBLIOTECA PÚBLICA
SÃO LUIZ
I-30680
C-30683

1935

LIVRARIA JOSE' OLYMPIO-EDITORA

RUA DO OUVIDOR, 110 RIO DE JANEIRO

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

POEIRA...

1.ª SERIE
(1904 - 1910)

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Poeira...

Poeira leve, a vibrar as moléculas: poeira
Que um pobre sonhador, á luz da Arte, risonho,
Busca fazer faiscar: pó, que se ergue á carreira
Do Mazepa do Amor pela estepe do Sonho.

Para vêr-te subir, voar da crôsta rasteira
Da terra, a trabalhar, todas as fôrças ponho:
E a seguir teu destino, enlevada, a alma inteira
O teu ciclo fará, seja suave ou tristonho.

Não irás, com certeza, alto ou distante. O insano
Pó não és que, a turvar o céu claro da Italia,
Traz o vento, a bramir, do Deserto africano:

Que és o humílimo pó duma estrada sem povo,
Que, pisado uma vez, pelo ambiente se espalha,
Sente um raio de Sol, cái na terra de novo...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

BEATRIZ

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Beatriz

Bandeirante a sonhar com pedrarias
Com tesouros e minas fabulosas,
Do Amôr entrei, por ínvias e sombrias
Estradas, as florestas tenebrosas.

Tive sonhos de louco, á Fernão Dias...
Vi tesouros sem conta: entre as umbrosas
Selvas, o ouro encontrei, e o onix, e as frias
Turquezas, e esmeraldas luminosas...

E por êles passei. Vivi sete anos
Na floresta sem fim. Senti resábios
De amarguras, de dôr, de desenganos.

Mas voltei, afinal, vencendo escolhos,
Com o rubí palpitante dos seus lábios
E os dois grandes topázios dos seus olhos!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

I

Lendo-te

"As roseiras aqui já estão florindo..."
Mandas dizer... "As hispidas e pretas
Rochas da estrada já se estão cobrindo
De musgo verde... Ha muitas borboletas..."

E eu me fico a pensar que agora é o lindo
Mês das rosas esplendidas e inquietas
Asas: mês em que a serra anda sorrindo,
E em que todos os pássaros são poetas.

Vejo tudo: a agua canta entre os cafeeiros.
Vejo o crespo crisântemo e a assucena
Estrelando a verdura dos canteiros.

Penso, então, que em tudo isto os olhos pousas...
E começo a chorar... Olha: tem pena,
Não me escrevas falando nessas cousas!...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

II

No Sertão

Faz um anno... O sertão, verde e ondulado,
Todo em flôres e músicas, se abria.
Erravam núvens pelo céu, e o gado,
Pelas campinas e capões, mugia...

Era num alto a tua casa: havia
Um rumoroso córrego de um lado;
Do outro, o curral; e, ao longe, a serrania,
De alva bruma o alto pincaro toucado.

Sinto-o, em sonho, outra vez: A tarde desce:
Enfia a treva os seus buréis de monje
Nos serrotes cinzentos: anoitece...

Vão-se abrindo as estrêlas e as juremas...
Muge o gado saudoso; vem de longe
O assustado gritar das seriemas...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

III

Junto a ti

Eu ia vêr-te... Em céleres instantes
Voava léguas: em rápida corrida,
Saltava moitas, riachos murmurantes,
Sôbre ardente cavalo, a toda brida.

Chegava: e os nossos corações amantes
Apressados batiam. Comovida,
Meiga e triste, a sorrir, mais linda que antes,
Me apertavas as mãos, agradecida...

Nada mais murmurávamos: um susto,
Um divino pavor as mãos me esfria,
Te baixa os olhos e te agita o busto.

Desce a noite, estrelando a imensidade...
E eu, de novo, mais tímido, partia
Carregado de sonho e de saudade!...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

IV

No trem

O ano passado, neste mês... E' um dia
De grande sol. A máquina troveja,
Berra, fuma, atravessa em correria
A amarela paisagem sertaneja.

Vais a um canto do trem. A serrania
Foge aos poucos. A aragem te festeja,
Vôa, a brincar com o teu cabêlo, e, fria,
Cerra-te os olhos, trêfega te beija.

Olho-te, mudo. Esquece-me a paisagem.
Mas anoitece, e a líquida turqueza
Do mar nos diz que é terminada a viagem.

Formam núvens pelo ar plúmbeos refólhos.
Cái de leve o crepúsculo... E a tristeza
Espalha outro crepúsculo em teus olhos...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

V

Olmeiro de Arezzo

"Meu coração (disseste) ha muito é morto...
Morreu porque custaste, e não podia
Viver mais para o amor, para a alegria,
Sem teu braço, teu beijo, teu confôrto..."

Eis repetida, pois, a lenda do horto
Lendário e triste, em que um arbusto, um dia,
Vetusto e sêco, refloriu, quando ia
O cadaver de um santo ao último pôrto.

E' a mesma história a repetir-se: o olmeiro
Que, ao bater no ataúde, reverdece,
E abre em fôlhas e flôres todo inteiro,

E' êste espírito que animas,
E que, ao sentir teu coração, floresce,
Aberto em sonhos e desfeito em rimas!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

VI

Nessun maggior dolore...

Era na serra. O cafézal floria
Como velas de naus, de gaze feitas,
Fugia a bruma; e o mês de outubro ria
Pelo bico das aves satisfeitas.

E eu, Beatriz, te encontrei... E almas eleitas
Pelas leis de uma incógnita harmonia,
Repetir ilusões, hoje desfeitas,
Era a nossa oração de cada dia.

Depois.. que poema de amargura! A serra
E' de espinhos... Os céus, para nos verem
Sofrer, nos lançam maldições na terra...

E hoje, tudo acabado! Apenas pranto...
Que é impossivel de todo se esquecerem
Dois infelizes que se amaram tanto!...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

VII

Tiberíades

Pudesse a gente, pelo Amôr, na Vida,
Passar como Jesus no lago, outr'ora,
Entre o espanto de Pedro e a comovida,
Branda queixa sem fim da agua sonora!...

Mas, ninguem passará. Que a alma ferida
De Amôr, si sôbre o Amôr se deixa uma hora,
Por subitânios temporais batida,
Cái no abismo da Angústia, que a devora...

Anda, pois, avisado o que, na lida
Das paixões rudes e tempestuosas,
Como o incrédulo apóstolo duvida,

Que homem haja que vá, ou tenha visto,
Caminhar sôbre as ondas tormentosas,
Sem risco de naufragio, como Cristo!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

VIII

Símbolo

Meu amôr! meu amôr! voltaste ainda
A povoar os meus sonhos! Que forte élo
E' êste afeto, êste céu de altura infinda,
Que eu de rimas e lágrimas estrélo?!

Sonho. E' aí onde estás: A tarde finda...
Perto — a angústia; distante — tudo é belo:
Muito ao longe — a alta serra muito linda;
Junto a nós — o sertão muito amarelo...

"Olha, (disseste), é um símbolo terrível:
A nossos pés, com o seu tormento, os êrmos;
E olha a serra: é a Ventura inacessível..."

E acordei, a sentir estas saudades...
Que fizemos aos céus, para sofrêrmos
Tão longa série de infelicidades?...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

IX

In excelsis...

Sonhei contigo, novamente... Ouvindo
O rumor da amplidão, nos céus profundos,
Do alto Azul nós olhavamos sorrindo
O gravitar harmônico dos mundos...

Sóis de fogo, planetas de áureo e infindo
Brilho, se agitam junto a nós... E, em fundos
Céus longinquos, sem órbitas, fugindo,
Passa o bando dos astros errabundos...

As estrêlas fugiam-te, medrosas...
Colheste algumas.. Outras, pelo espaço,
Se escondiam no véu das nebulosas.

Tu voltavas, sorrindo, para vê-las...
E eu passava, levando-te ao meu braço
Resplendente de beijos e de estrêlas!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

X

Tuas cartas

Tuas cartas rasguei uma por uma:
Cento e quatorze páginas e tiras
De confissão e juramento: em suma,
De perfídias, de enganos, de mentiras.

E chorei, ao rasgá-las! Tinha alguma
Cousa implorando contra as minhas iras
Em todas; e, hoje, irritação nenhuma
Neste peito verás, por mais que o firas.

Eram mentiras, eu bem sei... No entanto,
Cada rompida página era um cardo
Que enterrava do peito em cada canto.

E eis porque, pelo chão, após instantes,
Os pedaços juntei... e agora os guardo
Com mais amôr do que os guardava dantes!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

XI

O lago

Rolando as ondas plácidas, que o vento,
Leve, embalava, a superficie fria
Refletindo o estrelado firmamento
Sereno, o lago, circular, dormia.

Passára o vento ríspido, que o havia
Feito crespo e feroz. E agora, lento,
Róla, e repete a música harmonia
Antiga, e esquece o temporal violento...

Olha: êste lago límpido, e sem fraguas,
De ondas mansas, de leve entumecido
Pela aura branda que lhe beija as aguas,

Faz-me revêr minhas felicidades:
Assim vivo de ti hoje esquecido,
— Sem anseios, sem ciumes, sem saudades...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

XII

Nirvana

Viver assim: sem ciumes, sem saudades,
Sem amôr, sem asceios, sem carinhos,
Livre de angústias e felicidades,
Deixando pelo chão rosas e espinhos;

Poder viver em todas as idades;
Poder andar por todos os caminhos;
Indiferente ao bem e ás falsidades,
Confundido chacais e passarinhos;

Passeiar pela terra, e achar tristonho
Tudo que em tôrno vê, nela espalhado;
A vida olhar como através de um sonho;

Chegar onde eu cheguei, subir á altura
Onde agora me encontro — é ter chegado
Aos extremos da Paz e da Ventura!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

LIVRO DE HILDA

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

A Robério Dias

Infeliz e arrojado bandeirante,
Como somos na sorte parecidos!
Como nos abraçamos neste instante
Através e apesar dos tempos idos!

Tu, que andaste a explorar êstes floridos
Matagais e êste sólo exuberante,
Aqui tens tua imagem, decorridos
Trezentos anos, num poeta e amante.

Como tu, que, vencendo índios e feras,
Os teus tesouros escondeste á fome,
A' ambição dos mortais daquelas éras,

Eu, triste, os olhos neste pranto imersos,
Morrerei a esconder o exato nome
Da amorosa senhora dêstes versos!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

I

Vísio

I

Hilda, corpo intangível, de maguado
Olhar piedoso! Alta visão que tanto
Me tenta! Vaga aparição que eu canto
E me trazes, assim, de amôr ebriado!

Hilda! Sombra amorosa, Sonho alado,
Que me torturas e, apesar, és quanto
Busco na terra! Dôce vulto amado
Que hoje me enches as pálpebras de pranto:

Que te fiz eu para que, assim, a calma
Me arrebates? Com lágrimas violentas
Hoje turves meus olhos, e minh'alma

Nêste abismo de dúvidas arrojes?
Si não existes, para que me tentas?
E, si tu vives, para que me foges?

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

II

Hilda, enfim te encontrei! Como o beduino
No areial vendo a sombra da palmeira,
Encontrando o teu vulto alto e divino
Páro, e estremeço pela vez primeira.

Encontrei-te, afinal! Enfim me inclino,
Me ajoelho a teus pés! És a clareira,
Da floresta sem sol, nem flôr, nem trino
De ave, em que errei uma existência inteira.

Encontrei-te, afinal! Mas, hesitante,
Me detenho, qual o árabe que geme
Sem agua, em meio do areial faíscante,

E, vendo o oásis próximo, risonho,
Estremece, e recúa, e estaca, e teme
Que essa dôce visão não seja um Sonho!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

II

Tua Beleza

Alguem, que hoje me estima e se consome
Em saber quem tu és, e te procura,
Indagou por que trato do teu nome
E não falo na tua formosura.

E eu, procurando sopitar a fome
Da alma inquieta que a tanto se aventura,
Digo só (para que ela me não tome
Por egoista) que és linda como és pura.

Devo, acaso, viver, sem calma e siso,
A falar, sem respeito e sem cautela,
Em teu corpo, em teus lábios, em teu riso?

Por que aos homens, assim, gabar-te á tôa?
Reconheço, de sobra, quanto és bela,
Mas, me basta dizer-lhes quanto és bôa!...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

III

Teu Nome

Hilda: teu nome, que eu murmúro e prézo
Com respeito de crente, é uma oração,
Que eu, pela vida, comovido, rézo
Ajoelhado sôbre o coração.

E' o verso de oûro que regúla o metro
De um poema de orfeônicos arpejos,
Que, de hora em hora, trémulo, solétro
Intercalando sílabas de beijos.

Quando quero dizê-lo, a lira tanjo,
E balbucío um cântico suave:
Porque teu nome é uma cantiga de anjo,
E é brando, e é leve como um canto de ave.

Para mim, êle é um cândido e modesto
Poema, por duas sílabas compôsto,
Que me evóca a doçura do teu gésto
E a serena beleza do teu rosto.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Encontro-o em tudo que me prende e encanta,
Ouço-o em todo rumor que o azul povôa:
No mavioso vozear da ave que canta:
No sonóro bater da asa que vôa.

Dêle, um côro de cânticos se evóla.
E a harmonia que escuto, ouvindo-o, é tanta,
Que o imagino (que dôido!) uma gaióla,
Na qual é uma ave cada letra, e canta...

Si acaso o digo, é assim como si fôsse
Segredar. Porque temo, comovido,
Ser, como aquêle santo de voz dôce,
Por um bando de abelhas perseguido.

E' a áurea colmeia onde cultivo, como
Encantado Aristeu, a beijo e verso,
Cinco abelhas douradas, que não domo,
E que são as mais louras do universo.

As letras que contém, para escrevê-las,
Toda a gama do arco-iris não tem côres;
Escrevi-as no céu juntando estrêlas,
E na terra, no chão, juntando flôres.

Assim, teu nome, que eu murmúro e prézo
Com respeito de crente, é uma oração
Que eu, pela vida, comovido, rézo
Ajoelhado sôbre o coração.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

IV

Recordando

Vem-me agora á lembrança aquele dia
Em que alguem, de alma grande e olhar experto,
Adivinhando o bem que me fazia,
Fez com que nos falassemos de perto.

Eu lhe disse, a corar, que não queria...
(Mas ansiava por isso...) E eis que desperto:
Dizem: "Dona Hilda..." (Aperto-te a mão fria)
E a ti, sorrindo: "O meu amigo Humberto..."

E' impossível lembrar-me da tolice,
Da figura que fiz: não me recórdo
Das palavras banais que então te disse.

Sei apenas que um ano é decorrido,
E ainda alta noite, de repente, acórdo
Tendo o rumor da tua voz no ouvido!...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

V

Santa Tecla

Conta um sacro alfarrábio antigo e sério,
Ninho de lendas de uma velha idade,
Que num rústico e dôce eremitério
Santa Tecla vivia.
Em roda o sólo rebentava em flôres
E as carvalheiras, sôb a ventania,
Tudo enchiam de músicos rumôres.

A cândida eremita,
Quando em tôrno se escuta a voz sonora
Da floresta, que ao sol se encrespa e agita,
O olhar derrama firmamento em fóra,
Põe as mãos, e medita...

Ha, porêm, por aquelas cercanias,
A povoá-la de harmônicos cantares,
Bandos de aves, colônias erradias
Com a ponta d'asa e o som da voz cortando os ares.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

E, entre todas, existe
Ora saltando pela relva, aos pares,
Ora aos chilros nas árvores mais altas,
A acordar, a alegrar o que anda triste,
Um grande bando de pardais peraltas.

São da santa o tormento:
Não a deixam pensar um só instante,
Não a deixam rezar um só momento.
E' bastante
A piedosa eremita ajoelhar,
E ei-los, de pronto, a cortar,
Com a asa ligeira os espaços,
Para, esquecendo as árvores e escombros,
Lhe pousarem nos braços,
Na cabeça e nos hombros.

Chegam, pousam, chilreando...
Vem o primeiro.
Depois, vem outro; e, finalmente, o bando
Vem todo inteiro.
Chega um: belisca-a saltitando; aquele
Outro quer se mirar no olhar da santa.
E ela se ergue, de súbito, e os repele...

E o bando o vôo para o azul levanta.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Mas, um dia, a eremita
Principiou a cismar:
"Porque é que o bando de pardais se agita
Quando começo a orar?
Certamente,
Essas aves que em bando impertinente
Quando medito vêm,
E um só momento me não deixam calma,
São mandadas de alguem
Que se interessa por perder minh'alma".

E assim pensando, no outro dia,
Logo bem cêdo,
Como sempre, ajoelhou na pedra fria,
Entre a sombra e o barulho do arvoredo.
E os pardais inocentes,
Vendo-a, do alto, tão linda e tão tranquila,
Desceram logo, e, em festa, irreverentes,
Como era hábito, foram distrai-la.

Eis, porém, que, num gesto
Forte, de quem cristãmente amaldiçôa,
A piedosa eremitã extende a mão;
E logo, em susto, e barulhento, e lesto,
O bando de aves inocentes vôa
E se eleva e se perde na amplidão...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

E, assim, só porque a santa
Julgou cada ave um pequenino assécla
Do anjo mau, — que anjos bons sempre suplanta —
Nem uma ave, siquer, ainda hoje, canta
No logar onde orava Santa Tecla...

*
* *

Meu lindo amôr:
Martírio semelhante
Sofres, talvez.
E o culpado sou eu, que, a todo instante,
Nesta dôce e divina embriaguez,
Natural em quem ama,
Não consigo deter tão forte chama
Que me faz pecador, como tu vês.

Quantas vezes, na igreja,
Tu, aberto o missal nas mãos pequenas,
Não percebes que adeja,
Entre o rumor das músicas serenas
Do órgão, uma asa intangível que persegue
Teus movimentos, e afastar consegue
Tu'alma da oração?!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

E, então,
Quantas vezes, num gésto delicado
(Que é só teu), de quem acha impertinente
Qualquer cousa,
Fazes, num triste olhar dôce e amuado,
Com que essa asa pequena e leve, que ousa
Distrair-te se afaste de repente?!

Tu bem sabes quem é: tu bem conheces
Que é que passa a roçar-te a asa mais branda,
Sem querer, distraindo-te nas preces:
E' algum beijo de luz que alguem te manda:
E' um coração que, num olhar, se arrasta
Em redor do teu vulto,
E te envolve, a tremer, na ânsia mais casta,
O' pequenina santa do meu culto!

Quando chegas á igreja, e, em dôce
Gesto piedoso, junto á grade ajoelhas,
Tudo te olha, e ha um rumor, com si fôsse,
Por exemplo,
Algum bando de rútilas abelhas
Zumbidoras, que entrassem pelo templo.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Abres o livro pequenino, e rezas...
E é quando ficas nessa prece infinda
Ás santas que mais prézas;
Quando as velhas murmuram
Que a própria Virgem nunca foi tão linda,
E, repito, que ansiosos te procuram,
Num tímido respeito,
A fulgir e a voar,
O fogo do meu peito
E a luz do meu olhar.

E ambos, feitos um beijo,
Mudo, intenso, profundo,
Que em si tem a extensão dêste desejo
E os mais lindos mistérios dêste mundo,
Vão,
Num rápido momento.
Num pecado, afastar teu pensamento,
E teus olhos, do livro e da oração.

E êsse beijo de olhar
Aproxima-se e pousa.
Vai, primeiro, aos teus olhos se mirar.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Tua boquita súplice e vermelha,
Que a algum anjo segreda alguma cousa,
Visita; beija-a; e, cautelosamente,
Como quem prêsa esquiva, a sós, persegue
A' tua rósea e pequenina orelha
Chega, murmúra uma palavra, e segue...
E a dizer-te segredos.
Entre carícias que só faz a ti,
Vôa-te ás mãos, pousa em teus rôseos dedos,
Volta-te aos olhos luminosos, e...

Olha: perdôa as minhas ânsias doudas!
E, si êsse beijo é dêste amor assécla,
Tu, que és mais santa do que as santas todas,
Sê mais piedosa do que Santa Tecla!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

VI

Anjo Satânico

Que paixão exquisita! Amôr que é chama
E é luz, e é Sonho, e é Carne, e é Prece, e é tudo!
Ânsia piedosa de eremita que ama
Com desejos de fáuno ardente e rudo!

Paixão celeste de quem vive mudo,
Orando, e ouvindo o coração que brama:
Amôr que é estrêla, e é pássaro, e, contudo,
Foge do azul e roja-se na lama!

Desejo amargo de viver de joelhos,
De mãos postas, sentindo a ânsia mais casta,
A rezar... e a beijar lábios vermelhos!

Que êste amôr é um mau anjo de alvas penas,
Que ora vive no céu, e ora se arrasta
No escuro charco das paixões terrenas!...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

VII

Egoismo de Amante..

Quási não ha ninguem que me acredite
Quando digo que outro amas. E, a respeito,
Dizem uns: "E' impossível que palpite
Coração de mulher naquele peito!"

E imaginas que fico satisfeito
Quando dizem que és má? Por mais que o evite,
De outra cousa não sei que contrafeito
Mais me faça e, de súbito, me irrite.

Que lhes importa (penso) que assim sejas
Tão ingrata, e que eu viva eternamente
A sofrer muito mais do que desejas?

E' que é assim quási todo namorado:
Quer falar, censurar, mas não consente
Que outro lábio censure o bem amado.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Bom Livro

VIII

Castigado

E o culpado sou eu, que te não digo
Que êstes versos são teus! que, tendo a imagem
Tua, na alma e no olhar, a andar comigo,
Quero dizê-lo, e falta-me coragem!

E êste afeto ha de ser culpa e castigo!
Beduino infeliz, na longa viagem
Da Vida, si estás longe, te persigo,
E, si estás perto, fujo-te, miragem!

E o castigo é calar o que padeço:
É tentar esconder a chama que arde
E alimento, a pensar que te mereço!

É viver, finalmente, todo dia,
Pela pecha cruel de ser covarde,
Castigado com a própria covardia!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

IX

Laocoonte

Hoje, que já não tenho, como outrora,
— Prometeu a sofrer a todo instante —
A aguia da Angústia, que aos mortais devora,
A supliciar meu coração de amante:

Hoje, que esta alma, ao te encontrar sózinha,
Ajoelhada aos teus pés,
Tem certeza de que, si não és minha,
Tambem de outro não és:

Deixa que eu peça, em síntese, á memória,
E aqui, no verso, em confissão, te conte,
— Si o Ciume acaso é uma serpente — a história
De um pobre coração que foi Laocoonte;

Consente em lêr, sem lágrimas, si pódes,
Esta história de Dôr, com que te implóro,
Em que a palavra é o mármore de Rodes
E esta pena — o buril de Atenodóro.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Quando o amôr mè nasceu, não sei contar-te.
Não perguntes á brisa de onde, voando,
Sem destino partiu; nem de que parte
Vem a vaga marítima rolando...

Lembro, apenas, que, um dia,
Na mesma grande terra que, depois,
Um lindo céu para docel daria
Dêste mudo noivado de nós dois,
Eu cheguei, e te vi:
E, a começar de então,
Nunca mais te deixou meu coração,
Nunca mais te deixei, nem te esqueci.

Andei, é exato,
Por outras terras, outra gente olhando:
Mas, andei tendo nalma o teu retrato,
E, em mim mesmo, a toda hora, te encontrando.

Por lá, para olvidar-te,
Sem pensar, nem por sonhos, que, algum dia,
Pudesses me querer (si é que me queres),
Procurei outro objeto de minha Arte:
Outras fontes de versos e agonia,
Outro amôr, outro sonho, outras mulheres...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Debalde foi, porém:
Muitas outras achei tendo o teu rosto,
Mas, com o teu coração, não vi ninguem.
No meu doido desgôsto,
Como áurea abelha que, zumbindo, esvoaça
De flôr em flôr e, apenas tem beijado
Uma flôr, a outra flôr adiante passa,
Eu, de amôr torturado,
A harpa do verso e o coração vibrando,
Andei, insatisfeito,
A cantar, mas tristonho,
A errar de peito em peito,
A voar de sonho em sonho.

Cem mulheres amei.
Pergunta-me, porém, quem eram elas,
E as côres dos seus olhos, que eu não sei.

Sei apenas contar-te que eram belas;
Sei sómente dizer-te que eram bôas;
E que, com as primaveras que desfólhas,
Perdoavam melhor do que perdôas
E me olhavam melhor do que me olhas.
Entretanto, si alguma
Conseguia abrigar-se no meu peito,
Era apenas um dia, uma hora, em suma,
Fugia logo, pelo teu respeito:

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Porque, mesmo entre as minhas agonias,
Ou da mágua entre os ásperos escolhos,
Eras tu sempre que me aparecias
Todas as vezes que eu fechava os olhos!

E assim, nessa tortura,
Durante grandes, tormentosos anos,
A Hora Má, perversíssima e travessa,
Virando a cornucópia da Amargura,
Derramou ânsias, máguas, desenganos,
Sôbre a minha cabeça.

E eu, miserável,
Eu, louco, eu, só, eu, triste, eu, mudo,
A chorar minha sorte sempre instável,
Abaixei a cabeça, e sofri tudo.

Vi-te de outros amada;
A outros, num gesto senhoril, sereno,
A abrir do lábio os pétalos vermelhos,
— Asiática princeza —
Enquanto eu, de alma aflita e torturada,
No meu martírio infindo,
Anónimo e pequeno,
Olhava-te de joelhos,
Luminosa, fulgindo,
No teu trôno de Graça e de Beleza.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Eu era, então, o fariseu conciente
Que, do Inferno do Ciume, olhando a altura,
Do amôr sonhado padecendo á mingua,
Suplicava-te, ó Lázaro inclemente,
Que, com a límpida linfa da Ventura,
Me molhasses a língua!

E tu, nunca me ouviste.
Ao céu inatingido onde vivias,
Não chegou minha súplica de triste
Nem o éco das minhas agonias.

Entretanto, eras tú que dominavas
Minha vida, meus dias, meu futuro.
Todo olhar de mulher, quando chegavas,
Que fulgisse no largo céu escuro
Desta minha existência atormentada,
Não ficava a brilhar um só momento:
— Luz de estrêla de súbito apagada.
Pelo intenso fulgor de um sol violento.

Bastante era, na noite de minh'alma,
Passar, como um aerólito radioso,
Tua dôce lembrança,
E, sem treguas nem calma,
Como um genio impiedoso
Que de matar e devastar não cansa,

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Eu, tremendo, sentia,
Que um braço hercúleo e vingador se erguia
A retomar seu mágico tesouro,
— Como, ao pé do Sinai, Moisés um dia,
Ao vêr seu povo ante o bezerro d'ouro.

E, então, na quieta arena,
Depois que, sem saber, tudo afastavas,
Tú, sómente, ficavas
Alta, imortal, impávida, serena...

E assim ficaste, para sempre, um dia:
Prometeu rebelado
Contra a própria indomada covardia,
Saí, febril e ousado,
Reanimando minha última ilusão,
Que estava quási morta,
E fui bater á porta
Do teu grande e insondado coração.

E abriste-m'a, escutando a minha mágua,
E ainda déste, de esmola e de oferenda,
Como a Baucis da lenda,
Um pouco do teu pão e da tua agua.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

E eis-me aqui, a seguir-te em teu caminho,
Como segue o satélite o seu astro,
Feliz sendo, afinal, porque, sózinho,
Posso, de joelhos, oscular teu rastro!...

E, olha: é isto o que, em síntese, a memória
Manda que em Verso, e em confissão, te conte,
E que é — si o Ciume é uma serpente — a história
De um pobre coração que foi Laocoonte.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

X

Samaritana

Da Vida pelo inhóspito caminho,
Da Juventude ao lânguido sol-pôsto,
Eu, Jesus sem discipulos, sózinho,
Vinha com sêde, a palidez no rosto.

Vinha... E vi-te; e, de súbito, me encosto
Ao pôço de Jacó do teu carinho...
A ânfora do coração me dás: e o gôsto
Da agua tem o poder do arcádio vinho.

Páro junto de ti, sedento e exangue.
E quedo-me a beber; porém, bebendo,
Beber pareço do meu próprio sangue.

Bebo; e a sêde me aumenta: em vão apago-a.
Bebo; e, mais fraco, de beber morrendo,
Mais sêde tenho de beber dessa agua!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

XI

Confiteor

Olha: eu sei que outro te ama, que palpita
Outro peito por ti. Nóto e conheço
Que a alguem votas paixão justa e infinita,
Que eu não disputo porque não mereço.

Amo-te, é certo; adoro-te, confesso,
E não deves querer que t'o repita;
És o objeto do culto que professo,
E amar-te é lei na minha sorte escrita.

Verme-ás, por isso, comovido e mudo.
Nunca te hei de falar, porque, na vida,
Quero vêr-te feliz, antes de tudo.

Segue, portanto, e deixa-me sózinho.
Deixa apenas que esta alma dolorida
Espalhe versos pelo teu caminho...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

XII

Canto Bíblico

Coração, servo meu que andas perdido
A' procura da casa de Nacôr
Si Rebeca não vês, e o teu ouvido
Não ouviu sua voz, desiludido,
Volta de novo para o teu Senhor!

Foste além dêstes pátrios horizontes,
Da terra agreste que me viu nascer.
E andando vales, e subindo montes,
Debalde foi que, num milhar de fontes,
De joelhos pediste de beber.

Quanta vez, ajoelhado no deserto,
Vendo rastro de lobos pelo chão,
Imaginaste, no teu sonho incerto,
Que, trazidas por Deus, pastavam perto,
Entre lírios, ovelhas de Labão?!...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Quanta vez, entre lágrimas, pediste,
No seio louro do areial cruel,
Aos peregrinos que em caminho viste
Que guiassem tua caravana triste
Aos campos fartos de algum Batuel?! . . .

E quanta vez, em desespêro, pelos
Vastos desertos, comovido e leal,
Pediste ao nosso Deus, a arder em zêlos,
Que te désse, de novo, os teus camêlos,
Arrebatados pelo vendaval?! . . .

E agora, triste, a soluçar, que fazes
A vagar nesses largos areiais?
Si não houve ninguem que as tuas frazes
Ouvisse, nem achaste um dôce oásis
Nesses desertos, que é que esperas mais?

Coração, servo meu que andas perdido
A' procura da casa de Nacôr,
Si Rebeca não vês, e o teu ouvido
Não ouviu sua voz, desiludido,
Volta de novo para o teu Senhor!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

PÓ DOS DESERTOS

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

I

O Inverno Cearense

A mão gelada, o gesto frio, o olhar nevoento.
Vem das bandas do Mar, das terras de que é dono,
Tapa os olhos do Sol, prende as asas do Vento,
E ergue no alto sertão, sôbre as núvens, seu trono.

Ouvindo a sua voz de alto e ríspido entono,
Toda a Serra, a tremer, veste o burel cinzento.
E o áureo Estio, a seguir as pegadas do Outono,
Pendura o cetro real á asa do Sol friorento.

A Terra é toda riso ante o Espôso que a anima:
As fôlhas, nos sertões, pelos galhos arruma,
Põe tapetes no campo, e abre flôres por cima.

E a pedir, para vê-lo, olhos d'agua ás entranhas,
Dá-lhe a rir, feito flôr, dá-lhe a orar, feito bruma,
Os beijos da Planície e o incenso das Montanhas...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

II

Daho-Upas

Toda verde, a bambear a alta copa redonda,
Sem ter visto, jámais, como uma asa se agita,
No amplo oceano da selva é, sem flôr, a única onda
Sem espuma e sem alga, esta árvore maldita.

A ave que, fatigada, ao vir de longe, sonda
O horizonte, si a vê, treme de horror, e grita:
A Morte em derredor das suas fôlhas ronda,
E na pérfida paz dos seus galhos habita.

Não ha inseto ou reptil que ao seu seio se arroje:
Tudo a deixa, alta e só, como em castigo eterno:
Teme-a a cobra rasteira; a áurea abelha lhe foge...

A angústia calcular dessa árvore quem ousa?
Na Terra, só, talvez, a alma do homem moderno
Onde a Crença não canta, onde o Sonho não pousa...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

III

Tempestade Amazonica

O calor asfixia e o ar escurece. O rio,
Quieto, não tem uma onda. Os insetos na mata
Zumbem tontos de medo. E o pássaro, o sombrio
Da floresta procura, onde a chuva não bata.

Súbito, o raio estala. O vento zune. Um frio
De terror tudo invade... E o temporal desata
As peias pelo espaço e, bofando, bravio,
O arvoredo retorce e as fôlhas arrebata.

O anoso buriti curva a cópa, e farfalha.
Aves rodam no céu, num estéril esfôrço,
Entre núvens de fôlha e fragmentos de palha.

No alto o trovão regouga e em baixo a mata brama.
Ruge em meio a amplidão. Das núvens pelo dôrso
Correm serpes de fogo. E a chuva se derrama...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

IV

O Bambú

Passa o vento: e o bambú, desde a cana mais forte,
Desde o feixe inicial á fôlha mais esguia,
Cadenciando o embalar, ora ao sul, ora ao norte,
Canta, geme, soluça, esbraveja, assobia...

Peito humano não ha que em seu bojo comporte
Tão complexo rumor, tão grandiosa harmonia:
Tem a queixa do Amôr, tem o grito da Morte,
A reza da Humildade e a blasfêmia bravia.

Não sei si alguem já viu que o bambú que se estira,
Canas direitas no ar, si o leque abre um momento,
Lembra, pontas no Azul, a fórma de uma lira.

Nele ha a prece, que implora, e a cólera, que berra.
— O bambú, com certeza, é a alta lira em que o Vento
Resume, para Deus, as mil vozes da Terra...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

V

Os Hiperbóreos

Cabeça erguida, o céu no olhar, que o céu procura,
Baixa o humano caudal, dos desertos de gêlo...
Em farrapos, ao sol, derrete-se a brancura
Da neve boreal sôbre o ouro do cabêlo.

Ulula, e desce; e tudo invade: a atra espessura
Dos bosques entra, a urrar e a uivar. E, uivando, pelo
Continente, a descer, ganha a húmida planura,
E a brenha secular, em sonóro atropêlo.

Assustam-se os chacais pelas selvas serenas.
A turba ulula, o drúida canta, enchendo os ares,
Entre os uivos dos cães e o grunhido das renas...

Escutando o tropel, rincha o pôldro, e galópa.
Derrama-se, a rugir, das geleiras polares,
A semente feraz dos Bárbaros, na Europa...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

VI

Condor

Foste um sonho do Azul. Viste rolar de perto
A áurea roda do Sol. No etéreo sorvedouro
Do Infinito, escutaste os temporais em côro,
O barulho do céu de mil nuvens coberto.

Asa ao vento, a bater no firmamento aberto,
Quanta vez, negro e só, viste, espantado, o louro
Bando de astros faiscar no intérmino Deserto
Como constelações de borboletas de ouro!

E subiste... A Amplidão te acalentou nos braços
Largos. Alto, a rolar, embalde o Sol faiscantes,
Crespas ondas de luz golfejou nos espaços.

E caíste, afinal, palpitante e convulso.
E hoje, guardas no olhar as mil nuvens distantes,
— Astro frio e sem luz, dentre os astros expulso!...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

VII

O Dilúvio

(TRADIÇÃO CARAÍBA)

A agua sóbe, a rugir: trepa os barrancos, ganha
Planuras de ervaçal e estéril pedregulho,
E, em clamôr, a espumar, segue os homens, e banha
Pés de outeiro, que lambe em raivoso barulho.

E encachôa-se, e ulula, e empola-se, e, na entranha,
Procura sepultar, com a terra, o humano orgulho.
E, em pouco, não se vê nem pico de montanha:
Sucede a espuma á flôr e á cantiga o marulho...

E' um oceano infinito, agora, a terra inteira.
No entanto, sôbre a paz dêsse Deserto ondeado,
Erra, ao sol e ao luar, uma ondeante palmeira.

E sôbre ela, hirto e nú, a vagar noite e dia,
Passa Tamandaré — brônzeo inseto pousado
No calix singular dessa flôr erradia...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

VIII

Oração de um Inca

Á Tebáida, onde, só, em lágrimas, me ajoelho,
— Ébrio, como um pagão, da luz que do alto desce —
Baixa, ó Sol, o caudal do teu sangue vermelho
Para ungir o meu sêr e abençoar minha prece.

Meu Deus único és tu: é a ti que êste Evangelho
Rézo: porque, sem ti, quem me beija e me aquece?
Quem põe o trigo môço á flôr do sólo velho?
Sob o olhar de quem é que a êrma terra floresce?

És tu, é ao teu olhar: que és o braço que acende
As estrêlas no céu, em minha alma o meu Sonho,
As flôres pelo chão e a lua que alto esplende.

E eis porque, sendo tu Fonte de toda Vida,
E' de joelhos, a orar, que os olhos em ti ponho
— O' longinquo farol da Terra Prometida!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

IX

A morte de Moisés

Na serra de Abarim, no pincaro alteroso
Do Nebo, entre o Mar-Morto e a planície infinita,
Moisés olha Canaân, que vê perto, e, saudoso,
Sente em baixo, acampado, o povo israelita.

Entre o Nebo e Canaân, passa, como uma fita,
O leito do Jordão. Ao longe, érmo e fadioso,
Treme e ondula o Deserto onde a raça bendita
Quarenta anos andou, sem destino e sem pouso.

Moisés olha o Deserto e a Terra Prometida...
Olha a Vida e o Passado e, impassível e forte,
Vê que a Morte é Canaân no Deserto da Vida...

Sente a Morte, e sorri... O fel da Morte bebe...
E, sorrindo, ao morrer, sente que o fel da Morte
Acalma o coração, como as aguas do Horebe...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

X

"Nippon"

Um dia, na Amplidão, por desígnio de Brama,
Alguem abriu no Cáos a flôr de uma ferida:
E o pólen dessa flôr é de sangue, e derrama
Sôbre o mundo, onde cái, como os pólens, a Vida.

E êste sangue tem fogo; e êste fogo tem chama:
Onde desce, a agua séca; e onde séca, florida,
Abre a Terra num beijo, e em carícias se inflama,
Dando beijos de flôr, tôda em flôres vestida...

E eram do coração, do músculo mais belo,
Mais sensível, que o Cáos, num rugir soberano,
Mil gôtas espalhou sôbre o Mar Amarelo.

E é de então que se vê, sôbre o mar agitado,
Palpitar, refulgir, no céu do Grande Oceano,
A áurea constelação das ilhas do Micado.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

XI

Sonho de Insone

Fugindo ao meu exílio, ao cárcere maldito
Em que tenho cativo o espírito sedento
Da embriaguez da Amplidão, da calma do Infinito,
Bato as asas do Sonho e córto o firmamento.

Rasgo as núvens no Espaço e os astros de ouro evito.
E, entre os beijos da noite e as carícias do vento,
Como um deus vitorioso, as asas no alto agito
E atravesso a Amplidão sem soltar um lamento.

Páro em meio do Azul. O coração que pulsa
E arfa, arranco do peito, e, — harpa sangrenta e langue,
Harpa enorme onde plange a minha dôr convulsa —

Tanjo-o no alto... E é tão grande a Dôr feita harmonia,
Que o Sol surge no Céu — ignea gôta de sangue,
Rubra e quente, a tremer na pálpebra do Dia!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

XII

A Conquista das Índias

Desde a Arábia-Feliz, desde os campos de Nisa,
Onde, em festa, cresceu, pelas Horas cercado,
Moço e livre, a brincar entre as Ninfas, e ao lado
De Sileno a beber, Baco as Índias divisa.

Divisa, e parte. E ao sol, como ao céu estrelado
A' noite, entre o rumor das fôlhas e da brisa,
Canta e marcha o cortejo, a ver si um dia pisa
As vinhas e os rosais dêsse reino encantado.

De gritos, de *evohés!* a floresta está cheia:
Gritam ninfas por Pan; fáunos berram em coórte;
Baco bebe, e sorri; Sileno cambalêa...

E a ampla selva estremece... E o amplo Ganges se avista...
— E o tirso abre na Terra a página mais forte
Da história original da Audácia e da Conquista!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

CORAÇÃO

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Coração

Dizem que se ama uma só vez na vida...
O amôr, no entanto, para mim, parece
Taça espumante que, uma vez bebida,
Si outra vez se beber, mais apetece.

O coração é uma árvore florida,
Que dentro em nós, sem o querermos, cresce,
E que, sempre a dar flôres, á medida
Que os botões se lhe arrancam, mais floresce.

A mão do Tempo essa árvore maltrata.
Mas, qual planta podada, dia a dia,
Mais em ramos e flôres se desata:

Que era nos turvos séculos remotos
Que o coração, para dar flôr, possuia
A indolência romântica do lótus...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

I

Columba Cœli...

Como essas pombas cândidas que, outrora,
Aos santos iam, no recolhimento
Dos desertos, levar, terras em fóra,
Sob o nome de Deus, todo alimento:

— Meiga rôla amorosa, ave que o vento
Da candura protege! — entre sonora
Legião de ânsias, ouvindo o meu lamento,
Nesta fome de amôr, me vens agora!

Para mim, és a irmã da ave bendita
Que em Siôpa descia á terra infanda
A alimentar um mísero eremita:

Que eu, si te vejo, sôfrego, diviso
O alimento vital, que o céu me manda
Nos teus olhares e no teu sorriso!...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

II

Tu . . .

Quando alguem me pergunta, porventura,
Quem me faz de outros tempos diferente,
Pensas tu que teu nome se murmúra,
Que o exponho á ânsia voraz de toda gente?

Não; digo apenas o seguinte: é pura,
Casta, simples, e meiga: é uma dolente,
Cáuta rôla de tímida candura,
Flôr que menos se vê do que se sente.

Mimo de graças e de singeleza:
Clara estrêla arrancada a um céu profundo:
Dôce apoteose da Delicadeza . . .

Nesse ponto, de súbito, me calo;
E, sem dizer teu nome, todo mundo
Fica logo sabendo de quem falo!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

III

Dôce Castigo

Uma vez, em tempos longes,
— Diz uma história, — um bandido
Nas terras de uns certos monges
Penetrou, cáuto, escondido.
E roubou... Tudo que havia,
E os olhos viram, roubou.
E fugiu; mas, si fugia,
Não sabe como se achou,
Depois de correr um dia
E uma noite, sem parar,
No local donde corria.

(Dizem que isso era magia
Dos monges dêsse logar.)

Li essa lenda ainda ha pouco,
E estou pensando si não
Parece a história de um louco
Sonhador, que um coração
Roubou, não longe daqui:
Enfim, si não sou eu, cujo
Crime sei que cometi,
E, á medida que te fujo,
Mais fico perto de ti!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

IV

Estranho Mar

Elsa, perdôa! mas, teus olhos cheios
De tentação, teus trêfegos, macios
Olhos verdes, recordam-me, entre anseios,
Os velhos mares e os antigos rios.

Neles, como ao luar em garganteios,
Entre os uivos do mar e os ventos frios;
Alvas Nereidas de empinados seios,
Tritões ferózes e Golfins vadios, —

Eu vejo tudo que o teu sêr resume:
Nereidas d'Ânsias, o Nereu errante
Do Amôr, o bando dos Tritões do Ciume,

E, entre ondas d'ouro, sem que o mar deforme,
Um leito d'algas e de musgo ondeante
Onde a Sereia da Volúpia dorme!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

V

A Borboleta

I

Vendo o céu limpo e calmo, e o Sol brilhando
No alto azulado, trêfega e vadía,
Vê-lo de perto, lépida, bailando,
Quís uma flava borboleta, um dia.

E abrindo as asas trêmulas e alando
O corpo frágil d'entre a ramaria
Rociada, as moitas e os rosais deixando,
— Qual uma leve pétala erradia, —

Na onda do vento que a arrebata e anima,
Rodopiando, festiva e tonta, pelas
Vagas de ouro, e a embalar-se Altura acima,

— Ei-la em busca do Sol, de asas expertas,
Julgando o louro apagador de estrêlas
Uma rosa de pétalas abertas!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

II

E sóbe. Uma ave, no velóz violino
De ouro da argêntea e módula garganta,
Vendo-a no alto bailar, ensáia um trino
Mavioso e claro, as penas riça, e canta...

E ela, travêssa e esbelta, entre o ouro fino
Da luz dourada, que na altura a encanta
E a inebria, mergulha, e o pequenino
Corpo acima das árvores levanta:

Enquanto em baixo, tímida e pequena,
Uma flôr, d'entre a rórida ametista
Da folhagem, com as pétalas lhe acena,

Ao vêr que o Sol, com as coruscantes brasas
Do olhar dourado, vai tirar-lhe a vista,
E, entre os astros, no céu, prender-lhe as asas!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

III

E ei-la no Azul. O Sol, o Azul tauxeia.
A luz gloriosa, numa loura chama,
Se alastra. Uma harpa na Amplidão gorjeia
E harmonias orfeônicas derrama...

E tudo busca a borboleta! Cheia
De amôr e de ânsia, fulgurando, a trama
De ouro do Sol a envolve; o vento ondeia,
E sopra, e, em festa, buliçoso, brama!

E ei-la vencida pelo Sol que a embriaga
E a doura: envôlta no fulgor faiscante
Da luz que os vastos páramos alaga!

Tonta e perdida! enquanto o vento arpeja
E canta e sopra e a leva, e a luz, brilhante
E forte, a cega, e, num delirio, a beija!...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

IV

Minha senhora:
Semelhante áquela
Borboleta que, o Azul buscando, alada
Ficou na altura, tímida e amarela,
— Como uma viva pétala assustada, —

Minh'alma, vendo a enganadora estrêla
Do Amôr fulgindo em vosso olhar, em cada
Pupila vossa, em alvorôço, pela
Luz, subiu a essa abóbada estrelada.

E subiu tanto, alvoroçada, e tanto
Se deslumbrou na célere subida,
Que, deslumbrada e extática de espanto,

Longe da Vida, de híspidos abrolhos,
Ficou bailando, trêmula, perdida
No luminoso céu dos vossos olhos!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

VI

Anima Dolens

Tens uma alma tão tímida, tão suave,
Que eu, para tê-la aqui, dôce, e em segredo,
Pus na voz rumorejos de arvorêdo,
E no meu coração ternuras de ave.

Fui carícia, fui pássaro que a medo,
Na sombria floresta imensa e grave,
Procura outro em que os olhos pouse e crave,
E o acaricie sôbre um ramo quedo.

E achei-te, enfim, entre o rumor da mata,
Na selva escura desta Vida, onde eras
A ave mais amorosa e timorata:

A ave piedosa que eu buscava em sonho,
— Ave que não saudava primaveras
Mas saudava um crepúsculo tristonho...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

VII

Verdades...

Tive uma árvore. Plantei-a
No jardim; até que, um dia,
Por um capricho, arranquei-a.
Tirei-a toda; e, na areia,
Na areia molhada e fria
Onde essa árvore crescia,
As fôlhas verdes, e as flôres
Dos mais risonhos matizes,
Cobriram de várias côres
Todo o lugar das raízes.

*
* *

Depois, eu tive um afeto.
Tive um afeto, e deixei-o
No recanto mais secreto
Da minh'alma e do meu seio
Crescer e florir...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

E, um dia,
Por ciumes, arranquei-o.
Arranquei-o; e desde então,
— Á semelhança das flôres
Sôbre as extintas raízes, —
Na minha dôce ilusão,
Procuro novos amôres
Que cubram as cicatrizes
Que tenho no coração...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

VIII

Sem Amar

Qual de vós, argonautas, em verdade,
Indo de ignota Cólchida ás areias,
O Lucárnia passou da Mocidade
Sem render-se á cantiga das Sereias?

Qual de vós poderá, na inquieta idade,
Com os ouvidos abertos, sem cadeias,
Ser mais forte que Ulisses? e alto brade
Não ter sangue de fraco a arder nas veias?

Qual de vós passará sem que, vencido,
Cáia logo ao sentir o canto, ou prece,
De uma dôce Parténope no ouvido?

Qual já viu, por tal feito, o seu tesouro?
— Pois, si houvera um Jasão que tal fizesse,
Da ventura acharia o Vélo d'ouro!...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

IX

O Aeroplano

(HENRI ALLORGE)

Deslisando, a fugir, asa ao Sol distendida,
Trepidando, a pulsar, como um peito angustiado,
Passa o leve aeroplano, a voejar pelo prado,
Sôbre a relva do chão, como uma ave ferida.

É vôa; e cada vez a aumentar o aéreo passo,
Num contínuo subir, ala-se, aos poucos, no ar,
E sóbe; e fende a altura; e domina o êrmo espaço,
— Aguia imensa e velóz, que ensinamos a voar.

Rasga, enfim, na amplidão, de altas nuvens o véu.
E arremessa-se, audaz, e da altura domina
Bosques, aguas de mar, a cidade, a colina,
A tentar, solitário, a conquista do céu...

*
* *

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Da mesma fórma o Amôr, infeliz ou risonho,
Começa por se erguer lentamente do chão:
E, abrindo dentro em nós a asa feita de sonho,
Eleva-se a levar o nosso coração.

E a seguir no seu surto atenuado ou violento,
Póde, assim, dominar alturas soberanas,
— Aeroplano a zombar da inconstancia do vento —
Desdenhando o bramir das misérias humanas.

Continuando a subir, entre as nuvens da altura,
Buscando, sem cessar, sóis de gôsos sonhados,
Cégo e só, esquecendo os caminhos voados,
Chega, enfim, a pairar nas regiões da Ventura.

Mas, ás vezes, tambem, as procelas zangadas
Envolvem-n'o, em clamor, na alta esfera dos mundos:
E os fracos corações, de asas esfaceladas,
Despenham-se do céu, sôbre o chão, moribundos...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

X

Saudade

I

Dominando a planície, a fronde aberta
Ao Sol, beijada pela ventania,
De áureas flôres e pássaros coberta,
Farfalhando, aquela árvore se erguia.

Quando o Sol, pelo azul, a chama experta,
Como um jalde crisântemo — se abria,
Cantava logo um rumor d'asa, e, alerta,
Logo o bando de passáros a enchia.

Era toda rumor. Suaves, bailando
Em tôrno, havia, namoradas d'ela,
Borboletas intrépidas, em bando.

E, do chão, como fúlgidas centelhas,
Insetos de ouro vinham vêr aquela
Dôce amiga de pássaros e abêlhas.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

II

Uma noite, porém, vem a procela.
Vem a procela pela treva e, á tôa,
Sacóde arbustos pelo campo, e pela
Selva assustada vento e nuvens côa.

E aquela fronde sempre em festa, aquela
Fronde verde, aquela árvore tão bôa,
Tão amiga dos pássaros, tão bela
E larga, o vento, o temporal levou-a!

Levou-a! Os galhos sacudindo, as ramas
Torcendo, embalde, súplice, clamava,
A tremer, dos relâmpagos ás chamas...

E ainda a abraçar seus pássaros e as heras,
Caiu, — enquanto o temporal rufava
Em tambores de nuvens, nas esferas!...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

III

Quando o Oriente acordou, rosado e cheio
Da alegria da luz, e o Sol, faiscando,
Coruscou, flavo e límpido, no meio
De nuvens de ouro, para a terra espiando,

Não viu mais aquela árvore acenando
Aos insetos e pássaros com o seio
Farto de sombra e músicas. Chamando
Por êle, nem um trêmulo gorgeio!

Apenas luz que, morna e loura, alaga
E invade tudo em vórtices, e cresce,
E fulge, e tudo em derredor embriaga,

—Enquanto, humilde, em tôrno a um tronco, a alfombra
Chora, rociada, e, víride, estremece,
A guardar os sinais daquela sombra!...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

IV

Foi assim teu amôr! A calma infinda
Da minh'alma, como a árvore que abria
A fronde ao vento da planície linda
E vasta, inteira o teu amôr a enchia.

Num maguado rumôr, á luz macia
E loura, feita de carícias, vinda
Dos teus olhos tão límpidos, ainda
Morrendo, em mim o seu calor sentia.

E hoje, que é feito dêsse amôr? que resta
Dêle, em meu seio? — Semelhante á alfombra
Verde, que ainda hoje essa planície infesta,

Da alma ferida escancarando as portas,
Sinto sómente esta saudade — sombra
Misteriosa das venturas mortas!...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

XI

No Berço do Deus Amôr

De uma terra longinqua, onde vivia
Desfrutando meu íntimo tesouro,
Vi, sorrindo, descer um raio louro
Do céu alto da minha Fantasia.

E, — rei mago feliz — á falta de ouro,
O incenso e a mirra junto e parto... E, dia
E noite, ando: e ora subo serrania,
Ora desço ao mais fundo sorvedouro.

Guia-me os passos uma estrêla d'Alva.
Dizem vozes, no céu, que, no Universo,
Já ha alguem que me redime e que me salva.

E eis-me, ó Deus, a teus pés, crente e risonho:
Baltazar — trago o incenso do meu Verso,
Melchiór — trago a mirra do meu Sonho!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

XII

História de um Jarro

Era um vaso de plantas, tôsco e rubro,
Que, um dia, ao barro humílimo arrancado,
Foi, tostado de fogo e sol de outubro,
Por artífice ingênuo trabalhado.

Logo ao ser jarro, foi-lhe a sorte amiga.
Rotundo e forte, púrpuro de côres,
Foi parar num jardim de casa antiga,
Onde o encheram de adubo, e onde deu flôres.

Quando lá penetrou, moço e vasio,
Crepitando de sêde ao sol ardente,
Deram-lhe de beber, durante o estio,
E, pelo inverno, deram-lhe semente.

E êle soube ser grato... Farto e cheio,
Rebentando de seiva e a ânsiar de vida,
Em paga da semente, abrindo o seio,
Deu em flôres tôda a alma agradecida.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

E era sempre florído. A planta altiva
Que o flóreo canitar sôbre êle ondeava,
Cada dia mais próspera, mais viva,
No seu seio as radículas cravava.

E ouvindo o brando, o trépido barulho
Da virente folhagem que o cobria,
O pobre jarro enchia-se de orgulho,
E, embriagado de orgulho, envelhecia...

Mas, uma tarde, dessas que na vida
Dos jarros e dos homens não se esquecem,
Êle nota que está menos florída
Tôda a planta, e que os ramos emurchecem.

Nota, conhece; e, prescrutando o seio,
De onde lhe vinham sensações felizes,
Sente que de raizes está cheio,
Que os adubos prenderam-se ás raizes.

E alguem que o olhou tambem tal viu. E a planta
Segurando, por gôsto ou por acaso,
Pela cópa, a elevou com fôrça tanta,
Que a tirou, com as radículas, do vaso.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Tirou-a, ergueu-a, alteou-a no ar; e olhando
Como alí, pouco a pouco, envelhecêra,
Viu que a erguía inteiriça, ao pé levando
Todo o adubo do vaso em que vivêra.

E olhou, depois, em derredor: — a um lado,
Escancarando a bôca ampla e sombria,
O inútil vaso, irônico, o fitava
Com a irrisão da sua órbita vasia.

E eu tambem, por acaso, olhei o jarro.
E ao vê-lo, assim, abandonado e antigo,
Descobri na mudez daquele barro
A alta voz dum irmão ou dum amigo.

E pensei: quanta gente neste mundo,
Muita vez, sem o mínimo proveito,
A semente do Amôr planta no fundo
Do coração, bem no íntimo do peito.

Planta, cuida, protege, ampara, empréga
Para vê-la florir, dôr e alegria,
Desfazendo-se em lágrimas, si a réga,
Chorando de prazer, si a acaricía.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Fá-la, enfim, sua luz, seu deus, seu tudo:
Nada mais, longe dela, nesta vida,
Vê — como o vaso imprevidente e rudo
Áquela planta víride e florida.

Deixa, permite, imprôvida consente,
Tendo o espírito ao mundo sempre alheio,
Que essa forte afeição continuamente
Lhe aprofunde as radículas no seio.

E deixa de tal modo a invasão franca,
Na indolência dum jarro ou duma pedra,
Que, si a quer arrancar, um dia, arranca
O próprio coração onde ela médra.

E, depois, que lhe resta, si consiste
Em possuir coração a vida fútil,
Sinão — pobre mortal, aquela triste
Vida de jarro abandonado e inútil?

Que lhe resta, si tudo que bem fundo
Guardava aquele coração quieto,
Com o próprio coração, que era o seu mundo,
Nas raizes, levou-lhe aquele afeto?

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

*
* *

Vós que amais, e do Amôr sentís o efeito,
Tende, portanto, o máximo cuidado:
Não o deixeis ter raíz em vosso peito...
Recordai-vos do jarro abandonado!...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

SÍMBOLOS SELVAGENS

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

O Exêmplo das Cousas

Si o pó do chão, que a própria larva humilha,
Que o sapo estérca e o bácoro babuja,
Turva o sol e, á luz dêle, no alto brilha,
Si ha temporal que o ponha na asa, e fuja;

Si a água da terra, a água vencida ou suja,
Que o homem turva com os pés ou prende em bilha,
Evapóra-se um dia, e é núvem, cuja
Fórma ou côr aos de baixo maravilha:

Por que é que tu, por entre os homens, a êsmo
Andas, órfão de fé, sem ter coragem,
Sem a confiança mínima em ti mesmo?

Tens a alma, acaso, á Natureza alheia?
Si ainda a tens, sê tenaz, e á sua imagem:
Olha o mundo imortal que te rodeia!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

I

A Crassulácia

A Crassulácia da Africa (*crassula rochea*), e algumas diónias e estapélias, plantas de flôres exquisitamente lindas, vivem, no alto das árvores, da atmosfera ambiente, decompondo o ar, de que se nutrem. Linneu chamou-as MIRACULUM NATURAE...

I

Na soturna floresta, onde, bravía,
A alma selvagem, bárbara, pompeia
Do inseto de ouro á larga ramaria
Que a árvore anosa pela espaço arqueia, —

A mão da Natureza, alada, um dia,
Chega e, amorosa, de carícias cheia,
Na alta cópa de uma árvore sombria
Uma semente, pródiga, semeia.

Semeia, e parte... Anos depois, na ignota
Ramagem secular, que á luz se aquece,
A semente-mistério estala, e bróta.

Bróta... E a planta, a florir ao sol violento,
Com as raízes pelo ar, viver parece
Do ouro da luz, da música do vento...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

II

Sonhador, meu irmão, que entras na lida
Dêste mundo a fazer do Sonho audacia,
Tu te livras do lôdo desta vida
Como aquela exquisita crassulácia.

Que importa a Terra em derredor? Devassea-a
Do homem-lobo a atra luta fratricida,
Tu serás como a cópa duma acácia
A ondular sôbre um pântano, florida...

Nada á Terra te prende. A' semelhança
Dessa alta parasita, a luz bebendo,
A tu'alma elevada se balança...

E assim passas, de espírito risonho,
Alto, longe de tudo, só vivendo
Do que existe na esfera do teu Sonho!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

II

O Mapuá

Serpente negra, de aparência bela,
Do coração de Marajó fluindo,
Desce o escuro Mapuá, na húmida tela
Da agua o verde das margens refletindo.

Tudo é alegre em redor. Nele, florindo,
Mira-se a parasita. E a árvore, a umbela
Sôbre êle aberta, as flôres sacudindo,
A superfície plácida lhe estréla.

Entretanto, outra cena se desdobra
Na água profunda: no soturno leito
Movem-se o bôto, e a pirarara, e a cobra...

Que o sombrio Mapuá, negro e profundo,
De face lisa, é um símbolo perfeito
De muito coração que ha neste mundo...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

III

Alegria Secreta

(CEARÁ)

E' numa serra da áurea terra cheia
De angústia e sol. Entre árvores bravias,
Dôce, ondulada, rumorosa veia
Passa, cantando, sob as ramarias.

A mata chora, estremecendo... E, alheia
Ao rumor das selvagens agonias,
A corrente gentil repete á areia
O segrêdo das águas fugidias.

Poeta, tu'alma é como a selva: sentes
Dentro dela um clamor cavo e sombrio:
Mas, como a selva de árvores virentes,

Cheia dêsse rumor que te arrebata,
Nota que ha, dentro em ti, longínquo e frio,
O murmúrio de um córrego de prata!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

IV

No Templo de Pan

Tu, que és pequeno, e que possues no inferno
Do teu sangue a ambição que te fustiga,
Olha em roda a floresta em que te interno,
Vê como é tôda conselheira e amiga.

Olha aquela ave e olha êste inseto: a briga
Do alto e do pó; e lembra-te que é eterno
A ave o chão ter por túmulo, e a formiga
Ser mariposa, quando chega o inverno.

E ama a luta, ama a fôrça, ama o trabalho:
Olha esta hera tenaz quando começa
A trepar, a subir de galho em galho.

E, vai, depois, dêstes sonoros templos,
Indagar si ha outro deus que te ofereça,
Para seres feliz, tão bons exemplos!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

V

Ansia Eterna

Triste herdeiro de Agar, sem água e tenda,
Nestes longos desertos africanos,
Já andei, mísero réprobo de lenda,
A eternidade de vinte e três anos.

Em martírios tantálicos e insanos,
Pobre Ismael! morreu meu Sonho... E a senda
Continúo, a clamar por Deus e humanos,
Sem achar quem responda ou quem me entenda.

Quantas vezes, no entanto, em tôrno escuto
Uma voz d'água, em trépido bulício?
E os olhos abro: tudo em roda é enxuto.

Durmo outra vez: a água repete o arpejo...
De onde é a voz que me traz êste suplício?
Onde corre êsse riacho que eu não vejo?

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

VI

A um Amôr-Perfeito

Amôr-perfeito, há algum tempo,
Na minh'alma, apareceu
Uma semente dourada
Que fecundou e cresceu,
E abriu em flôres macias
Que têm nome igual ao teu.

Outro dia, por acaso,
Tomei de uma flôr, e vi:
Tem os mesmos raios tristes,
Os mesmos que tens em ti;
E ao vê-los, eu nem te conto
A tristeza que senti!

São raios da mesma fórma,
São veios da mesma côr:
Dentro delas se entrelaçam
Os tristes raios da dôr.
E, sem mágua, amôr-perfeito,
Não sei de perfeito amôr...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

VII

Alma Selvagem

Estio. A selva, em rumorejo á iriada
Luz do sol, que a fecunda e acaricía,
Em cada rama, em cada flôr, em cada
Fôlha, freme de dôr e de alegria.

A luz alaga todo o espaço; e ébriada
Na vitória da luz, a ramaria
Chora e canta. Entre as árvores, que alada
Harpa intangível sólta esta harmonia?

Onde o largo pulmão destas inquietas
Ramarias de pânicos clamôres?
Quem compreende estas músicas secretas?

Quem traduz êste cântico sombrio?
— E eu sinto na alma os múltiplos rumôres
Das amplas selvas ao calor do Estio...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

ALMA PRIMITIVA

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Alma Sertaneja

Floresta espessa e secular: Bravias
Trepadeiras subindo; e o bando feio
De aves de agouro; e insetos, pelo meio
Das selvagens e largas ramarias.

Desbravá-la, aclará-la, embalde veio
O braço humano: trabalhando dias
E dias, ninguem pôde, entre as sombrias
Ramas, fazer o sol descer em cheio.

E ficou como dantes, sob o etéreo
Pálio imenso do céu: ébria de um rudo
Rumorejo longínquo, e de mistério.

Mas, serena, a ser sempre o que antes fôra,
Continúa espalhando sôbre tudo
A generosa sombra protetora...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

I

A Sôlha

(LENDA DO NORTE)

Quando Nossa Senhora andava pelo mundo,
Trazendo ao cólo um deus, foi bater, certo dia,
A' hora da prêamar, a um rio muito fundo,
De barreira muito alva, e água muito sombria.

Era um risco passar. Mas a Virgem Maria,
Ante o equóreo lençol todo em peixes fecundo,
Quís saber, vendo perto um sôlha vadia,
Si o rio, na vasante, era feio e profundo.

E indagou: "Sôlha, dize, a maré enche ou vasa?"
Mas a sôlha, a zombar, por um hábito antigo,
Torce a bôca, e a arremeda, a pular na onda rasa.

E é daí, e em razão dêsse negro pecado,
Que a sôlha começou, por severo castigo,
A rodar pelo mar, tendo a bôca de um lado.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

II

A Morte de um Seringueiro

(QUADRO AMAZÔNICO)

E' nas ilhas, no centro, alta noite. Deitado
Em palhas de bossú, num misero casebre,
Sem confôrto, sem luz, sem uma alma a seu lado,
Soluçando de sêde e tremendo de febre,
De um longe seringal da selva americana,
Que nem mesmo, siquer, um córrego percorre,
E onde a voz que se erguer não tem resposta humana,
— Um jovem seringueiro, empaludado, morre. .

Tudo é triste em redor da barraca pequena.
Apenas o trilar dos insetos na mata;
A brisa; e um sapo-boi, que, na noite serena,
Berra a angústia que o aflige, a paixão que o arrebata,
Ao fitar uma estrêla — uma quieta falena
De ouro, que, do alto céu, no paúl se retrata.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

O jovem seringueiro, a arder de febre, escuta
O barulho que, em roda, a Natureza espalha:
Farfalham buritís; como em tímida luta,
Dôce, aflita, a bolir, a meter-se entre a palha
Do této da barraca, e entre os ramos, a brisa
Em segrêdo murmúra, e estremece, e farfalha,
E soluça, e se escapa; e entre as fôlhas desliza...

E êle, ardendo de febre, e em delírio, ouve tudo...
Sente sêde. Em redór, debalde a mão tremente
Busca, inquieta, a apalpar, o pote antigo e rudo,
Onde pensa encontrar a água que o dessedente.

E, apalpando, deitado, o canto da barraca,
Com a mão grossa a tatear pelo soalho vasio,
A um canto, junto á palha, a mão tremente estaca,
E apalpa um pétreo objeto impassível e frio.

Aos seus olhos, em luz, a alegria se eleva.
E trazendo, a tremer, o pétreo corpo á vista
— Que ardente se derrama e se apaga na treva —
Põe-no junto do olhar... Na ilusão da conquista,
Busca levá-lo ao lábio; e sorrindo de gôso,
Na ânsia louca da febre ao lábio descerrado
Leva-o, morde-o chorando, e, convulso, sequioso,
Com mais febre a tremer, deixa-o caír ao lado.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

E' um búsio... E o frio búsio, ao tombar, fica unido
A' cabeça febril do cabôclo, ficando
Tôda a concha sonora em frente ao seu ouvido.
E o jóvem seringueiro, em delírio, escutando
O secreto rumor do búsio, se debruça
Mais sôbre êle; e estremece, e abre os olhos, notando
Que, alí dentro, alguma alma, em silêncio, soluça.

E une-o mais, junto ao ouvido. A secreta harmonia
Que ouve, fá-lo surprêso. Um clarão vago e leve
Aclara-lhe a memória. E êle vê, na sombria
Noite do seu delírio, o delírio que teve.

E recorda-se: — é o búsio... E ainda tremendo, tonto
Pela febre, da palha ao medroso farfalho,
Recorda que com êle, ás três horas em ponto,
Chamava o companheiro ao insano trabalho.

Recorda, reconhece... A mente se lhe aclara:
E' a concha que lhe lembra os dias em que, incerto,
Viera do alto sertão — o búsio que encontrára
Quando a primeira vez vira as ondas de perto.

Põe-no, então, junto ao lábio; e, soprando, sonóra,
A alma, no último esfôrço, a voar de fronde em fronde,
Manda, no som do búsio, a vibrar mata em fóra...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

E, apenas, muito longe, o éco, triste, responde...

Leva-o de novo ao ouvido, e, de novo, delira...
Delira e sonha. E ao som, aos rumores que sente,
Aos rumores do búsio e ao som daquela lira
Que anda a rir e a chorar pela noite dormente,
Vôa, na asa do sonho, através da distância,
A uma terra longínqua onde o céu é inclemente
E onde alegre viveu sua primeira infância.

E ei-la á vista: E' o sertão amplo e ondulado, cheio
De serrotes azuis e ampla várzea cinzenta:
E' um fantástico mar petrificado em meio
De uma hora de cruel e indizível tormenta.
E, ao longe, um pouco além de uma dôce e pequena
Povoação sertaneja, onde o campo se acaba,
Estendida, azulada, entre a névoa serena,
A fechar o horizonte, ergue-se a Ibiapaba.

E' nos fins do verão: tudo é plácido e feio.
Inundado de luz, tudo é quieto e tristonho...
Não se vê cintilar um só açúde cheio:
Tudo o sol reduziu a êste quadro de sonho...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

E eis o inverno, afinal!... Pelos campos macios,
Tudo mostra o esplendor das eternas farturas:
A cantar no correr dos riachos vadios,
A sorrir no verdor das espigas maduras.

Pelo campo sem fim a vista érra e se perde.
E' quando o Ceará pelo céu se não troca:
O sertão ondulado é um largo oceano verde
Do pé da Serra Grande ao pé da Meruóca.

E vê tudo... A tremer, entre o verde infinito,
E entre a névoa que ao sol se dissipa e esvoaça,
Revê tudo o que viu: a Sant'Ana, o Mosquito,
A Lapa, o Pacujá e a igrejinha do Graça...

E, entre o mato, a correr, bulhentos e sombrios,
Sôbre o dôrso a levar largos flóculos brancos,
Descem, turvos, roncando, os riachos e os rios,
Com línguas de água escura a lamber os barrancos.

Olha: conhece-os bem: é o Jaibara que ronca,
E, no inverno, a espumar, desce da Ibiapaba.
E' o outro o Acaraú, que com êle se encontra...
Brame aqui o Jatobá; canta adiante o Ipuçaba...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

O verde carnaubal bate os leques á brisa...
Tudo vibra em redor pelo campo empastado:
Ao sereno rumor dum riacho que desliza
Ha balidos de ovelha e mugidos de gado...

E, ao barulho da concha, o farfalho das matas
Ouve em festas; e o olhar tôda a distância vence:
E no ouvido, e no olhar, sente em carícias gratas
Todo o imenso esplendor da terra cearense...

De repente, porém, tudo fugir parece.
Fria, a noite, em redor, entre as palhas, suspira.
E o jovem seringueiro, em delírio, estremece...
Deixa o búsio cair... treme de novo... e expira...

Depois... volta a quietude á barraca pequena.
Apenas o trilar dos insetos na mata;
E a brisa; e o sapo-boi, que, na noite serena,
Berra a angústia que o aflige, a paixão que o arrebata,
A fitar uma estrêla — uma quieta falena
De ouro, que, do alto céu, no paúl se retrata...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

III

Na Serra de Maranguape

Foi aquí, neste píncaro alteroso
Que o maior dos indígenas encerra,
Que o sol beijou o camocim cheiroso
De Maranguab — o sabedor da guerra.

Seu camocim já transbordava. A terra
Que o mar banha, era sua. Cego e idoso,
Trocou as ondas pela verde serra
Onde a água salta sob o céu radioso.

Velho guerreiro potiguar! teu nome
Não mais se apaga desta serra imensa,
Dêste peito de pedra não se some:

Que o Pirapóra, que marulha e espuma,
Inda guarda o teu túmulo, e te incensa
Com o seu frio turíbulo de bruma!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

IV

Dôr

"Ha de ser uma estrada de amarguras
A tua vida. E andá-la-ás sózinho,
Vendo sempre fugir o que procuras..."
Disse-me um dia um pálido adivinho.

"No entanto, sempre has de cantar venturas
Que jámais encontraste... O teu caminho,
Dirás que é cheio de alegrias puras,
De horas bôas, de beijos, de carinho..."

E assim tem sido... Escondo os meus lamentos:
E' meu destino suportar sorrindo
As desventuras e os padecimentos.

E no mundo hei de andar, neste desgôsto,
A mentir ao meu íntimo, cobrindo
Os sinais destas lágrimas no rosto!...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

V

Íntimo

Minha mãe! minha mãe! Tu, que adivinhas
Esta mágua amaríssima que eu canto,
Tu, que trazes as pálpebras de pranto
Cheias, tão cheias como eu trago as minhas;

Tu, que vives em lágrimas, e tinhas
A vida, outróra, tão feliz, enquanto
Dêste teu filho, que tu queres tanto,
Tôdas as máguas serenando vinhas;

Tu, que do astro do Bem segues o brilho,
Pede ao Deus que, apesar das tuas dôres,
Ainda persiste a castigar teu filho,

Que eu não morra a sofrer, como hoje vivo,
Esta angústia de uma árvore sem flôres
E esta mágua de pássaro cativo!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

VI

Na Piraqueira

(ALMA DE CABÔCLO)

De aracapá de luz violenta á prôa,
Jamaxí junto aos pés, remando a igara,
A fazer piraqueira, á noite, á tôa,
Vela o cabôclo, procurando a embiara.

Tudo é silêncio em derredor. E para
Descer o igarapé, nunca ha tão bôa
Noite, em tempos como êstes, em que a iara
Não faz embiara de uma só pessôa.

Súbito, um burití, caíndo do alto,
Quebra a quietude da água escura e fria.
E o cabôclo levanta-se de um salto...

Homem não é que com temôres ande.
Mas..., tem medo de vêr a iara um dia,
E uma noite encontrar a cobra-grande!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

VII

São João

São João! Como a alma se sente cheia
De uma exquisita recordação!
Parece que anda, corre, serpeia
Uma saudade, de cada veia,
Para abrigar-se no coração.

O' dias idos, tempos passados,
Para onde esta alma foge, e se encerra;
O' sorridentes junhos gosados
Nas cercanias dos povoados
Dos sertões lindos da minha terra!

Como eram suaves aqueles dias
Na paz serena dos meus sertões;
E como trazem melancolias,
Tornam-se amargas, ficam sombrias
As horas destas evocações!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Que lindas primas eu tive outróra,
Tão venturosas, frágeis e puras,
E que fugiram, passado afóra
Como uma plúrea legião canóra
Que se dispersa pelas alturas!...

Adélia, Sílvia, Láura, Lucila,
Tambem acaso não vos lembrais,
Daquelas noites, na nossa vila,
Tão pequenina, mas tão tranquila,
Naqueles junhos que não vêm mais?

Não tendes na alma, pura, a lembrança
Daquele ingênuo, dôce folguedo
Em que reunidos na mesma dansa,
Com um simples, leve roçar de trança,
Ficáveis, logo, brancas de mêdo?

Talvez agora, neste momento,
Em que aqui cismo, saudoso, a sós,
Tambem, com os braços do pensamento,
Tenhais tirado do esquecimento
Os breves nomes de todos nós.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

E tereis visto, nesta saudade,
A diferença dos dois extremos:
Os nossos dias da mocidade,
Nossos amôres, pura amisade,
E a paz ingênua que já não temos...

Sílvia, tu que eras a mais faceira,
Não te recordas do São João,
Em que alto tronco de bananeira
Feriste fundo, com a mão certeira,
Para alimento de uma ilusão?

E tu, Adélia, de gesto frio,
De olhos traindo secreta mágua,
Já te não lembras mais do navio
Que viste, claro, singrando um rio,
Na transparência dum copo dagua?

E tu, Lucila, de vulto etéreo,
De mãos de neve, de olhos azuis:
Como mentiram, no seu mistério,
Aquelas fórmas de cemitério,
Com sepultura sob uma cruz!?...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Ah! que felizes tempos risonhos
Tão povoados de fantasias...
Como ficamos cêdo tristonhos!
Ai! quem nos dera ter novos sonhos,
Com a dôce volta daqueles dias!

Talvez, na mesma porta de rua
Brilhe a fogueira, corra o aluá:
E os mesmos velhos, e a mesma lua,
Cubram de bençãos a gente sua,
Que é a minha gente, que deixei lá.

Talvez, nos mesmos lindos lugares,
Sob a doçura dos mesmos climas,
Rebentem fogos, atroando os ares,
E novos moços, fazendo pares,
Tenham sorrisos de novas primas.

Todos os anos, por êste dia,
A gente moça vai, como nós,
Tôda ventura, tôda alegria,
Saltar ao fogo, fazer magia,
Como o fizeram nossos avós.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Por isso, agora, como um duende
Que por países distantes erra,
Minha alma os braços tristes estende,
Muda, nas horas em que se acende,
Rubra, a fogueira, na minha terra!...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

VIII

O Bôto

(LENDA AMAZÔNICA)

Eis uma alma penada: é a triste embiara
De um pagé poderoso e vingativo,
Que a um mísero cabôclo condenára
A morar dentro dagua, enquanto vivo.

Nunca, pois, o persigas. Como a iara,
Ele mal não te faz. Jámais cativo
Procures tê-lo: que êle, em noite clara,
Volta a ser homem timorato e esquivo.

Olha que mansidão, á tarde, quando
Passa, de dôrso á tona, pela esteira
Da água serena do estirão, bofando...

E' que a lua deseja, e que as mandingas
Cessem, para que volte, quieto, á beira,
E, homem, possa dormir entre as aningas...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

IX

Cantares

(DE MELCHOR DE PALAU)

I

Na fonte, que prende e encanta,
Do Amôr, evitando escolhos,
Bebi água... E bebi tanta
Que hoje me sái pelos olhos.

II

E' meu destino tão negro,
Tem tanta nuvem sombria,
Que, si alguma vez me alegro,
Tambem chóro de alegria.

III

Quando nascemos, choramos;
Sorri, quem vai nos olhar.
Ao morrer, sorrindo vamos;
E êles ficam-se a chorar...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

IV

Neste mundo, onde ando tonto,
Não conheço árvore oú flôr
Que tanto cresça e tão pronto
Como nos peitos o amôr.

V

Outrora, em tardes serenas,
Chorei sob uns ramos largos:
E êsses ramos, hoje, apenas
Sabem dar frutos amargos.

VI

Para voar é que a ave existe,
Para perfumar — a flôr,
Para chorar — o homem triste,
E o coração — para o amôr.

VII

Da vida — a árvore que nasce
Conosco, que não seria
Si a Esperança não pintasse
Suas fôlhas todo dia?

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

VIII

A alta montanha da vida
Com as outras não se parece;
Pois, tendo fácil descida,
E' ruim para quem desce.

IX

"Suspira", dizem, si peno:
"O suspiro o mal expande..."
Mas, o suspiro é pequeno
Para quem tem mal tão grande!

X

Que não chore est'alma viuva!
Que te importa ande a chorar?
Que importa mais uma chuva
Nas grandes águas do mar?

XI

Sem asas, acaso existe
Ave a voar de França em França?
Como não me queres triste
Si me tiras a esperança?

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

XII

De meu peito fôste o lume,
Tens nêle o nome gravado:
Vaso que teve perfume
Fica sempre perfumado.

XIII

O beijo que, lábio em brasa,
Me déste naquele dia,
Foi palma á porta da casa
Onde esta paixão dormia.

XIV

Os lábios, vermelhos sendo,
São bem naturais em ti:
Estás meu sangue bebendo
Desde o dia em que te vi.

XV

Do teu coração, a minha
Alma foi bater á porta:
Triste da ave que se aninha
Em ramo de árvore morta!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

XVI

"Serei fiel, — o amôr não cansa..."
Disseste, ao ver meu desprêzo.
E inda és fiel — mas, de balança,
Que se inclina ao maior pêso.

XVII

Um regato claro e dôce
Ia em rápida viagem:
Fôste olhá-lo, e êle gelou-se
Para reter tua imagem.

XVIII

Que o Amôr explique, tu queres:
E' um mixto de dôr e encanto,
Ilha de gôso e prazeres
Cercada de um mar de pranto.

XIX

Endivído-me dest'arte...
Enfim, a divida escrevo,
Até que possa pagar-te
Os beijos que já te devo,

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

XX

Como a neve branca e fina
Busca ser, tu, que és tão pura:
Não baixa a neve á campina
Si não quer perder a alvura.

XXI

Quizera aos céus mais subidos
Ir, e pôr teu nome ali:
Para que, de olhos erguidos,
Pensassem todos em ti.

XXII

Quando do céu vieste, pelas
Douradas estradas do ar,
Agruparam-se as estrêlas
Para te verem passar.

XXIII

"Que o mar me arrebate á praia,
Disseste, si a alguem amei!"
Ondas do mar, perdoai-a,
Que eu tambem a perdoei!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

XXIV

Quem disser que um namorado
Sem máguas o mundo tem,
Ou êste vive enganado
Ou, então, nunca quis bem.

XXV

A zanga de minha amada
Faz crescer o meu carinho:
Toda uva, quando pisada,
Pagando a ofensa, dá vinho...

XXVI

O suspiro diz — "Espero..."
Diz o ai! — "Eu sofro tanto!",
Murmúra o beijo — "Eu te quero",
"Paciencia!" — diz o pranto.

XXVII

Não queres casar á tôa?
Busca amôr quieto e calado:
Nunca deu casa alta e bôa
Pedra que muito ha rolado.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

XXVIII

Em coração sem carinho
De môça alegre, não batas:
A ave prudente faz ninho
Nos escondidos das matas...

XXIX

Quero um coração sereno
Que a outro nunca tenha amado:
Não dá bom fruto o terreno
Mais de uma vez semeado.

XXX

Como o pombo, é bom notares,
E' todo o amôr forte e leal:
Vai o pombo pelos ares,
Mas volta sempre ao pombal.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

X

Verônica

(HENRI ALLORGE)

A subir, lentamente, a encosta do Calvário,
Jesus de Nazaré, sob a cruz que o suplanta,
Três vezes se ajoelha e outras três se levanta,
Sereno, entre o rugir do povo sanguinário.

Verônica, entretanto, ante a gente assassina,
Comovida e chorosa, o véu níveo retalha,
E, num gesto piedoso, a torná-lo alva toalha,
Enxuga o sangue e o suór da cabeça divina.

Quando o Cristo, porém, no vermelho caminho,
Parou, volvendo o olhar de luz maguada e clara,
A mulher percebeu que, estampado, ficára,
Rubro, o rosto do Deus, na alva toalha de linho.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Poeta, assim, no teu triste e alto Gólgota, ao fero
Bramir das multidões, pela estrada que abrires,
Três vezes põe-te a pé, si outras três sucumbires,
— Que carrega uma cruz todo artista sincero.

Recolhe, enfim, teu pranto e teu sangue, com calma,
Nas páginas de luz duma obra imorredoura
E léga, dêsse modo, a uma época vindoura,
Cheia da tua Dôr, a imagem da tu'alma.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

POEIRA . . .

2.ª SERIE

(1911 - 1915)

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Deu o vento, levantou-se o pó:
parou o vento, caiu...

PADRE A. VIEIRA

Sermão de Quarta Feira de Cinza.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

VOZES DAS COUSAS

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Vozes das Cousas

Baixa uma nuvem sôbre a minha vista.
Como por filtro, abate-se-me o orgulho;
E eu me cérco de lírico barulho
Neste trágico sonho panteista.

Homem, de pé, sem perceber o vurmo
Dos ofidios letais, alma em socêgo,
Braços cruzados sôbre o peito, chego
A uma floresta solitária, e durmo...

Durmo, de pé, sem movimento... Ao queixo
A mônjea barba derramada, firme,
Passo largos milênios sem sentir-me,
E, por milênios, nem os lábios mêxo.

O Tempo faz-me vegetal. Em rôdo,
Amando os muros e o madeiro bronco,
A trepadeira, a imaginar-me um tronco,
Emaranha-se, em flôres, por mim todo.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Minh'alma ignora si me aquiéto ou enrusgo.
As abelhas procuram-me, em carinho;
E a ave selvagem, quando quer seu ninho,
Em minha barba vem buscar seu musgo.

Da calma busco as regiões eternas.
Busco-as... Mas, logo, em vegetais matizes,
Sinto a carne brotando-me em raízes,
E as raízes descendo-me das pernas.

Busco-as, e a calma se me nega... Enjaule,
Embora, a vida que meu ser ainda eiva,
Sinto que apenas me transfórmo, e a seiva
Vem correr, como um sangue, no meu caule.

Vivo... E, de noite, quando a terra, em pânicas
Palestras, fala num temor convulso,
Eu sondo, e escuto, o coração e o pulso
Das cousas inorgânicas e orgânicas.

E, ah! como é grande, pela noite imensa,
Tendo o Silêncio por funéreas lousas,
Ouvir as falas cordiais das Cousas,
O que o Tempo sentiu e a Terra pensa!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

E' nessas horas funerais, noturnas,
Em que a semente germinável medra,
Que fala, agreste, o coração da pedra
Pela bôca enigmática das furnas.

Eu, raízes no chão, nessa hora agônica,
Ás cousas tôdas, como irmão, me irmano;
E sinto, e marco, no meu peito humano,
A harmonia vital, e a voz plutônica.

Sinto a queixa da folha ao bóreo açoite:
Sinto a folhagem respirar, no instinto
Da Vida; sinto o sonho da ave; e sinto
O entrechoque dos átomos na Noite.

Meu peito é uma harpa que soluça e ulula;
O tempo agita o seu cordal, e morde-o:
E eu guardo as vozes dêsse policórdio
Que o movimento universal regula.

Tenho, a uma asa de inseto, a alma ferida.
Meu coração, que séculos abarca,
E' o conciente sismógrafo que marca
A mais ligeira pulsação da Vida.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Sou como a Fôrça que é silêncio, e vibra.
Quando o Espaço o crepúsculo desata,
Sinto a cinza do céu em quéda exata,
Na ampulheta que eu guardo em cada fibra.

Todos os sêres o meu sêr consomem.
E, si aos próprios mortais leis não ministro,
Conto a sístole e a diástole e registro
A menor vibração da vida do Homem.

E mais por Êle que me fico atento
Entre as ondas de Espirito e Matéria:
Possúo ouvidos para cada artéria,
Tenho medidas para o Pensamento.

Êle é até mesmo o epítome em que cismo:
Quando, á vez, não perscruto a voz noturna,
Sondo-lhe a alma de síntese — que é furna,
Sol, crepúsculo, pedra, fôlha, abismo...

Ninguem olha, no entanto, o sêr silvestre.
A trepadeira, ao sacudir-me os laços,
Nem imagina que lhe está nos braços
A síntese vital, a alma terrestre!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Ninguem percebe essas ignotas bodas
Nessa aparência de repouso e calma:
Que ninguem póde crer que estejam na alma,
No vibrar de uma vida, as vidas tôdas!

E eu começo a sofrer... E, na ânsia louca
De Ugolino saciado e deus faminto,
Guardo o segrêdo do Universo e sinto
Que não posso falar, não tenho bôca!

Quero ser homem, novamente. E, em ira,
Tendo a palavra do meu tronco prêsa,
Grito, só para mim: "Mãe Natureza,
Por teu filho e por ti, dá-me uma lira!"

E a me extorcer, num desespêro crebro,
Recobrando o perdido movimento,
As raízes, de súbito, arrebento,
E as trepadeiras, como um touro, quebro!

Quebro e sáio! Deus Pan, glorioso e rudo,
Tendo a História da Luz e do Arvoredo,
Vou trair o genésico segrêdo,
O segrêdo da Vida — dizer tudo!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Vou revelar aos Prometeus coévos,
Do Arcano eterno rebentando as lousas,
Os mistérios da Terra, e a voz das Cousas,
Sentida e ouvida no passar dos évos!

Vou, porque as Cousas escutei!
Mas, fundo
Já não tenho as radículas em horda...
— E eis porque ainda hoje a minha voz recorda
O éco longínquo do chorar de um Mundo! ..

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

OS DESCOBRIDORES

(Baixo-relêvo da Epopéia Colonial do Norte)

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

São êstes que fizeram de cadáveres
O grande monte do Passado...

ANTERO DE QUENTAL — *Odes Modernas.*

S'ils furent lourds vos coups dans les luttes fatales,
du moins votre oeuvre immortelle et mentale
recouvre avec ses ailes de clarté
l'oeuvre baisse de la cruauté.

EMILLE VERHAEREN — *Les Forces Tumultueuses.*

...de feitos tais, por mais que diga,
mais me ha de ficar inda por dizer.

CAMÕES — *Lusiadas*, III, 5.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

I

Pero Coelho

(DESCOBRIDOR DO CEARÁ)

Na humidade do cárcere de Olinda
— Enjaulado jaguar que a vida acaba
Lembrando a selva rumorosa e linda —
Sonha o conquistador da Ibiapaba.

O sonho é o resto da jornada: é a vinda;
É a morte; é a sêde; é o desespêro; a taba
Tôda investindo. A terra em fogo. Um baba;
Outro cái; outro fica; outro se finda. ...

Dois filhos morrem nos seus braços: vêde!
E nem, siquer, irmão de Agar, tem perto,
Nos olhos, água que lhes mate a sêde!

E, ao fim de tudo, acusações e gritas...
— Ah! por que não tombára no Deserto
Abraçado com os seus israelitas!?...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

II

Padre Francisco Pinto

O Padre Francisco Pinto — que acompanhado pelo Padre Luiz Figueira, foi o primeiro catequista da Ibiapaba — tentado pela Carne, queimou com uma candêia de azeite as suas carnes pecadoras. — MORAIS — *História da Companhia de Jesus.*

Conduzindo ao surrão a cêra e o vinho,
Carregando um altar, sorriso atento,
Pelas praias do mar, que lhes dá alento,
Os dois padres puseram-se a caminho.

Quando o disco do sol, fúlgido, e lento,
Se eleva, em hóstia, sôbre o altar marinho,
O padre Pinto vai tomar seu linho
E ajuda a missa que lhe réza o vento.

São as dunas seu templo e o mar seu côro.
Desde o ingrato partir de Pernambuco
Era seu técto marchetado de ouro...

Chega á Ibiapaba; entôa a missa; a guerra
Estala... E tomba sôbre o altar o eunuco
Que errou na vida violentando a Terra!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

III

La Ravardière

(FUNDADOR DE S. LUIZ DO MARANHÃO)

Para ti, berço meu, preciso era algo
Que exprimisse teu brio e teu encanto:
Para te dominar — mão de fidalgo,
Para te batizar — nome de santo.

Quando as alturas do Passado galgo
Para beijar, conquistador, teu manto,
Dos Sonhos altos o corcel cavalgo,
Todo o meu sêr se transfigura, e eu canto...

Do meu povo és a gênese distante:
Trouxeram-lhe a alma, sôbre o mar profundo,
"La Charlotte", "Saint'Anne", "La Regente"..

E o ninho da águia tem sinais das penas...
— Péricles tem que aparecer no mundo
Sempre que se haja de fundar Atenas!..

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

IV

Caldeira Castelo Branco

(FUNDADOR DE BELÉM DO PARÁ)

Capitão, por escrúpulo e respeito,
Recordando-te a vida transitória,
Não sei si deva celebrar-te o feito
Ou, com censuras, macular-te a glória.

Quando me vens, de súbito, á memória
Com o teu severo, taciturno aspeito,
Mostras tu'alma em te mostrando á História
De morteiro na mão e Cristo ao peito.

Rezas pecando. Com pavor das gentes,
Si de contas na mão passas o dia,
Matas tupinambás quási inocentes.

Para a conquista vinhas dar a imagem:
Vinhas clamar contra a selvageria,
Quando tu, português, eras selvagem!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

V

Pedro Teixeira

(PRIMEIRO CIVILIZADO QUE SUBIU O AMAZONAS)

Já entrava o sol no matagal sombrio
E era o dia sem chuvas nem garôas,
Quando, em outubro, despertaste o rio
Com o ritmado remado das canôas.

Era a flotilha de quarenta prôas
Carregando soldados e gentío:
Fôste, no entanto, do Equador ao frio
A cortar correntezas e lagôas.

Por dois anos, em ímpetos convulsos,
Exaltando os valores portugueses,
Cortaste o rio com trezentos pulsos.

Bebeste esta água nos seus dois extremos;
E o Amazonas que diga quantas vezes,
Orgulhoso de ti, beijou teus remos!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

VI

Padre Luiz Figueira

(CATEQUISTA NO BAIXO AMAZONAS)

— "Irmãos, eu tinha minha mãe, que é bôa,
Minha casa e meu pai, e, sem saúde,
Vim procurar-vos nesta vida rude
Tripulando, sózinho, esta canôa!"

Diante do teu sermão, todo virtude,
A braveza das tríbus se esborôa:
E amigos fazes nessa gente á tôa
Cuja humildade te comove e ilude...

Por onde marchas não se morre á mingua;
Afugentas paixões, ensinas preces,
Falando ao bugre em sua própria língua.

Ao colôno o teu passo fez os trilhos...
Ês pai dos índios... e desapareces
Sepultado no ventre dos teus filhos!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

VII

Bento Maciel Parente

(DONATÁRIO DA CAPITANÍA DO CABO-NORTE)

Êste é o féro senhor do Cabo-Norte,
Mártir de setenta anos de Cobiça:
Vende o Rei, vende a Lei, vende a Justiça
E, de rôjo, afinal, entra na Morte.

Na fome de ouro, sem que Deus lhe importe,
A vida joga e expedições atiça;
Si é, porém, o Dever que vem á liça,
Curva-se ante o inimigo, e entrega o Forte.

Teve louros de herói e ouro a mãos cheias;
Banhou de sangue, apavorando a História,
Dezenove nações e cem aldeias.

Mas a rocha Tarpeia foi tristonha:
Seus setenta anos de mentida glória
Não valeram seus dias de vergonha!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

VIII

Maurício de Nassau

"...qui laissa chez nous un souvenir pas trés précis peut-être, plutôt légendaire, mais par cela même, impérissable, de loyauté, d'honneur et de générosité... — Il partit entouré d'un groupe d'écrivais de savants et d'artistes." — OLIVEIRA LIMA — *Formation Historique de la Nacionalité Brésilienne.* 57 - 59.

Teu grande sonho de conquistas era,
Nesta paragem despertada apenas,
O mais nobre dos sonhos de Mecenas
Sonhado por Luiz da Baviera.

Palácios, sábios, mármores, amenas
Horas de Gôso e de Saber... Em fera
Região, enfim, a Capital severa,
Corpo de Roma, cérebro de Atenas.

Fidalgo e sábio, o Bem e o Belo amando,
Si leio a História da tua Obra, ao fundo
Encontro o vulto de Platão, sonhando...

E essa aventura nêste chão tristonho!...
Tua conquista comportava um Mundo...
Mas nem um mundo comportou teu sonho!...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

IX

Padre Antônio Vieira

Depois de haveres predicado em Roma
Elevando na Itália a fama ibérica,
Eis que teu vulto, de repente, assoma
Para prégar do púlpito da América.

Chegas. Na terra que supões quimérica,
Santo bravío de sotáina e coma,
Tens a alma cheia de piedoso aroma
E sentes ânsias de façanha homérica:

Tôda a Terra é teu púlpito legítimo:
Convertes o índio, o pássaro dos ares,
Prégas ao peixe — teu irmão marítimo.

Chegou teu gênio, finalmente, ao cúmulo
De ser preciso levantar dos mares
Um continente para ser teu túmulo!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

X

Domingos Afonso Mafrense

(POVOADOR DO PIAUÍ)

Como os patriarcas bíblicos de antanho
Cortando a Síria a apascentar seu gado,
Penetraste o planalto socegado
Conduzindo teu povo e teu rebanho.

Pelo sertão era de paz teu brado:
Dôida fadiga antecedeu teu ganho:
Teu arcabús não trabalhou no amanho
Dêsse deserto de que foste o arado.

Não foi teu sonho de esmeralda e de ouro:
Tua ambição era a existência ruda
Mungindo as vacas e laçando o touro.

E é por isso que, ainda hoje, a terra, bôa,
No aboiar dos vaqueiros — te saúda,
Pelo berro do gado — te abençôa!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

XI

Os Jesuitas

(SÉCULO XVIII)

Hóstias, cruzes, o altar... A' frente o Lenho,
Rosário á mão, acompanhando a fila
De brônzeos bugres de cerrado cenho,
Entram, rezando, a solidão tranquila.

Chegam á aldeia . No sagrado empenho
Falam de Deus. O Principal vacila...
Batizam; plantam: bróta a cana: — é o Engenho...
Vêm portugueses e o Ouvidor: — é a Vila...

Para tanto, porém, quanto suplício!...
Quantas perfídias de Capitães-Móres!...
Quanta vida de Santo em sacrifício!...

Embora!... A Cruz, quando fechar os braços,
Ha de dizer a séculos melhores
Que a Civilização seguiu seus passos!...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

XII

O Seringueiro

> O homem, perdido na solidão absoluta, vái procurar o bárbaro levando a escolta única das dezoito balas da sua Winchester carregada. — EUCLIDES DA CUNHA. *A' Margem da História*, pag. 83.

Profano Anchieta que um máu sonho afaga,
Para que o rito não se extinga ou quebre,
Entras a selva, em que teu sêr se apaga,
E ergues, para teu templo, o teu casebre.

No inverno, quando o seringal se alaga,
Não se vê na missão quem não celebre,
Com hóstias de quinino, e bôca em praga,
A missa arquilitúrgica da Febre.

És Missionário sem burel e estola;
Tens na mão a semente das cidades
Que semeias sem Cristo e sem Loióla.

Basta, para um sermão, que a flexa sifle...
— Como são convincentes as verdades
Dos dezoito Evangelhos do teu rifle!...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

POEMAS AMAZÔNICOS

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Como a floresta é escura!... Na sombra
passam outras sombras.

EUGÉNIO DE CASTRO — *Belkiss.*

As I did stand my watch upon the hill
...and anon, methought,
The wood began to move...

SHAKESPEARE — *Macbeth*, act v

...em cada tronco havia um peito humano
que se queixava...

BILAC — *A Morte de Tapir.*

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

I

Os Aturés

"...Os corajosos Aturés refugiaram-se nos rochedos das cataratas, logar lúgubre em que pereceu toda a raça, sem deixar traços da lingua que falava... Cousa curiosa, entretanto: entre os Maypurés vive ainda um velho papagaio, que ninguem, dizem os naturais, pode compreender, porque êle fala a lingua dos Aturés".

HUMBOLDT — *Quadros da Natureza.*

Quando os braços da Ibéria, em seus gestos profundos,
Tiravam do Mistério os oceanos e os Mundos,
Mergulhando no mar ou investindo o sertão —
Espalhavam, tambem, nas terras inocentes,
A injustiça, a maldade, as vermelhas sementes
Da seára de Caim, que apertavam na mão.

As espadas hostis que, deixando as bainhas,
Mostravam sua cruz, em legiões, ou sózinhas,
A' homenagem do Sol na terra americana,
— Vinham sempre acordar no selvagem regaço,
Com o seu frio tinir, com o brilho do seu aço,
Um rugido de féra ou uma súplica humana.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Cada vez que, a zombar da vaga e da procela,
Espontava na costa a asa da caravela
Arrastada no mar pelos pulsos de Deus,
— A alma do Novo Mundo, ao clamor dos seus brios,
Maldizia, a chorar, pela bôca dos rios,
O oceano protetor dos tigres europeus.

E as naus, a conduzir desterrados e tropa,
Derramavam na práia os vómitos da Europa
Que entravam pela terra, encharcando as chapadas.
E o saque, e o fogo, e o assalto, e as contendas no centro
Iam logo ao rumôr da invasão, terra a dentro,
Perturbar o labor das tríbus socegadas.

— Ora, naquele tempo, em regiões sem roteiros,
Vivia, unido e forte, um povo de guerreiros
Que cem vezes vencêra as tríbus em redór;
— Formiga — no trabalho, e cigarra — no canto,
Era enérgico, audaz, temerário, e, no entanto,
Si achava a guerra um bem, achava a paz melhor.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Cada aldeia que, ao sol, o seu braço estendia,
Tinha logo a cercá-la, e a bolir, noite e dia,
A róça côr de mar e o riacho côr de prata.
Seu deus, do seu valor serena testemunha,
Dava-lhe o fruto á mão e, anônimo, lhe punha
O pé do caetetú na armadilha da mata.

Era raro na tribu um guerreiro vencido.
Arco á mão, flexa á mão, no combate renhido,
No acêso da peleja, era dificil ver
Um único aturé aos clangores da guerra,
Ensopado de sangue, atirado por terra,
Se deixasse no chão antes de perecer.

Respeitando os heróis, castigando o covarde,
Escutando o seu piaga entre as sombras da tarde,
Pondo em terra feraz novos hortos risonhos,
Os santos manitôs, em nuvens de fumaça,
Vinham-lhes ensinar o refúgio da caça
No impérvio matagal, falando nos seus sonhos.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Sua língua, era sua: aprendera-a na mata.
O grito do oitibó e o gemer da cascata,
O soluço da rôla e a voz do gavião,
Emprestaram-lhe sons que a outrem davam certeza
Das emoções da Dôr, da raiva, da tristeza,
Do rugir do Prazer, da ânsia do coração.

Forte assim, nobre assim, não havia tão perto
Gente que dominasse as féras do deserto,
— A córça na planície e a onça ou o tapir no atalho.
No entanto, nesse inverno, a cuidar da cultura,
Se deixára na taba, a sentir a doçura
Do mél que dava á tríbu a abelha do Trabalho.

E foi, então, que veio a desgraça infinita.
Descendo para o sul em carreiras e em grita
Tôdas as tríbus más rolaram no sertão;
E qual, no inverno, o rio, a invadir as chapadas,
Caíram na planície as hordas conflagradas,
Raiva no olhar feroz, tangapema na mão.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Tôda a mata acordou, ébria de dôr e susto.
Da aroeira secular ao mais tímido arbusto
Houve um grito de horror, de largos estribilhos.
Abriram-se, chorando, as bôcas dos atalhos;
A selva maternal, retorcendo os seus galhos,
Suplicava perdão para a culpa dos filhos!

E foi o assalto, a morte, a luta frente a frente.
Cem vezes o trocano em mugido tremente
Retumbou, levantando as gentes aturés.
E a rugir, a correr, ainda á surpresa alheias,
As tríbus, em tropel, vieram de cem aldeias
Fazendo estremecer o solo sob os pés.

E a luta começou. Jámais o sangue humano
Se mostrára tão vivo ao sol americano
Dos alvos litorais ás florestas do centro.
Nunca a América viu tão dôida valentia.
No ardor de parte a parte, angustiado, tremia
O solo do país pelos vales a dentro.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Ao choque dos titans muge a terra, com pena.
Aquele que rolava, imprecando, na arena,
Ao pêso do tacape em rodopios no ar,
Ficava para sempre atirado de bruços,
Mordendo o pó do chão, engolindo os soluços,
Mastigando no crâneo as penas do cocar.

E o inimigo venceu. Filho da serrania,
Descendente do Sol, que, insaciável, bebia,
Como rubro cauim, todo o sangue da guerra,
— Derrubou, avançando em feroz estrupido,
As tabas, os giraus, as roças do vencido,
Ao fazer, bruto e mau, a conquista da terra!

Venceu! Mas só venceu, quando, virgem de escravos,
Sucumbiu, nobre e livre, êsse povo de bravos
— Que honrava a Liberdade aos clarões dêste céu;
Venceu! Mas só venceu quando, trágica e forte,
A tríbu, ao perecer, pôs nos braços da Morte,
Com os corpos dos heróis, seu supremo troféu!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Venceu! Mas só venceu quando o rio, baixando,
Descobriu, pela mata, o caminho, levando
O atacante feroz, por argênteo rastilho;
Venceu! Mas só venceu quando o bravo, ao barulho
Do inimigo, ao tombar, esmagou, com orgulho,
Na pedra do rochedo, a cabeça do filho!

E quando o vencedor entra na última aldeia,
Destrói, depréda, invade, extermina, saqueia,
Procurando os heróis, insultando os pagés,
Só encontra com vida, asas á luz ruflando,
Um velho papagaio, entre mortos, cantando
Na linguagem natal das tríbus aturés!

* * *

Poeta, na terra hostil em que a sorte te ha pôsto,
No tempo em que, a sorrir, levantas o teu rosto,
Sereno, ante a onda má que rebenta a teus pés,
— Lembras, a predicar teu credo sempre novo,
Aquela ave a cantar, no meio de outro povo,
As cantigas marciais das gentes aturés.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Sózinho, sem ninguem que o espírito te entenda,
Sem um braço que ampare o teu vulto de lenda,
Vibrando, como Orfeu, a lira em tôda parte,
— Passas, de olhos no céu, quási transfigurado,
A exaltar, como um deus, entre o vulgo espantado,
As dôres do teu peito e as flôres da tua Arte.

Tua tríbu morreu! Quando as hordas bravias
Invadiram, rugindo, a pátria onde vivias,
Mataram teus irmãos, povo do teu amôr.
Teu país de ouro e luz foi á fôrça invadido...
— Ficaste apenas tu, repetindo, vencido,
A língua maternal diante do vencedor!

Continúa, porém, nessa audácia insolente,
— Ave dos Aturés — falando a estranha gente
Teu idioma natal, cujo mel ainda líbo:
Continúa a expandir teu desprêso profundo,
E, honrando sempre os teus, celebra pelo mundo
O nome dêsse povo e as glórias dessa tríbu!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

II

Orelana

Magro, exáusto, febril, tiritando de frio,
Numa audácia de herói, mais divina que humana,
Abrigado da chuva, evitando o gentio,
Desce á noite, ao sabor da corrente do rio,
O caudilho espanhol Francisco de Orelana.

Quando em Quito, sem Deus, com Pizarro, partira,
Rugindo de ambição, sob a chuva janeira,
Era tal o temor pelo céu, que se vira
Todo o Espaço de luto e o Continente, em ira,
Abalar, trepidando, o chão da cordilheira.

Mas, partira... E, sem pão, sem bússola, somente
Confiado á água infiel, sem ninguem que o celébre,
Eis alí, magro e só, o guerreiro valente
Num esquife erradio, á fôrça da corrente,
Bofando de pavor, boquejando de febre.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Amanhece... Anda o sol no horizonte rosado
Vestindo o seu broquel para as justas do Dia.
A água canta, a fugir de um lado e de outro lado,
A epopéa pagan, num canto alvoroçado,
Festejando o esplendor dessa terra gentia.

E Orelana, a tremer, sob a pele de lhama
Que envolve a palidez do seu corpo de monge,
Ergue os óssos febris da folhagem da cama
E, a estender a óssea mão sôbre os olhos em chama,
Fica extático, a olhar, de olhos fitos ao longe.

Delira. Ao seu ouvido um tropel se avôluma,
Enchendo de estridor o barranco alvadio.
E' o selvagem!... Já o vê como em crivo de bruma;
Treme o chão, treme o céu, treme a gaze da espuma
Ao barulho dos pés do selvagem bravio...

Grita, e se ergue, alto e nú... E os soldados de um salto,
Todos nús, cruz ao peito, a êsse grito convulso,
Rudes como chacais, baços como cobalto,
Correm, féros, á tolda, a fitar o chão alto,
De agonia no olhar e morteiro no pulso!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Olham; não ha ninguem, quer de um, quer de outro lado;
O flúvio litoral, tão risonho e tão branco,
Só desperta, alto e só, de palmeiras corôado,
Quando o vento lhe faz, perpassando, agitado
O verde canitar da testa do barranco.

Nem, siquer, como acima, e ainda á véspera, um bando
De mulheres hostis, em dôidas alelúias,
Nas barrancas natais, como lobas, uivando,
Em gestos de furor, de rastros entregando
Novas flexas fatais ao arco dos tapuias!

Nada!... Entanto, a bofar sôbre as fôlhas da cama,
Orelana, ao tropel da avalanche morena,
Range os dentes de algoz, rasga a pele de lhama,
Alça a fronte viril, move a mão, rosto em chama,
Ergue a voz de atacar, cerra os punhos, ordena...

Aos seus olhos, minaz, na esfera da cabeça,
Ruge um drama brutal, de insolência tamanha,
Que êle teme, talvez, fugindo á sorte avêssa,
Que, no embate mortal, fique em risco, ou pereça,
A fama varonil de um soldado de Espanha!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

E' preciso salvar a fama castelhana;
E' mister, mesmo assim, velho, faminto, magro,
Ajuntar em seu pulso, em fereza extra-humana,
Tôda a fôrça de um deus, e provar que Orelana
Tem sangue de espanhol, foi soldado de Almagro!

E, á voz de acometer, sómente êle acomete.
Milhões de corpos nús, retezando o seu arco,
Sete vezes se vêm, e êle repele sete
Vezes o turbilhão, que de novo arremete
Procurando saltar as trincheiras do barco!

E êle, ao rude clamor da avalanche que esquipa,
Flexa á mão, dôr no olhar, num encontro tão brusco,
Precisa demonstrar á selvagem que estripa,
Que alí passa, a descer, o Tiestes de Arequipa,
A espada sem igual da jornada de Cuzco!

E' preciso mostrar que ainda vive, indomado,
Lutando por El-Rei, entre fomes e sêdes,
No solo do Perú, seu mais alto soldado,
De pulso que enrijou na terra de Alvarado,
De peito que rugiu no bêrço de Parêdes!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

E' preciso, afinal, com o seu grito que aterra,
— Grito de águia ferida em lapa americana —
Provar á índia procaz, pela bôca da guerra,
Que ainda se ergue do chão e ainda passa na terra
O guerreiro espanhol Francisco de Orelana!

E, olhos maus, a espumar nessa dôida tortura,
Pulmão largo a soprar no cárcere do peito,
O caudilho, febril, em furor de loucura,
Cerra a bôca feroz, morde os laços da amura,
Cinje tudo em redor, quebra os galhos do leito!...

— E á luz do amanhecer, tiritando de frio,
Numa audácia de herói, mais divina que humana,
Abrigado da chuva, a afrontar o gentio,
Assim desce, ao sabor da corrente do rio,
O caudilho espanhol Francisco de Orelana...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

III

A Conquista do El-dorado

I

A CIDADE DE OURO

No silêncio da selva — ignoto albergue
Em que a Fortuna se abrigára, á tôa —
A capital do Imperador Manôa
Entre horizontes encantados se ergue.

Tudo é dourado em derredor. Tesouro
Líquido e eterno, que do mar se isola,
O lago, em frente, marulhando, róla
No ouro da areia suas ondas de ouro.

Palácios de ouro se enfileiram. Canta
O ouro nas vozes das trombetas. Erra
O vento, ás dôidas, retinindo; e a serra,
Perto, de ouro massiço, se levanta!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Quando o sol de ouro essas paragens busca
Com as horas de ouro assinalando o Dia,
A cidade, fantástica, irradia,
E a serra, tôda, como o sol, corusca.

O ouro por tudo se derrama. As casas
Fulguram tanto quando a luz as réga,
Que a ave da mata, embebedada e céga,
Tomba da altura retezando as asas!

No templo de ouro, de sutís refólhos,
Brilha tanto ouro deslumbrando as gentes,
Que, dentro, cegos, se debruçam crentes,
No ouro do sólo descansando os olhos!

E' assim que se ergue, em vibrações estranhas,
A aurea cidade, como um sonho mago,
Refletindo no espêlho do seu lago
Sua loura cintura de montanhas!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

II

MANÔA

Quando o sol, de manhã, corta a garôa,
Sôbre outro sol os seus fulgores joeira:
E' que sái do Palácio uma liteira
Em que fulge a cabeça de Manôa!

E' o Grão-Senhor do Patiti, castanho
De pele, que, hirto, como o culto exige,
Ao seu lago sagrado se dirige
Para a missa dourada do seu banho.

Quando, ao sol, entre nobres homenagens,
Sái seu corpo das águas, sôa um côro,
E é seu cabelo polvilhado de ouro
Pela mão respeitosa dos seus pagens.

E, outra vez, entre plácidos embalos,
Enquanto o côro na cidade ecôa,
Passa a loura liteira de Manôa
Sob a bénção pagan dos seus vassalos!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

III

DIEGO ORDAZ

Sob as mil tentações dessa miragem,
Quantas vezes, sonhando êsse tesouro,
Não procuraste nos cabelos o ouro
Que caía dos dedos do teu pagem!...

E ao mar lançaste a tua fróta... Bóle
O vento... A vaga, em turbilhão, redonda,
Investe, urrando... E' a pororóca!... e uma onda,
Como um dragão, as tuas naus engóle!...

Teimas... Voltas de novo, olhar em fóco
Sôbre a miragem... Padecendo fomes,
No verde ventre do sertão te somes
Pela bôca faminta do Orenoco.

Mas a floresta não te quer!... Tristonho,
Tomas o góle de veneno; e, forte,
Tombas, mostrando que é uma esmola a morte
Quando se assiste aos funerais de um Sonho!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

IV

LOPO DE AGUIRRE

Mortos fôram Gusmão, Pedro de Ursúa
E os outros chefes... Coração em chamas
De cobiça, tu mesmo te proclamas
Rei... D'ora avante a comitiva é tua!

Teu reino foge pelo rio... Perto
Nem mesmo ha índios que te vejam a arca.
Tens, no entanto, homenagens de monarca,
Quixotesco monarca do Deserto!

Sentado á pôpa, a tua mão não treme.
Julgas, legislas, de corôa ao lado.
Certo, era exemplo de uma náu de Estado
Essa que errava com o teu braço ao leme.

Tem teu govêrno um arcabus e um arco,
Êstes dois são do Rei... E, sem que o evites,
Assim desce teu reino sem limites
Nos limites das táboas do teu barco!...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

V

NICOLAU HORTSMAN

Coube a ti tôda a glória da conquista
Dessa terra de sonho. Ao Reino Mago
Chegaste, e, calmo, no seu grande lago,
Serenamente repousaste a vista.

O sol, das núvens, a paisagem banha
Lançando ás aguas suas flexas de ouro;
Mas, no largo horizonte — nem tesouro,
Nem cidade, nem torres, nem montanha.

Onde outros viram pedraria acêsa
Pela qual pereceram, — sem trabalho,
Achas apenas, marejando orvalho,
A inôcencia pagan da Natureza.

A Ventura tem símbolo profundo
Nêsse El-Dorado a que ligaste o nome:
Ela é essa tríbu que vais vêr com fome
E á procura da qual corria o mundo...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

VI

ALONSO DE HERRERA

Alma cheia de sonho, peito cheio
De pavor, espreitando arbusto a arbusto,
Entras a selva, a estremecer, com o susto
De quem penetra no palácio alheio.

Nada, no entanto, te hostiliza: a rama
E' quieta; o chão não te incomóda; o ninho
Não te insulta ou maldiz; no teu caminho
Sentes que a mata, como mãe, te chama.

Mas chega o instante da vingança! A planta
Cria garras hostis; seta certeira
Vara-te o peito; a natureza inteira
Na sua ira sagrada se levanta!

E o teu povo recúa! As aves descem
Injuriando teu nome, em chôro triste...
E pereceste; e, perecendo, viste
Como as selvas e a glória se parecem...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

ORQUESTRA HUMANA

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

La lyre, devenue géante,
chantait, pleurait, grondait, tonnait, jetait des cris!

V. Hugo — *Le Satire.*

...son venuto
là dove molto pianto mi percote.

Dante — *Inferno*, v. 9.

Estes tambores são ouvidos de longe.

Omar-Kheyyam — *Rubayyat.*

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

I

Os Novos Hebreus

(A PROPÓSITO DAS ÚLTIMAS GUERRAS)

Ha trezentos mil anos (bela idade!)
De longínquo Sinai prevendo os cimos,
Israelitas sem Moisés, partimos
Do cativeiro da Animalidade.

Sem ter profetas, nem maná, no agouro
Da sorte, em féro desespêro e grito,
Temendo as pragas do palustre Egito
Forjámos centos de bezerros d'ouro.

Vinhamos quietos; mas, num certo dia,
Os sacerdotes, num clamor sem termos,
Trouxeram do Alto, para nos regermos,
As doze táboas da Sabedoria.

Cumprir jurámos suas leis. E gabo-as
Pela cordura dos seus fins extremos;
Mas, quantas vezes, a rugir, não temos
Ferido a Lei e arrebentado as Táboas!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Dos Mandamentos já se ignora o texto;
O humano egoismo tôda a lei abarca;
Para as dôidas disputas, até a Arca
Da Aliança nos serve de pretexto!

Morreu a Paz... Mesmo que o céu se estréle
Nunca adormece o acampamento. A' cata
De incáutos anda quem nos arrebata
Até a capa de caprina péle.

Israelita, que dormiste ao brilho
Da lua, tendo um mísero tesouro,
Desperta, e vela, que si não tens ouro,
Teu próprio irmão póde vender teu filho!

Mísera tríbu de Israel, que espêlho
De desgraças és tu, nêstes revezes!
Antes pestes e mal! antes, mil vezes,
Te tivesse tragado o Mar Vermelho!

Quem foi que viu, pelos sarçais o cetro
De um Deus de barbas de eremita ou monge,
Ao apontar a existência, muito ao longe,
De uma terra de mel, de um lar de Jetro?

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

A tríbu inteira range os dentes; vêde:
Um suplício tamanho não tem nome;
O Mar Morto não sente tanta fome
E o Deserto não sofre tanta sêde!

O ventre da mulher já não concebe...
E qual o hebreu, por destemido e bravo,
Que não prefira perecer escravo
A marchar num deserto sem Horebe?

E estas lutas de irmãos, quási infinitas...
Invejais, porventura, um povo exangue?
Já vos não basta derramar o sangue
Das féras hostes dos Amalecitas?

Não vos amarga o mesmo fél que eu libo
Emborcando na bôca o mesmo calix?
E, si vêdes recíprocos os males,
Por que a luta entre irmãos na mesma tríbu?

Já descrestes de vêr onde se bebe
Leite e Mel, nêsse píncaro prévisto
Por Lucano, por Sócrates, por Cristo,
Pelos homens que foram com Calebe?

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Pensareis vós que não vereis em vida,
Para além da Planície e do Deserto,
Quer daqui a mil séculos, ou perto,
As fronteiras da Terra Prometida?

Será possível que êsses homens poucos
Que á frente fôram para vêr a Terra,
Tendo sofrido, pela estrada, a guerra,
Tenham vindo mentir, ou sejam loucos?

Sentinelas da Tríbu — Hilel e Cristo,
Platão e Comte, que me vindes a êsmo,
Respondei-me: — em verdade, existe mesmo
Uma terra de frutos, depois disto?

Ou será preferível, e certeiro,
Desesperados, sob um sol de fogo,
Pelo mesmo caminho voltar logo,
Retrocedendo para o cativeiro?

Eu já tenho saudade á vida antiga...
Vós, mancebos hebreus, que andais por êstes
Desertos maus, e não a conhecestes,
Indagai: Tolstoi que vô-lo diga!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Antes o tempo de sofrer convulso,
De alma livre, de espírito perfeito,
Mesmo levando a dura nora ao peito
Tendo uma algema pendurada ao pulso!

Atrás, portanto, pela mesma via,
De sandálias nas mãos... Retrocedamos,
A apanhar o alimento pelos ramos
No cativeiro da Selvageria.

Foram sonho feliz o mel e o leite...
Volvamos todos, num sonoro grito,
Para, de joelhos, suplicar no Egito
Ao duro Faraó que nos aceite!

Aos que são fracos e não têm recurso
Cesse o ataque do forte, cesse o roubo:
Si és sanguinário, vai correr teu lobo;
Si tens coragem, vai caçar teu urso!

Povo hebreu, foge ás luta e aos combates,
Elimina a carnagem fratricida;
Cuida do Amôr, embelecendo a vida:
Poupando sempre teu irmão... Não mates!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

De qualquer modo, para trás! sózinho,
Homem que marchas pela História triste:
Foi debalde que, heróico, te feriste
Por trezentos mil anos de caminho!

Eia! de novo, para os bons extremos.
Cessa, Israel, a tua acêsa.
Irmãos, volvamos para a Natureza!
Civilizados, para trás! Voltemos, . .

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

II

No Jardim de Ptolomeu

L'Homme — Terre, je suis ton roi.
La Terre — Tu n'est que ma vermine...

V. Hugo — *Abîme.*

Foi numa noite de negror aziago
Que eu penetrei profanamente no Horto
De Ptolomeu, ha dois mil anos morto,
Calmo, levado pela mão de Arago.

Em meio ao solo irregular e bronco,
Caule por êle fundamente imerso.
A árvore da Creação, ou do Universo,
Quebrando as pedras, mergulhava o tronco.

Amparando-me ao braço do meu guia,
Embora alheio ás convulsões do medo,
Ao silêncio do trágico arvoredo
Mal os meus olhos para a altura erguia.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Súbito, ao toque de invisível mola,
Tento olhar para cima... E — oh! maravilha!
Como esta fronde sem rumores brilha!
Que alta revelação se desenrola!

— "Mestre, que é o tronco singular que junto
"Nos abriga da Noite? Que mistério
"E' êste que me retém? E' um cemitério
"O horto mudo desta árvore?" — pergunto.

E Arago: — "Filho, entrego-te os profundos
"Altos mistérios do Universo; a fronde
"Cuja grandeza nos protege e esconde,
"E' a fecunda, velha árvore dos mundos.

"Olha por cima das ramagens pretas;
"Vês, como de ouro, aqueles pomos brutos?
"São corimbos, são cachos, são os frutos,
"São os mundos, são astros, são planetas.

"Jardineiro invisível, de outras éras,
"Deus, que do sólo para a fronde acena,
"Regando o tronco, dando seiva, ordena
"A infinita harmonia das esferas.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

"Tudo que lá em cima se alimenta
"— Verme vil, borboleta, ou fruto, ou cacho —
"Leva a razão de sêr aquí de baixo,
"Só na linfa de Deus se dessedenta.

"Vês, muito ao longe, sob um ramo escuro,
"Aquele cacho pequenino, cheio
"De louros frutos, e que tem no meio
"Um, mais que os outros a brilhar, maduro?

"E' uma constelação. . . E ali, nos ares:
"São fulvos pomos gigantescos: lírios
"De fogo intenso que são frutos: Sírius,
"Altair, Achernar, Arturo, Antares. . ."

E eu : — "Mestre, e aquele abandonado e inerme
"Cacho em que ha um fruto que apodrece? Dêle
"Deus se não lembra?" E o grande Arago: — "Aquele?
"Aquele é o fruto em que tu fôste verme!

"Quando a seiva subiu do tronco em riste
"Êle era belo como os mais; e quando
"Seu sumo de ouro foi degenerando,
"Filho dessa miséria, tu surgiste.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

"Isso de que te orgulhas, e com que ousas
"Devassar os mistérios da grande obra
"Da Creação, não é sinão a sobra
"Triste e corruta que ficou das cousas.

"A obra de Deus, o fim de Deus, é o sumo
"Louro da luz que anima o fruto; o resto,
"Verme coleante, podridão sem gesto,
"E' simples podridão, menos que fumo!

"Junto a esta fronde que sustenta a vida
"Do Universo, medita sôbre a essência
"De ti mesmo, de ti, cuja existência
"E' um produto de cousa corrompida!

"Vinhas supondo, de longínquas éras,
"Que subias em céleres escalas,
"Quando, em verdade, rápido, resvalas,
"E, em lugar de ascenderes, degenéras.

"Teu estádio mais alto, não é á frente
"Que tu o tens; já passaste: que és o fumo
"Que foi chama; és a sânie, que foi sumo,
"Poeira, que erraste pela luz ambiente!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

"De ora avante, a matéria ainda animada,
"Serás bicho inferior, planta que medra,
"Inteligência moribunda; e pedra,
"E, como pedra, finalmente — nada!"

Nêsse instante, uma fúnebre agonia
Se apossava de mim... Tudo era mudo,
E eu, despertando a compaixão de tudo,
Soluçava nos braços do meu guia!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

III

O Apóstolo das Aves

No cimo do Subásio, ante áspera caverna,
Em logar que sómente o sol visita e banha,
São Francisco de Assis sonha a vida ampla e eterna
Fálando ao céu azul e ás cousas da montanha.

Ante a morte do Sol fecha as asas o Dia.
O vale, em derredór, é um turíbulo que arde:
Sóbem, leves, da terra, entre a diurna agonia,
A alva bruma da fonte e os suspiros da Tarde.

São Francisco, entretanto, a loura barba ao vento,
Olhar vago, a beber o fogo do horizonte,
Mandando a asas e céus a voz e o pensamento,
Continúa a prégar aos pássaros do monte.

Para ouvi-lo falar, tudo em roda se aquieta;
O vento, ainda a fugir, atenta o ouvido, e escuta.
A ave pára; a flôr cisma; e aos seus surtos de poeta,
Trepída o coração da própria pedra bruta.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

E êle fala, a voz dôce: "Asas, irmãs desta alma,
"Aves que me escutais nêste alto de montanha,
"Sêde bôas, cantai e amai, na vida calma,
"A árvore que vos dá fruto e a áurea luz que vos banha.

"Sêde humildes, e amai; a árvore anosa e o ramo
"Do arbusto fraco, amai; amai a terra, cheia
"De doçura e de paz; e amai, como eu vos amo,
"A água que Deus dá á fonte e o grão que Deus semeia.

"E amai-vos. A ninguem, Deus, o senhor do Espaço,
"O creador do que hoje ha nas águas e arvoredos,
"Como a vós, dando a fronde, ergue um lar com o seu braço
"E o alimento vem dar nas pontas dos seus dedos.

"Olhai o homem rebelde, olhai o tigre, a féra
"Sanguinária; acordai na alta noite tristonha,
"E escutai o subir da queixa humana e austera,
"As palavras de Dôr do homem que véla ou sonha.

"Escutai: tremereis ante o clamor que expande
"A angústia humana; e haveis de abençoar a humildade,
"Vendo enfim, como é bela, alta, límpida, grande,
"Junto á mágua dos mais, vossa felicidade.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

"Por que os homens não são como vós sois? A gruta
"Não seria, talvez, lar mais dôce e risonho
"Que o castelo e o palácio, onde morrem na luta
"Que destrói todo Amor, que extingue todo sonho?

"A mão sábia que abriu êste velário pela
"Altura, e a árvore pôs sôbre o sólo atro e bruto,
"Si a terra tinha luz, por que pôs no alto a estrêla?
"E si o sangue é melhor, por que a bênção do fruto?

"Não sereis, porventura, aves do espaço, amando
"E cantando pelo ar, mais que os homens, felizes?
"Pois, si tinhamos nós de viver batalhando,
"Por que o ramo dá sombra e o tronco tem raízes?

"O homem morre faminto, e vós, no entanto, vêde:
"Cantando a Sua glória e exaltando o Seu nome,
"Já vistes um pardal a queixar-se de sêde
"Ou um frágil rouxinól expirando de fome?

"Dôces aves do céu, amai, portanto, a Vida,
"Louvai, portanto, a Deus, que vos dá, nêste monte,
"Grande e anônimo, a abrir a ampla mão comovida,
"A luz do sol, o grão da terra, a água da fonte!..."

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

. . . . . .

E, assim, transfigurado, a loura barba ao vento,
São Francisco, a surgir da luz que o envolve e o banha,
Mandando a asas e céus a voz e o pensamento,
Continúa a prégar ás cousas da Montanha . . .

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

IV

Oceano

Têm a fórma de um bêrço as naus da Vida...
Umas, arfando sob a luz dos astros,
Não levam flôres nem sinais nos mastros
No momento noturno da partida.

A outras, sem rosas que os estais lhes fartem,
Se levantam seus pœans para as esféras,
Tem-se a estranha impressão que são galeras
Da fróta de Alcibíades que partem.

A estas, protege o céu. Altas e belas,
Bóreas lhes serve de pilôto: a mansa
Brisa canta-lhes hinos de esperança
Assoprando no côncavo das velas.

Quando, á saída, em rápidos instantes,
Estas se juntam para a despedida,
Imagina-se vêr, tôda florida,
Uma cidade de jardins errantes.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Mas é no mar que o vento do Destino,
A vontade de Deus, suprema e céga,
Traça o rumo fatal do que navega
— Do navio e do barco pequenino!

Quanta nave soberba, o ouro do mundo
A atulhar-lhe os porões, no verde oceano,
Com tôda a carga dêsse orgulho humano
Não tem descido, de repente, ao fundo?!

E quanto barco pescador — redondas,
Curvas cavernas, sem feição solene, —
Com as velas frágeis tem passado indene
Por sôbre o abismo dessas mesmas ondas?!

Quanto ligeiro bergantim que, á tôa,
Parte em viagem de gôso e de recreio,
E arriba, em risco, abandonando-a ao meio,
Partido o mastaréu, quebrada a prôa?!

Quanto hiate festivo o pano larga,
Navega, e em dia de nordeste morto,
Despreza o luxo e, no primeiro porto,
Se transforma, sem custo, em nau de carga?!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Quanto navio, abandonando a terra
Como barco mercante, em meio á viagem,
Nos perigos da luta e da abordagem,
Põe á mostra os canhões, e é nau de guerra?!

E quanta belonave, afeita á bala,
Cessa o fogo da sua artilharia,
E encosta a um cais, e descarrega, um dia,
As riquezas de Ormuz e de Sofala?!

Quanta nau, finalmente, que não póde
Triunfar na batalha, no perigo
Da catura, zombando do inimigo,
Ateia fogo nos paióis, e explode?!

Muitas outras, porém, que a vela ou o fumo
Denuncia nos mares, e aos pampeiros
Desafiam, nos próprios estaleiros
Recebem leme que lhes traça um rumo.

Esta, fadada ao temporal marinho,
Sem pintura, sem tôldo, sem confôrto,
Sempre quís carregar, de pôrto a pôrto,
O ouro, o cravo, a canela, o azeite, o vinho...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Ruja a voz do canhão, tôrva e assassina,
E ela, enquanto na terra o incêndio lavre,
Fará seu frete, de Marselha, do Havre,
Para Diu, para o Congo, para a China...

De outro barco, a ambição de cada dia
Era lançar-se, em canhoneio, á prata
Das galeras de Espanha... E ei-lo pirata,
Entregue á vida de pirataria!

Qual a nau, entretanto, que, no mundo,
— Nau de carga ou de luxo, ou nau de guerra —
Não teve ao largo, sem sinais de terra,
As táboas rôtas, e não foi ao fundo?

Onde erra o barco singular que emigre
E impunemente ande nos mares a êsmo,
Se afundou, sem socorros, até mesmo
O madeiro de Adão lançado ao Tigre?

Que feliz geração fugiu á sina?
Quem a sua evitou, por um preságio?
Qual a Armada Invencível sem naufrágio?
Onde o Xerxes mortal sem Salamina?

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

. . . . . .

Poeta! não tarda que o tufão te cáia
Sôbre as velas... Prepara-te; socega:
Não é grande o temor de quem navega
Sem a ambição de se afastar da praia!

Todo barco ligeiro, si a onda o invade,
A todo vento seu velame enfuna...
Canta bem alto; e que teu canto se una
Ao primeiro rugir da Tempestade!

Com os perigos teus males acalenta;
Sólta em meio da luta as tuas árias:
A alma do justo é como as procelárias
Que se alegram no meio da tormenta!

Nunca as velas te encheu o orgulho humano.
Êsse êleva, talvez, outras cabeças...
Naufraga, pois, e que desapareças
Enrolado na espuma do Oceano!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

V

Fáuno

E' a arcadia selva secular, sem gente,
Sem braço humano que o caminho me abra:
E eu, correndo por ela dôidamente,
Com chavêlhos no crâneo e pés de cabra.

Dôido fáuno senil, quebrando as finas
Lianas que se erguem no cipoal em que érro,
O ar farejo com as sôfregas narinas,
Percebo indícios duma ninfa, e bérro...

Bérro... E côrro... E a parar de quando em quando,
A despertar os meus sentidos broncos,
Bérro, e côrro de novo, tropeçando,
Curvando galhos e saltando troncos.

Tudo é parado... Como um velho monge
Que, eterno, entoasse, no seu templo, uma ária,
Passa o vento quebrando, muito ao longe,
O silêncio da mata solitária,

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

E eu bérro, e côrro... E nessa caça ingrata,
Só rodeado de mudas testemunhas,
Continúo correndo pela mata,
Ferindo o pêlo e rebentando as unhas.

Cobras se enroscam nos meus pés... Em bando,
Saltam-me á frente escorpiões vermelhos:
E eu passo, dôido, a tropeçar, levando
Mil virentes cipós nos meus chavêlhos.

Sinto cansaço; a língua pende; forte,
A espuma, branca, me enche a bôca; e bérro...
E eu bem desejo, pressentindo a morte,
Ter meus chavêlhos e meus pés de ferro!

Súbito páro, e cheiro a brisa; e logo
Sentindo o aroma de que a brisa cheira,
De novo acendo meu olhar de fogo,
E me atiro de novo na carreira...

Sinto humidade em derredór... Sombrio,
Com o suór correndo dos meus pêlos brancos,
Sem um dos chifres, — imagino um rio
Tendo náiades louras nos barrancos.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

E é um rio... E' um rio suspirôso e fraco,
E' um dôce rio de sedentas linfas,
Um rio pobre, mas, que, olhando, estaco,
Porque tem menos água do que ninfas.

E, ah! que dôido delírio em meus sentidos!
Como alegre me torna aquele susto,
Ao sentirem no olhar e nos ouvidos
A audácia do meu bérro e do meu busto!

Cáio sôbre elas, dôidamente... Cáio
Numa loucura, num furor estranho,
A atarantá-las, qual si fôsse um ráio
Que caísse no meio de um rebanho!

O sangue bérra como eu bérro... E o leito
Do rio entrando, a água revolvo, e sujo,
E seis ninfas apérto contra o peito,
E a todas seis, sem me conter, babujo...

Babujo, e beijo, e, num grunhido crebro,
Na ância que um fáuno tem, sem que a decifre,
Vou de encontro a um rochedo, e cáio, e quebro,
De encontro á pedra, meu segundo chifre...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

As ninfas fogem dos meus braços... Acho
O olhar turvado e a minha língua prêsa...
E môrro... e vou-me pelo rio abaixo,
Arrebatado pela correnteza...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

VI

O Escudo de Minerva

Mão nervosa e febril, Fídias sonha e trabalha.
A alma paira, genial, nas alturas serenas,
E o cinzel, a ranger, morde a matéria, e talha
A figura imortal da Senhora de Atenas.

Trabalha. A fronte, o braço, a alta cabeça, o escudo,
E a petrina, a guardar dos seios o tesouro,
Surgem, formando a deusa, hirta e solene; e tudo
E' talhado em marfim, cortado em pranchas de ouro.

E a estátua, um dia, enfim, no alto templo descansa;
O peito colossal quasi oféga e respira.
E, apinhada a seus pés, sob a base da lança,
A helénia capital, sábia e inteira, delira.

Todo o que olha, em respeito, aqueles trinta e nove
Pés de altura de Atena, evoca os tempos, quando,
Assim bela, ao surgir da cabeça de Jove,
Pela glória da Helade andára batalhando,

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

O gesto, a calma, o olhar, a firmeza do porte,
A face do broquel e a lança em que se apoia,
Dizem bem quem levou o estrago, a angústia, a morte,
Pelo braço do grego, ás falanges de Troia.

A audácia de Patrôclo e a dôida valentia
Da heróica multidão que os impérios invade,
Vieram da proteção e da Sabedoria
Da Senhora Imortal da Grécia e da Cidade.

E ei-la, ali, bela e só, como vinda d'outra éra
Ao báratro sem fim das misérias terrenas,
Para vêr, e abençoar com a presença severa,
As conquistas da Grécia e a grandeza de Atenas.

O lábio que inspirára o discurso de Ulisses
E da náu de Jasão déra o modêlo novo,
Era ali, belo e moço, austero e sem meiguices,
Mas, na sua mudez, a beijar o seu povo.

De repente, porém, olhando o escudo sôbre
O alvo pulso de Atena, alguem, afeito a insídias,
Espantado, e a gritar, á multidão descobre,
Na face do broquel, a figura de Fídias.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

O soberbo escultor, na alta febre que o inspira,
No seu orgulho hostil, de artista intemerato,
Mão tremente, olhar louco, em delírio, esculpira,
No divino broquel, seu humano retrato!

*
* *

Assim, ó sonhador, que te acolhes na dobra
Do amplo manto de Apolo, e erras, em sonhos, a êsmo,
Deixa sempre, insolente, impresso na tua obra,
Um traço da tu'alma e um pouco de ti mesmo.

Esquece, ao trabalhar, as humanas perfídias,
Mostra o teu coração, esculpe a tua idéa:
Como, outr'ora, imortal, o retrato de Fídias
Gravado no broquel de Palas — Atenéa!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

MONTANHAS E PLANÍCIES

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Je montais parfois au sommet de la montagne, et lá je frissonnais délicieusement, ô je vivais dans l'air d'une vie délicieuse... Quand je redescendais, je n'etais plus qu'un homme.

PAUL FORT. — *Montagne.*

Ma poi che fui al pié d'un colle giunto...

DANTE — *Inferno*, I, 5.

Tu dormes sobre as fôlhas que juncam a planicie, Dáfnes; teu corpo fatigado repousa...

TEOCRITO — *Epigramas*, III.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

I

In Solitudine Cordis...

E eu, sem rei! eu, sem Deus! eu, sem ter dama!...
Nestas cruzadas, qual o cavaleiro
Que não crê, que não serve, que não ama?

Qual o templário que, a lidar, como eu,
Maneja a lança pelo mundo inteiro
Sendo rebelde, misantropo, e ateu?

Onde é que passa, escudo á mão, na História,
Cristão guerreiro, idólatras domando,
Sem ter quem teça os seus troféus de glória?

Quem já viu, em que tempo, e em que logar,
Um herói cavaleiro batalhando
Pelo simples prazer de batalhar?

Ninguem; que a terra nunca teve espada
De quem, sem rei, sem Deus e sem amante,
Se expuzesse, feroz, nesta cruzada!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Ninguem; que nunca teve lança á mão
Guerreiro audaz, ou cavaleiro andante,
Sem ter amôr e sem religião!

Ninguem; que, em febre, nesta dôida lida,
De alma queimada numa ignota chama,
Sou, miserável! o único na Vida

Que não crê, que não serve, que não ama!...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

II

Caminho de Damasco

"— Para Damasco. . . !" E eu fui, no noturno mistério,
Cavalgando um corcel, sem repouso nem tino. . .
Ia vencer cristãos, batalhar pelo Império,
Vil soldado do Amôr, centurião do Destino.

Corri. . . A galopar pela treva infinita,
Não olhava, em redór, o caminho tristonho.
Levava a defender-me entre a gente maldita
A couraça da Fé e o escudo do meu Sonho..

Alta noite, porém, baixa da altura um ráio,
Espanta o meu corcel, que tropéça ferido.
Eu me agito, a tremer, salto da sela, e cáio,
Oscúlo o pó do chão. . . e me êrgo redimido.

Fiquei cégo. . . Bem sei que a ti devo esta morte
Dos meus olhos e és tu meu divino carrasco;
Mas, vou, por tua mão, amando a minha sorte,
Bendizendo, a cantar, a estrada de Damasco. . .

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

III

Ilhas Fugitivas

No tempo em que as caravelas,
Riscando mares profundos,
Com a cruz sangrando nas velas
Procuravam novos mundos,
— Muita vez, bordada a espuma,
Na curva do mar, se via
Surgir uma ilha entre a bruma
No meio da água erradia...

As náus, ao canto do vento,
Ante a água dos mares suja
A anunciar outro elemento, —
Entre os gritos da maruja
Famulenta e fatigada,
Aproavam, balouçando,
De largo velame pando
Para a terra divisada.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

E a frota, exáusta, veleira,
De pano ao vento, rangia...
Navegava todo o dia,
Velejava a noite inteira,
— Até que, entre vagas, a ilha
Ocultava, a se afundar,
Toda a sua maravilha
No seio verde do mar.

E os capitães, iludidos,
Atrás de terras ignotas,
Assim, nos mares perdidos,
Viram cem mundos sumidos
Nas prôas das suas frotas.

*
* *

Coração, que andas buscando
Na caravela do Sonho
Êsse país tão risonho
Que pensas que existe, — quando,
Sem ter as velas cativas,
Sairás, para teu gôso,
Do arquipélago enganoso
Destas ilhas fugitivas?

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

IV

Pela Estrada de Rages

Adiante!... Caminhar!... Põe-te de novo á estrada.
Ainda é longe daquí o musgo do teu ninho:
Ainda tens de vencer a procela zangada,
A treva, a chuva, o sol, os charcos do caminho.

O remédio que, assim, buscas chorando, e tarda,
E pensas porá fim ás tuas agonias,
Debalde o pedirás, — que o último anjo da guarda
Cortou a asa, e ficou na história de Tobias.

Debalde chamarás quem te guie e te entenda;
Debalde buscarás o "seu" beijo macio:
Não penses que virá, como outrora, na lenda,
Um anjo ao teu encontro á margem d'algum rio.

Si o bíblico viajor que andou vale e montanha,
E um bálsamo encontrou no vil monstro de um pégo,
Amôr, em vez de fel, buscasse em terra estranha,
Não daria, jámais, vista aos olhos do cego...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

V

Canto de Circoncelião

Viver só! morrer só! . . . Na selva desta vida,
Dôida árvore do Mal, sem que o orvalho me inunde,
Darei flôr, mas, debalde outra árvore florida
Pedirá, junto a mim, pólen com que fecunde.

Levarei, pela terra, esta vida de opróbrio.
No intenso batalhar da batalha em que luto,
Passarei, forte e só, de prazer sempre sóbrio,
Levando a maldição da figueira sem fruto!

Êste sangue, que é meu, e carrégo nas veias,
E foi, no mundo hostil, causa de máguas tantas,
Jámais ha de correr nas artérias alheias,
Que hei de, todo, deixá-lo ás artérias das plantas.

Na terra hei de passar sonhando e batalhando.
A ambição de procrear não me fére e consome.
Sentirei meu prazer si os homens virem dando
Os vermes no meu corpo e o olvido no meu nome.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Não fecundar! Morrer, sem deixar nêste mundo,
Por vingança de mau, numa existência breve,
Uma prova, siquer, do meu gesto fecundo,
E um rebento qualquer onde a Angústia se céve!

Qual o deus imortal que, a obrigar-me que adore
Sua obra, seu poder, seus éditos, inflúa
Para que eu, forte e deus, me ajoelhe e colabore
Na obediência da lei que a espécie perpetúa?

Si Jesus, meu irmão, rôla plácida e bôa,
Estrêla sem igual na doçura do brilho,
Jámais tentou procriar, por que é que amaldiçôa
O ventre da Mulher que não teve um só filho?

Que morram, pois, comigo, a minh'alma e o meu sangue;
Que a humana fórma em mim se conclúa e se extinga.
Sou humano, bem sei: e eis-me vencido e exangue;
Mas, devia ser deus... E' assim que um deus se vinga!...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

VI

Romaria Noturna

Na meia-noite má da minha saudade agre,
Quando recordo o mal que a mim mesmo me fiz,
Sinto reproduzido um póstumo milágre
Do gênio benfeitor do patriarca d'Assis.

Tôda vez que, em vigília, a evocar-te, medito,
Busco sempre, a tatear, o túmulo tristonho
Em que jazem, do pó no silêncio infinito,
No vale do Passado, os restos do meu Sonho.

E, táis, na lenda, ao monge, as aves acordadas,
Seguiam, sem cantar, pela treva sem fim,
Um medroso rumor acompanha as passadas
De um fantasma sutil que sinto dentro de mim.

Um arrulho choroso o espírito me invade...
Na noite da minh'alma ha farfalhos de franças:
Acompanha, por ela, o monge da Saudade
A piedosa legião das aves das Lembranças...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

VITÓRIA RÉGIA

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Eu vejo sempre teus pés de lotus...

PURANAS — *Lamentações de Radha.*

La tua bocca é un'algente
rosa notturna...

D'ANNUNZIO — *Vas Mysterii.*

Sweets to the sweet.

SHAKESPEARE — *Hamlet*, act. V.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

I

Vitória-Régia

No teu corpo de flôr trepída e estua
Todo o forte esplendor, tôda a grandeza
Desta terra, que é tua.

Sempre que te vejo, creio
Que esta gloriosa Naturêza
Da Amazônia, a enciumar terras e espaços,
Te acalentou em seus braços,
Deu-te o leite do seu seio.

No mundo heleno,
Em um mito qualquer, tão dôce quão perfeito,
Muitas vezes se viu a Terra pondo o peito
A' bôca de um deus pequeno.

Assim, tambem, num símbolo plutônico,
Eu, numa lenda, te poria
Sôbre o seio amazônico,
Para compor outra Mitologia.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Copiaste a esta terra
O que ela, quando expande
Sua alma e vigor, encerra
De belo e de grande.

*
* *

Exêmplo:
Na pompa egrégia
Do teu porte alto e risonho,
Tu és a Vitória Régia
Do lago azul do meu Sonho!

A água é muda e quieta...
Vida nenhuma seu dôrso anima:
Nenhuma borboleta,
Nem uma asa, por cima...
Apenas,
Enquanto o lago, num mistério, sonha,
Voga, cheia de sol, pelas águas serenas,
A ninfeácea tristonha...

E' sómente uma fôlha.
É, apenas, a lembrar uma salva redonda,
Um círculo que ninguem olha,
Uma fôlha sem flôr que á luz lhe corresponda.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Chega, porém, o dia
Fatal;
Chega o momento em que a monotonia
Foge e em que, forte e imortal,
A Natureza vem e, lenta,
Babuja a equórea planície
A espantar mudez e mágua:
E logo uma flôr rebenta
A' superficie
D'água!

Rebenta... Porém, rebenta
Rugando do lago a face,
Dando bôca á Solidão,
Com a mesma fôrça violenta
Do amôr sincero que nasce
Do fundo de um coração!

E logo por todo o lago
Ha um forte estremecimento;
No mais amoroso afago,
— A asa do Vento
Macio,
Leva a branda água encrespada,
Num sonoro arrepio,
Ás canaranas frágeis da beirada...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

E a flôr emerge, alva e núa,
No seu esplendor estranho,
Sem que haja outra que possua
Seu perfume e seu tamanho!

E domina, em roda,
Tudo.
A imperar sôbre a água tôda,
Aberto o seio alvo e mudo
A' carícia materna do luar,
Sabendo que, em si, resume
A pátria onde floresce, enche com o seu perfume
As margens, a água, a terra, a lua, as fôlhas, o ar...

*
* *

Já vês que, na pompa egrégia
Do teu porte alto e risonho,
Tu és a Vitória-Régia
Do lago azul do meu Sonho!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

II

A teus pés

Tu já viste, talvez, que é de joelhos que eu canto
Teu porte senhoril, teu moreno esplendor;
Minha lira jámais, para teu dôce espanto,
Fez corar tua tez, derramar o teu pranto,
Ou de leve ofendeu teus melindres de flôr.

Meu respeito por ti é o respeito do crente
Em piedosa oração ante o altar do seu deus:
E' o respeito cristão do fiel que pressente,
Em roda de seu templo e em meio de outra gente,
Os gritos infernais dos herejes e ateus.

Sem ter pátria nem lar, sem ter culto nem crença,
Minha Musa partiu por estradas crueis;
Caminhou, percorreu tôda a terra atra e imensa,
Até que te encontrou, no seu sonho suspensa,
E, mãos postas, caiu ajoelhada a teus pés.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Junto a ti, forte e só, defendendo o teu nome,
Teu casto resplendor, teu sonho virginal,
Na vida has de me vêr, sem fôrça que me dome,
Refulgindo de glória ou morrendo de fome,
A afastar dos teus pés as urtigas do Mal.

Cousa alguma, na terra, ha de, um dia, ofender-te.
Mesmo anônimo, e a orar, no chão por onde vais,
Alguem ha de tornar tôda maldade inerte,
Pondo em fuga, e em temor, a calúnia solerte
E afastando de ti a inveja dos mortais.

Teu caminho ha de ser o caminho mais largo,
Mais limpo que na terra os homens hão de vêr:
Nenhum tronco ha de pôr aos teus passos embargo;
Ramo algum, pela estrada, ha de dar fruto amargo,
— Que em tudo has de encontrar os frutos do Prazer!

Teu desejo menor, de exquisitos refólhos,
No teu templo paterno ou dentro do meu lar,
Por ínvios areais, entre serpes, e escólhos,
No deserto da Vida ha de ser aos meus olhos
A sêde de Ismael para os olhos de Agar.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Dize que vá mostrar, sem que o lábio te cale,
Minha fôrça de herói, minha audácia de deus,
E has de um Hércules ver, por montanha e por vale,
Roubando Gerióes á mandado de Onfale,
Vencendo pela terra os Euritos e Anteus.

Queres, acaso, ter, para ornar-te o cabelo,
Uma estrêla do céu, uma gema sem par?
Desejas o coral? Tenta-te o Setestrelo?
Queres astro do Azul? — Serei ave: has de tê-lo;
Queres concha melhor? — Sou Tritão: vou ao mar!

Has de entrar pela Vida assim como na História
O alto filho de Deus entra em Jerusalém:
Todo o sólo ha de ter, celebrando essa glória,
Retalhos do meu Sonho e, em sinais de Vitória,
Mil ramos has de vêr, agitados, tambem...

Não te irritem, portanto, o meu verso dorido,
As minhas orações á santa que tu és,
E deixa que, no mundo, em culto comovido,
Te acompanhe, a beijar-te a fímbria do vestido,
E a adorar, pelo chão, os sinais dos teus pés!...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

III

Juventude

Eu ando á caça de uma gazela que, com os seus encantos, mata o seu caçador.

ABBAS EBN EL AKHAF
(Poeta persa do IX século)

Quando, cheio de ti, pelo mundo sombrio,
Ansioso, algo busquei que fôsse a tua imagem,
Fui achá-la, ao fulgor de um deserto bravio,
No espantado perfil da gazela selvagem.

Ao moreno esplendor da tua juventude,
Teu corpo, forte e moço, em pletoras, encerra,
Na apotéose carnal da Fôrça e da Saúde,
O que é belo no mundo e o que é livre na terra.

Si te vejo passar, — alta epopéa humana, —
Palpitando ao rugir da carne tumultuária,
Vôo á Grecia imortal, sonho o vulto de Diana
Caçando javalís pelos bosques da Cária.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

És a imagem cristã dessa virgínea Artêmis,
Dessa esplêndida flôr de modêlo exquisito,
E procuras, talvez, — tu, que a vida não temes, —
Ir, tambem, perfumar as florestas do Mito.

Em ti, a Primavera anda, em festas, cantando;
O sangue, que, a bramir, da tua alma se apossa,
Lembra um rio invasor, que espumasse, acordando
O inconciente esplendor de uma terra inda moça.

O solo é farto e dôce, e a quietude é infinita...
O céu é largo, o clima é brando, a luz é clara:
A fugir, e a cantar, só a brisa se agita
Embalando o folhedo e ondulando a seára.

A terra de Canaan jámais deu, nem de leve,
A' fome de Israel polpa de melhor fruto:
Tudo é moço, e feliz — que o mundo nunca teve
Terra de melhor sol, sólo mais impoluto.

Mas, um dia, de longe, a Cordilheira junta
Tôdas as fontes más dos seus vales sem vida:
E o teu lábio, ao clamôr do teu sangue, pergunta
Aonde foi tua paz de Terra-Prometida!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Entretanto, a sorrir, na fase transitória
De Menina e Mulher, ergues tua alma inteira,
Tentas purificar, numa luta inda inglória,
Com a inocência da terra, a água da Cordilheira.

E, assim, vives com os pés prêsos á lama imunda
Da matéria e, Mulher, sentes que te domina
A tortura do Amôr — enquanto, alto, se inunda
Da pureza do céu tua alma de Menina!

E, daí, êsse olhar cheio de um fogo agreste,
Essa límpida voz de um tom súplice e terno,
Êsse geito, que lembra um arcanjo celeste
Que nos viesse falar de uma porta do Inferno!

Daí, essa expressão que em teus gestos explode,
O encanto singular dessa alma fugidia,
E o segrêdo por que minha musa não póde
Ter no laço de um verso uma corça vadia.

No dia em que te vi, levantando estas hordas
De desejos fatais na alma que te suspira,
Despertei, para ti, o encanto destas cordas,
Transformando num laço as cordas desta lira.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Numa rêde sonora, em teu caminho, aladas,
Inábil caçador, mil vezes extendi-as;
E, mil vezes, em feixe, uivaram rebentadas
Pelo bando feróz das tuas Alegrias.

Como, ás vezes, na selva, erram grupos medonhos
De caitetús, ao chão pondo lianas e franças,
Assim teu gesto franco abateu os meus sonhos,
Derribou, com fragor, as minhas esperanças.

Eu não te quero odiar, entretanto, por isso;
O mal que me fizeste, agora eu te perdôo;
Pudesse eu, ave livre, evitar teu feitiço,
E iria, junto a ti, proteger o teu vôo.

Por que, porém, falar do insensato desgôsto
Que abateu, que matou minha grande esperança?
Que culpa terás tu de um bom Deus te haver posto
Num corpo de Mulher uma alma de Criança?

Quem póde, no deserto, entre as fulvas areias,
Sob a cólera hostil do largo firmamento,
Domar o temporal ou, com os braços, pôr peias,
No seio da Amplidão, á asa dôida do Vento?

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Onde um índio capaz de deter na carreira
O indomável tapir que o homem persegue e caça
E, a fugir, sem parar, acorda a selva inteira,
Arrebenta os cipós e os ramos despedaça?

A mata é tôda em calma, e o Silêncio anda em tudo.
O Mistério sem fim abre a alta asa tristonha:
O ramo é quieto, a fôlha é quêda, o ninho é mudo,
O inséto é triste, a ave é parada e a selva sonha...

De repente, porém, ha uma reza de monge
Pela mata. Um clamor abre a bôca ao deserto...
Ha um sussurro medroso... é o tapir que vem longe...
Treme a selva em redór... é o tapir que vem perto!...

Onde anda o caçador que se atreva a, com arte,
Deter o disparar da carreira violenta?
E qual o aédo capaz de, com a harpa, domar-te,
Si a própria Liberdade em teu sangue rebenta?

Nem a lira de Orfeu, que lográra, na Trácia,
Trazer a fáuna inteira aos acórdes cativa,
Poderia, talvez, dominar essa audácia
Do teu vulto gentil de côrça fugitiva!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

A Fôrça canta em ti o seu hino de guerra.
Teu sistema arterial tem bramidos ciclópicos;
Entretanto, é a maior das purezas da terra
Teu busto senhoril de palmeira dos trópicos.

Tu és a árvore real de uma flóra fecunda,
Florejante esplendor, forte glória de um clima;
Si te prende a raíz da carne á terra imunda,
Abres a alma no Azul, dando flôres, em cima...

Deus não queira, porém, anjo, ferir-te um dia,
Nem te queime de sol, flórea árvore virente:
Terra, sê pura; ave, olha o céu; corça vadia,
Continúa a correr, sê livre, eternamente...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

IV

Era uma vez um Rei...

Era uma vez um rei que possuia uma filha,
Risonha tentação, sonho nunca sonhado:
Era um botão de flôr, excelsa maravilha
Que enchia de esplendor todo o reino encantado.

Dos reinos em redór mil príncipes vassalos,
Alma em fogo, a vencer os caminhos mais feios,
Vinham vê-la, a montar impacientes cavalos
Que branqueavam de espuma os oiros dos arreios.

O negro imperador de Calchemur, e o belo
Rei Melchor, cujo olhar lembra um céu de turqueza,
Fitaram sete sóis a ameia do castelo
Tentando conquistar as graças da princeza.

Nenhum poude, no entanto, embora, desvairados,
Lhe atirassem aos pés a prata e a pedraria,
Prender a Garça Real, — que ela, em gestos pausados,
Sempre que via alguem, arrufada, fugia...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Certo dia, porém, vai a princeza ao banho.
Sôbre a grama orvalhada ha rugidos de sêda.
E eis que um vulto qualquer, quási do meu tamanho,
Atravessa, a correr, a curva da alameda.

A princeza, estacando, olha, apressada, as áias
E, a sorrir, dedo ao lábio, ordenando sentido,
A tôdas faz sinal que, arrepanhando as sáias,
Vão pisando, com ela, o tapete florido.

E as damas, em silêncio, o index ao lábio, e as pontas
Dos pés quási a voejar sôbre a relva macia,
Acompanham-lhe o gesto, olhos sôfregos, prontas
A fazer o que acaso a princeza fazia.

Eis, porém, que, a tremer, a Alteza, de repente,
Pára, e, o mesmo indicando ás aias assustadas,
Curva o busto gentil junto a um cedro virente,
Que não tinha, talvez, mais de três polegadas.

Curva-se, e, o braço augusto abaixando com geito,
Arranca á sombra azul de uma azúlea coróla
Um leve e humano sêr, que podia ter leito
No calix duma rosa, ou num ninho de rôla

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Tira-o, branco de susto e, a sentá-lo no lindo
Trono da régia mão, aperta-o junto ao seio,
Dá-lhe do seu calor, e pergunta, sorrindo,
O país aonde vai e a terra donde veio.

O anãozito, entretanto, o beicito tremente,
A chegar-se, com mêdo, ás diáfanas cambráias,
Procurava escapar á mão de tanta gente,
Tremia de terror sob o dedo das aias.

E foi levado, assim, entre assustado e ufano,
A' presença do rei, com ternura materna,
Tendo a dôce princeza, ao dá-lo ao soberano,
Quebrado ao Polegar, com o seu dedo, uma perna.

E ficou, desde então, em palácio. O cuidado
Que inspirava, era imenso e, embora a lenda enfeite,
E' preciso dizer que o mísero encontrado
Foi, um dia, a nadar na terrina do leite.

Três pagens, dos leáis que êsse reino possuia,
Fôram mandados vir da mais alta nobreza,
Para servirem, sempre atentos, noite e dia,
Ao desejo menor do Encanto da Princeza.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

E o frágil Polegar, vestido de veludo,
Tendo aos pés, a arrastar, minúsculos sapatos,
Revirava o palácio, indagando de tudo,
Tentando, ao passear, o apetite dos gatos.

Acontece, porém, que os físicos, um dia,
Pondo as lentes, e olhando os seus gestos sem calma,
Notaram, com terror, que alguma cousa havia
Dentro daquele seio e a reboar naquela alma.

E havia... O Polegar, apesar de pequeno,
Mesmo apezar de anão, e de humilde, era preza
Do amavio fatal, do anônimo veneno
Que descia na luz dos olhos da princeza!

O mal era sem cura! Os mágicos e as fadas,
Os gênios do país e o sábios conhecidos,
Fôram vistos chegar, por brumosas estradas,
Batucando os bastões e arrastando os vestidos.

A princeza, a chorar, cercada pelas áias,
Junto do Polegar passava a noite e o dia:
E uma lua depois, na voz das ataláias,
Se soube no país que o anãozito morria...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

E morreu... E ninguem dêsse reino encantado,
Nem as fadas leáis, nem o gênio mais forte,
Conseguiram dizer, no palácio enlutado,
A origem dêsse mal e as razões dessa morte!

Eu, no entanto, a cismar, creio que tenho agora,
Cem mil anos depois, compreendido a tortura,
Descoberto por que, sem remédio e melhora,
O mal do Polegar foi fatal e sem cura.

Sim; que, sómente agora, alma em luz, peito em brasas,
Me é dado compreender a agonia traiçoeira,
Que, no chão, deve ter uma abelha sem asas
Vendo o lábio da flôr no alto ramo da aroeira!

Sómente agora eu posso entender a miséria
Dêsse anão, e explicar êsse gesto presago
Com que foge do lôdo a flôr da valisnéria
Ao vêr a companheira a flutuar sôbre o lago!

Seu suplício era o meu, que eu combato, e não domo:
Era a angústia que punge a minha alma de humilde,
O capricho em que o Amôr faz que fiquemos como
O rei Sisenagôr junto á princeza Otilde!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

E em que terra acharei uma fada velhinha,
Que tenha filtros bons e converse com a lua,
E possa, ao nivelar a tua alma com a minha,
Igualar, por um dom, minha estatura á tua?

O país encantado é num astro sem pólo:
A ciência já fechou seu caminho alto e estranho...
A fada não virá! No entanto, eu me consólo:
Os nossos corações são do mesmo tamanho!....

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

OBLAÇÕES A DIONISO

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Sogniamo, poi ch'é tempo di sognare...

D'ANNUNZIO — *Poema Paradisiaco.*

Je suis celui qui jette une pierre dans l'eau...

HENRI DE REGNIER — *Poèmes,*

Mon coeur est confondu de ce qu'il entrevoit...

FERNAND SÉVERIN — *Poèmes.*

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

I

Oração a Dioniso

Esta humilde, frágilima candeia
Trabalhada no ferro e á melhor chama,
Cheia da oliva da mais verde rama
Sinto aquecida por vontade alheia.

Minha língua de fogo, — alma que te ama, —
Para a face te vêr, se estira e ondeia:
No ígneo fumo — o meu sonho te volteia,
No áureo azeite — o meu sangue se derrama.

Com a tua mão, abriga-me do vento
Poupando o azeite fugitivo e oculto
Com que as chamas votivas alimento.

Quando o meu fumo te subir, acólhe-o;
E que eu me acenda para honrar teu culto
Até a última gôta do meu óleo...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

II

Sonhemos!

De um quieto lago cismador, no meio
Bate uma pedra, rápido atirada;
E a água se abre num súbito receio,
E, ferida, arrepia-se, espantada.

Forma-se, então, um círculo no seio
Da água, e procura, ampliando-se, a beirada:
E tanto se abre sôbre o lago, em cheio,
Que a água fica, de novo, socegada...

Mortal, que vives concentrado em pranto,
Por que trazes o espírito tristonho
E, enterrado em ti mesmo, sofres tanto?

Por que essa face de chagada Esfinge,
E não abres teu círculo de Sonho
Si acaso a pedra de uma dôr te atinge?

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

III

Sub Tegmine...

Tu, que, á sombra desta árvore, te dizes
Ébrio de angústia e pálido de fome,
Fica a meu lado, assenta-te ás raizes,
A mão levanta para um fruto, e come.

Pensas tu, por acaso, que os felizes
São êsses que, alto, sem ninguem que os dome,
Vão disputar-se os pérfidos matizes
Do pomo da Riqueza e do Renome?

Sê forte e justo, com bondade. Arrima
Quem buscar socôrro; e o teu trabalho
Seja, em baixo, amparar quem cái de cima.

Olha a fronde: é dos ventos sacudida...
E o melhor fruto nunca está no galho
Mais balouçante da Árvore da Vida!...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

IV

A Funda

(SALVADOR RUEDA)

O verso é a funda de uma idéa. Á teia
Dos fios trá-la, sem calháus, pendida;
Mas, si a tomares, que lhe emprestes vida,
E a tornes digna da atenção alheia.

Funda é o verso. Faiscando, balanceia
No ígneo cérebro a pedra encandescida;
E ao futuro, de súbito impelida,
Caminhando veloz, relampagueia.

O verso é a funda que uma idéa lança.
A pedra passa pela nossa frente
E no giro dos séculos não cansa.

E tu, que és poeta e sonhador austéro,
Lembra as pedras em funda resistente
Alto lançadas pela mão de Homero!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

V

A Samaúma

(A Olavo Bilac).

A Samaúma (*eriodendrun samaúma*) atinge, na Amazônia, proporções colossais, creando largas e poderosas raizes que, unidas ao tronco acima do solo, estabelecem na base dêste um contraforte de enormes caneluras ou sapopembas de dois e três metros de relêvo. Tendo essa árvore raizes muito profundas na terra, os índios utilizam essas caneluras para, fazendo-as soar a golpes de tangapema, convocar a tríbu, substituindo, por essa fórma, o trocano.

O tronco é um templo de seis portas. Cada
Raíz é um muro de rijeza e altura
Tais, que êsse tronco, sôbre a terra dura,
Mais parece a floresta conjugada.

Entre duas raízes ha uma lura,
Gruta ou cela, em que o indígena a pesada
Tangapema introduz: e a selva escura
Trôa, estronda, rebôa, despertada...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Poeta, que largas o teu verbo ao vento,
No sólo pátrio, gigantesco, enterra
As seis raízes do teu pensamento.

Crava-as, dando na Paz o mel que eu libo;
E resta firme para troar na guerra
Despertando os heróis da nossa tríbu!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

VI

África

Na partilha das sáfaras conquistas
Desta Líbia de mouros rancorosos,
O Deserto foi dado aos Poderosos
E o Oásis, flórido e mínimo, aos Artistas.

E os felizes, quais são? Os mil sofistas
Da Ventura, a pedir, de olhos gulosos,
Terra e mais terra? ou o que limita os gosos
E em sete palmos acomóda as vistas?

Certo, não sereis vós, ó Donatários
Do alvo Deserto, que velais, em guerra,
A áurea carga dos vossos dromedários.

Mas, tu, ó Poeta, que, por onde fôres,
Teus sete palmos has de achar na terra
Abrindo em trigo, rebentando em flôres!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

ORIGENS E METAMORFOSES

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Es fuerza que la flor preceda al fructo...

SALVADOR DIAZ MIRON — *Victor Hugo.*

In nova fert animus mutatas dicere formas
Corpora.

OVIDIO — *Metamorfoses* I, 1.

Cambia de formas, pero nunca muere...

MANUEL ACUNA — *Ante un cadaver.*

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

I

Punhado de Cinza

Expende Annibalem; quot libras in duce summo
Invenies?

JUVENAL — *Sat.* x, 147.

Que terás sido sôbre a terra? Estrume?
Árvore morta? carne de homem? grama?
Fruto? bandeira sacudida ao lume
E, após, mudada em pavilhão de chama?

Foste planta, e tiveste o teu perfume?
Réptil, acaso, e babujaste a lama?
Leito ou bêrço, e guardaste algum queixume
De quem nasce, ou segrêdo de quem ama?

Em ti, sem que a asa da ilusão cative,
Pressinto o vago remexer secreto
De um negro e vago turbilhão que vive.

Que eu, por mais que as orígens te escafandre,
Quedarei duvidando, como Hamleto,
Si és a cinza de um sapo ou de Alexandre!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

II

O Pavão

E' na Assíria, nas épocas solenes
Em que o reino de Baal ferve e delira,
Que pela última vez surge da pira
A salamandra mítica da Fénix.

Quando Sardanapalo, em fúria, atira
Ao fogo as gemas do seu paço, indenes
Nem aves restam: nos bulcões infrenes
A própria Fénix, chamejando, expira.

Feito em cinzas, porém, o igneo tesouro,
Delas se ergue o pavão, de asas serenas,
Lantejoulado de safira e de ouro,

E' que a Fénix extinta, cauda em halo,
Ressuscitava, a arrebatar nas penas
Tôda a riqueza de Sardanapalo!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

III

Semente Antiga

Ouvi dizer — e esta memória é clara —
Que um arqueólogo ilustre teve a idéa
De semear algum trigo que encontrára
Nos escombros lavares de Pompéa.

E do horto, humilde Cincinato, a aléa
Para o cultivo das sementes, ara;
E planta; e o trigo secular estréa
De novo á luz; e rumoreja a seara...

A vida é, pois, como um trigal... Semente
Ha, muita vez, que se conserve e acalma,
Quando outras brotam sob o sol ardente.

Essa guarda, no entanto, o suco antigo...
— Que eu bem percebo, ao triturar minh'alma,
Que é de seára pagan que vem meu trigo!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

IV

Milágre do Sol

> "M. Quinton affirme que la vie a apparu dans la mer et s'appuie pour cela sur le fait qu'il y a du sel marin dans tous les milieux intérieurs des êtres qu'il a analysés; il annonce que le milieu intérieur des êtres actuels est de l'eau de mer plus ou moins diluée suivant les cas." FELIX LE DANTEC — *Les influences ancestrales*, 2me. appendice, p. 301.

Máter água do Mar, imenso e equóreo
Ninho azul, em que o Espírito Secreto
Fecundou êste mundo transitório
Devassado por Tales de Mileto:

Princípio de onde eu vim, modo concreto
Da minh'alma imortal: eterno empório
Da Vida: oceano inavegado e inquieto
Em que o Conhecimento é um promontório:

Água do Mar, ó minha Mãe! sou isto
Que tu vês, porque o Sol, agora exangue,
Para as bodas de Deus, fez como Cristo:

Sou tão teu filho como um sêr marinho...
Eu sou tu mesma transformada em sangue:
— Sou a água de Caná mudada em vinho!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

V

O Lírio

Foi a rogos da Sirinx de alvo rosto,
Que, na Grécia, entre os plátanos, um dia,
Um lírio real pelo deus Pan foi pôsto
Como cálix da arcádia liturgia.

De então por diante é a lhe saber o gôsto
Que nas missas da selva se oficia:
Que era por êle que o selvagem môsto
O alto padre cornígero bebia.

O órgão da mata, que ainda chóra e viça,
Acompanhava a prédica sublime
Quando o deus, fulvo e nú, cantava a missa.

E eis porque, ó lírio, que a êste sol vicejas,
Si alguem te cólhe, eu vejo nisso o crime
De quem rouba as alfáias das igrejas!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

VI

A Amazônia

Êste é o palácio da Mãe d'Agua... O Dia
Não corusca de sol como corusca
Seu mais frágil portal, que espanta e ofusca
De encantados metais e pedraria.

Ai, entretanto, de quem corre, e o busca!
Ai de quem, ao transpor-lhe a frontaria
Tomba lá dentro, com volúpia brusca,
Arrebatado pela verde orgia!

Mães e noivas do Sul, ao noivo e ao filho,
Si andam no Euxino, entre marneis e escólhos,
Dizei que fujam de frontais em brilho.

Lá vive a iára, a náiade-cetáceo...
E desgraçado de quem põe os olhos
Nos traidores portais dêsse palacio!...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

VIDA SONORA

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Ouço lá fóra um lamento...
Quem geme tão tarde?

ALBERTO DE OLIVEIRA — *A Vóz das Arvores.*

Comme un nid qui murmure invisible,
Un bruit confus s'approche...

V. HUGO — *Everadnus.*

Es el latido
Del corazón de la Naturaleza.

FRANCISCO VILLAESPESA — *El Jardin de las Quimeras.*

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

I

A Abelha

Para que a abelha, nossa irmã, produza
Mel saboroso que, entre cêras, vaza,
Ha muita gente precavida que usa
Plantar roseiras em redór da casa.

E é por isso, mortal, que a minha Musa,
Que, a te servir, por êste sol se abraza,
Só te oferece do cortiço e da asa
Um mel, ou um pólen, que te amarga e acusa.

Não te queixes, portanto, si algum travo
Achares, sempre que um zumbido acene
A apressada fatura de algum favo.

O próprio inseto amolda-se ao subôrno:
Si não queres que a abelha te envenene
Não lhe plantes mandrágoras em tôrno...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

II

O Catavento

Aracnídeo de ferro, que ás desertas
Regiões do céu, impávido, se atira,
O catavento, espátulas libertas,
Aos quatro ventos se retorce, e gira.

Os temporais, de músicas incertas,
A brisa mansa, que, a fugir, suspira,
Ao passar por seu dôrso as mãos abertas,
Tiram-lhe acórdes de trombeta e lira...

Alma espartana, cuja base encérro,
Range, grita no azul, embora no atro
Sólo craves tambem teus pés de ferro.

Sofre; mas, antes de tombar vencida,
Páira na altura a revolver-te aos quatro
Grandes ventos do círculo da Vida!...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

III

O Sino

(SALVADOR RUEDA)

Quisera ser um sino ressonante
Para dizer, quando rompesse o Dia:
Ao que vive entre lágrimas: — "Confia!"
E ao sorridente e valoroso: — "Adiante!"

Para lançar meu cântico vibrante
Que desperta venturas e energia,
E afugentar a lúgubre agonia
Que entenebrece o coração do amante:

Para á Mulher ir segredar: — "Redime";
Ao Pecador: — "Vai reparar teu crime";
Ao Velho: — "Pensa na passada história";

Para, afinal, reconfortar o Atleta,
E, ébrio de sons, quando morresse um Poeta,
Rachar meu bronze repicando á Glória!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

IV

As Filhas da Agua-Grande

(Lenda da região lacustre do Rio-Grande do Sul)

No princípio do mundo, em que era tudo
Montanha ou Mar entre a Água-Grande e a Terra.
Como irada explosão de um ódio mudo,
Foi, certo dia, declarada a guerra.

E a luta insana começou. A Serra
Marchou sôbre a Água. Com o seu largo escudo
A Água a repele e, num mugido rudo,
Os moles dentes no seu dôrso enterra.

Mas a Terra venceu! E, na ira céga,
Como despojos da vitória, algumas
Filhas da Água, — as lagôas — lhe carrega.

E eis porque o Oceano, pelas praias êsma:
— E' a Água-Grande, com o braço das espumas
A chamar os pedaços de si mesma!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

V

O Milagre de Itaboca

(Lenda do Alto Tocantins)

"Ter vencido nesta viagem a Taboca, he ter passado na India o Cabo da Bôa Esperança". — P.e Antonio Vieira — *Carta ao Provincial do Brasil.*

No Tocantins, nos saltos da Itaboca,
Nas sêcas, a água tão feroz se atira,
Que por ela descer jámais se vira
Gente mansa ou cabôclo de maloca.

O próprio peixe se embebéda, e expira;
O tronco fóge como um ráio; e a róca,
Si é atingida na base, estala, gira,
Rodopia, se parte, ou se desloca...

Certa vez, entretanto, a olhar da beira,
Velho padre jurou, com a bênção do alto,
Descer no dôrso da veloz cachoeira.

Todos tremeram da fatal justiça;
— E eis que o barco sem remos vence o salto
Tendo o padre na tólda a dizer missa.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

VI

O Irapurú

Dizem que o Irapurú, quando desata
A voz — Orfeu do seringal tranquilo —
O passaredo, rápido, a seguí-lo,
Em derredor agrupa-se na mata.

Quando o canto, veloz, muda em cascata,
Tudo se queda, comovido, a ouví-lo:
O canoro sabiá susta a sonata,
O canário sutil cessa o pipilo.

Eu próprio sei quanto êsse canto é suave;
O que, porém, me faz cismar bem fundo
Não é, por si, o alto poder dessa ave:

O que mais no fenômeno me espanta,
E' ainda existir um pássaro no mundo
Que se fique a escutar quando outro canta!...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

MARMORES E PAINEIS

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Sculpte la pierre
Selon la forme de mon corps en tes pensées.

HENRI DE REGNIER — *Les Jeux Rustiques et Divins.*

El pulso incierto en el pintar se afirme
Y el teñido pincel vacile en vano...

PABLO DE CÉSPEDES — *Poema de la Pintura.*

Ya roca soy que tu cincel endiosa
De insectos, nidos, agua fugitiva...

SALVADOR RUEDA — *La Piedra Cantora.*

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

I

Medieval

Ah! belos tempos em que a gente, a um bérro,
E a chamar-se Dom Sancho ou Dom Duarte,
Se acastelava num broquel de ferro,
Mais arrogante do que o próprio Marte!

Dom Sancho, um dia, por valado e cérro,
Sái, á procura de emoção que o farte:
E eu, escudeiro de Dom Sancho, entérro
Minha lança vilã por tôda parte.

Chega-se á ponte de um castelo. Estaca
O cavaleiro, suplicando, á borda
Do fôsso, os braços duma Dona Urraca.

Surge a pionagem... Meu murzelo engancho...
Parte-se um tropo do meu élmo... E acórda
O ex-valente escudeiro de Dom Sancho!...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

II

Miritiba

E' o que me lembra: uma soturna vila
Olhando um rio sem vapor nem ponte:
Na água salôbra, a canôada em fila...
Grandes rêdes ao sol, mangais defronte...

De um lado e de outro, fecha-se o horizonte...
Duas ruas sómente... A água tranquila...
Bôtos na prêa-mar... A igreja... A fonte
E as dunas claras, onde o sol cintila.

Eu, com seis anos, não reflito, ou penso.
Põem-me no barco mais veleiro, e, a bordo,
Minha mãe, pela noite, agita um lenço...

Ao vir do sol, a água do mar se alteia.
Range o mastro... Depois... só me recordo
Dêste dôido lutar por terra alheia!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

III

A Morte de Sócrates

(PLATÃO-*Phedôn*).

No catre escuro da prisão severa,
Predicando aos discipulos, sereno,
De alma impassível, Socrates espera
Os eternos efeitos do veneno.

A Apolodoro, a quem a mágua altera,
Tranquiliza; e a Critón, no último aceno:
"Paga um galo a Esculápio..." E, álgida, impera,
A Morte, e cumpre o seu dever terreno.

Tinha passado os últimos escólhos:
A alma voára, feliz, pelo seu lábio,
Pondo o pólen das asas nos seus olhos.

— Que êle sentira, nêsse instante augusto,
A ventura tranquila de ser sábio
E a volúpia divina de ser justo!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

IV

No Banquete da Vida

(A um suicida)

LUCRECIO — *De Natura Rerum*, canto III

Quando chegaste, a mesa estava posta.
Incontáveis convivas, sem ter nome,
Em roda; e cada, como um lobo, em fome,
Busca o prato venal de que mais gosta.

Junto ao manjar, sem que outra mão lh'o tome,
O convidado, olhos em gula, encosta:
Êste, serve-se calmo; aquele, aposta
No seu próprio apetite; e come... come...

Sentaste. A mesa é de feição antiga:
Para o conviva ainda contém no bojo
Ódio, Calúnia, Intemperança, Intriga...

Cada qual no seu prato se abroquela.
Ergueste a voz a proclamar teu nôjo.
Tôda a mesa sorriu... Saiste dela!...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

V

A Boiada

(CEARÁ)

A caminho dos portos e dos curros,
Fazendo curva ou retidões de réguas,
Desce a boiada, aos corcovões e esturros,
Vencendo estradas de noventa léguas.

Vem das pastagens do Inhamuns. E, entre urros,
A poeira, e as filas de alazões e de éguas,
Erguem-se dôrsos, babam-se chamurros,
Chocam-se chifres, num fragor sem tréguas.

Ao pôr do sol, é o descansar. Si a lua,
Porém, se alteia no sertão remóto,
A romagem, de novo, continúa.

E ao luar, choteando no pastal que medra,
Recorda um monte que, num terremoto,
Chocasse, ondeando, seus cardais de pedra!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

VI

O Milagre de Guaxenduba

"Foi fama constante (e ainda hoje se conserva por tradição) que a Virgem Senhora fôra vista entre os nossos batalhões, animando os soldados em todo o tempo do combate". — PADRE JOSÉ DE MORAIS. — *Historia da Companhia de Jesus na Provincia do Maranhão*, cap. VIII, p. 62.

Minha terra natal, em Guaxenduba:
Na trincheira, em que o luso ainda trabalha,
A artilheria, que ao francês derruba,
Por três bôcas letais pragueja e ralha.

O leão de França, arregaçando a juba,
Saltou. E o luso, como um tigre, o atalha.
Troveja a bôca do arcabús, e a tuba
Do índio corta o clamôr e o mêdo espalha.

Foi então que se viu, sagrando a guerra,
Nossa Senhora, com o Menino ao cólo,
Surgir, lutando pela minha terra.

Foi-lhe vista na mão a espada em brilho...
. . . . . .
(Pátria, si a Virgem quís assim teu sólo,
Que por ti não fará quem fôr teu filho?)

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

VIAGEM DE RECREIO

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Pobre de aquel que corre y se dilata
Por cuantos son los climas y los mares!

FRANCISCO DE RIOJA — *Epistola moral.*

Amer savoir, celui qu'on tire du voyage!

BAUDELAIRE — *Les fleurs du mal.*

Ripartiró, signora, apena io senta
Che fra i monti cessata la tormenta.

ADA NEGRI — *Dal profondo.*

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

I

Retrospecto

Vinte e seis anos, trinta amôres: trinta
Vezes a alma de sonhos fatigada,
E, ao fim de tudo, como ao fim de cada
Amôr, a alma de amôr sempre faminta!

O' mocidade que me foges! brada
Aos meus ouvidos teu futuro, e pinta
Aos meus olhos mortais, com tôda a tinta,
Os remorsos da vida dissipada!

Derramo os olhos por mim mesmo... E, nesta
Muda consulta ao coração cansado,
Que é que vejo? que sinto? que me resta?

Nada: ao fim do caminho percorrido,
O ódio de trinta vezes ter jurado
E o horror de trinta vezes ter mentido!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

II

Para outra Aventura

La bella nave é pronta...
FRUGONI — *L'isola amorosa.*

Como velho marujo, fatigado
Que o sólo pátrio finalmente aborda,
E, em terra firme, a adormecer, recorda
Cenas vistas no mar, de lado a lado:

Coração, tu que tens atravessado
Trinta vezes o oceano, dorme á borda
Desta alva práia onde ninguem te acorda,
E onde tens trinta vezes repousado.

Ês marujo, porém; e o marinheiro,
Sócio humano do mar, sente a alma tonta
Sem o embalo do verde companheiro.

Nunca fiques em terra mais que um dia...
Dorme, pois; mas, intrépido, te apronta
Para as lutas da nova travessia!...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

III

Na tua Ausência

Vejo sempre desertas, ha três dias,
Essas duas janelas onde, outrora,
A buscar-me com os olhos, noite em fóra,
Comovida e medrosa, aparecias.

Toda a sala é sem luz. E eu, vendo-a, agora,
Escancarando as amplas gelosias,
Cismo: e penso que a casa, inteira, chora
Treva, por duas órbitas vasias.

E por que foi que a casa mudou tanto?
Por que as janelas, apesar dos fólhos
Das cortinas, são cégas dêsse pranto?

E' porque agora vives longe delas:
— Que eras tu, ó menina dos meus olhos,
A menina dos olhos das janelas!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

IV

Adoração

Entrando, ha dias, num salão de festa
Que, então, dormia solitário e triste,
Vi o chão que te teve a sombra honesta
E a alta fôlha de espêlho em que te viste.

E, tão longe de ti, no meio desta
Saudade ingrata, cândida, surgiste,
Atitude cristã, feição modesta,
No altar dourado que em meu peito abriste.

Olhei: na sala não se via um vulto.
E sabes tu, nêste fervor que assombra,
Como, alí mesmo, te prestei meu culto?

Foi de um crente o meu gesto de coragem:
Verguei no chão que te reteve a sombra,
Beijei o espelho que te vira a imagem!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

V

Gaivota Polar

Vais voltar ao teu ninho... Adeus, gaivota
Que, errante, e em susto, atravessando os ares,
Abandonaste os litorais polares
Pelas velas reais da minha frota!

Vai-te de novo para o gêlo. Os mares
Já se encrespam nas quilhas... Minha róta
E' para a terra cálida e remota
Onde erram garças volitando aos pares.

Si temes o uivo da procela, vôa!
O amôr é um rude temporal marinho
Que esta náu sempre teve pela prôa...

Volta! e dize ás irmãs de garra adunca,
Que, si outra náu as espantar no ninho,
Pairem nos mastros... mas não pousem nunca!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

VI

Alto Mar...

Meu navio, veloz, partiu primeiro
E navegou... E a velejar, sem rumo,
Cortava o mar, quando lhe viste o fumo
Do florído convés do teu veleiro.

Quando te divisei, mastros a prumo,
Minha prôa, traindo o seu roteiro,
Era, erguida nas ondas, o resumo
Do convívio da espuma e do pampeiro.

Vendo um barco acenar-te, na iminência
Do perigo final, nêstes remotos
Mares, abres as vélas da inocência...

Chegas... A vaga da Velhice o invade...
E êle se afunda, a te saudar com os rotos
Galhardetes da minha mocidade!...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

TUMULTO FINAL

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Londer the music there!

SHAKESPEARE — *King Lear*, act. IV.

Musique — encens — parfums..., poisons..., littérature...

ALBERT SAMAIN — *Le Chariot D'Or.*

Levantase un espeso torbellino...

LOPE DE VEGA — *Circe*, canto I.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

I

Monólogos de um Mártir

I

Na ceia, até Judas esteve com Cristo; no Horto, até Pedro dormiu e depois negou.

PADRE MANOEL BERNARDES — *Nova Floresta*, vol. I — XXVI — p. 180.

"...E dizer que eu preguei o sermão da montanha!...
Quem diria, ao me ouvir sôbre trigos em feixes,
Que devia morrer numa fome tamanha
Quem mil fomes matou com o milagre dos peixes!?...

Mas, si o Mundo é tão máu, para que te não queixes,
Homem, não faças bem ao cão que te acompanha:
Si não queres a Cruz, libertos jámais deixes
A serpe que ainda morde, o espinho que ainda arranha...

Si eu voltasse a remir novamente a Judéa,
Não mais ensinaria a uma raça tão brava
Meu credo de perdão, minha piedosa idéa.

Os amigos que tens só dependem do dia;
Na ceia, junto ao pão, até Judas estava,
Na noite da prisão, até Pedro dormia!..."

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

II

> Si los hombres doblan la rodilla en tierra, en las horas de angustias, no es para resar: es que, Nazarenos de la Vida, caen bajo la cruz de irredimible dolor, bajo el peso de la propria alma, llena de dudas y de desesperanzas...
>
> ANGEL GUERRA — *Literatos extranjeros* — Rapisardi, 70.

"Foi mentira de João, foi mentira de Marcos.
Tivesse ido ao Calvário a pisar alamédas,
E teria, talvez, sem vêr lanças nem arcos,
Ajoelhado no chão, caído as noves quédas.

Suei sangue a construir isso que hoje deprédas.
A barca de Simão, com os madeiros mais parcos,
Fiz sózinho... E, eis que, a rir, tu, que tudo arremédas,
Atiras sôbre o mar uma frota de barcos!

Semeador infeliz, pús mil sementes a êsmo...
Quando vi que era máu meu terreno, surprêso,
Fui ao Horto, e chorei com raiva de mim mesmo.

Acabei de ser Deus, chegado êsse momento...
E' mentira de João: não caí sob o pêso
Do madeiro da cruz, — mas do Arrependimento!..."

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

II

Brasileiro

Êsse teu corpo de moreno Apolo,
Êsse espírito bom de bardo afoito,
São, meu irmão, o símbolo do sólo
Brasileiro no século dezoito.

Vibras mais que ninguem: é lira de oito
Cordas teu coração. De polo a polo,
Procura, em vão, essa agonia um coito,
Busca, debalde, essa cabeça um cólo.

Teu corpo é um campo de batalha: uivando,
Vivem três raças, em fartura ou sêde,
Pelas tuas artérias batalhando.

E eis porque sentes, dia a dia, á tôa,
Essa ambição de apodrecer na rêde
E êsses impulsos de brigar em Gôa!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

III

Sultão

Tenho um serralho na Turquia; e eu mesmo,
Por não sei quais aberrações humanas,
Fui transformado, por milágres, e a êsmo,
No alto chefe das gentes otomanas.

Por cem mil tubas meu poder propalo.
Á um gesto meu, todo o meu povo é a pé:
Tenho todo o ouro de Sardanapalo
E as mil mulheres de Mulei-Hamé.

Que importa a mim, que sou sultão, que a gente
Grite e réze lá fóra? que me importa?
Quando Alá fez o chifre do Crescente
Foi para os altos da Sublime Porta.

Eis-me no harem, ao meio-dia. As lôas
Sobem, e eu sinto, pelo gineceu,
O odor selvagem de famintas leôas
Chamando o leão dêstes desertos — eu!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Sáida, Kiusa, Noêmia e Zélia, e Zára...
Eis as lindas huris, que, sem trabalho,
Alá me deu, como um presente, para
Minha gloria, e esplendor do meu serralho.

Quem eram elas? Meu eunuco é mudo...
Eu só percebo, ao me saber sultão,
Que a huri, comigo, em meu império, é tudo:
Vinho, mesquita, cimitarra, e pão.

Do mar de Oman ás solidões do sírio,
O sólo fértil me pertence, inteiro:
O mussulmano, quando colhe um lírio,
E' a mim que pede que lhe tome o cheiro.

Sáida é um fresco botão de Alexandria
Que o seio á abelha dos meus beijos dá.
Gôzo de uma hora... tentação de um dia...
Que noite de ouro!... Agradecido, Alá!

Kiusa era o sonho de um pachá. Delira
No seu corpo a Anatólia: — a anca redonda
Lembra a fórma harmoniosa de uma lira
E o silencioso caminhar de uma onda...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Zélia é um delírio do Profeta. E' o gênio
Da volúpia imortal, que Alá me deu.
E quem aperta êsse demônio armênio
Nos braços quentes de sultão, sou eu!

Noêmia é um sonho todo azul... Noêmia
Não tem nas carnes o clarim que atrôa:
E' o som longinquo da canção boêmia,
Fumo de brando narguilé, que vôa...

E Zara? O' sombra do Alcorão! Mesquita
Do muezim do meu beijo! Vive em paz!
Teu corpo é o poema que mais alto grita
A bôca de ouro de um cantor de Ocaz!

E o resto? Quantas? Eu não sei, ao certo...
A alma é casada, e se confessa viuva:
Que o meu Desejo é um singular Deserto
Que arde, perene, reclamando chuva!

. . . . . .

E assim, sonhando, a ânsia do sangue calo.
O homem que sonha, póde ter, até
O ouro das arcas de Sardanapalo
E as mil mulheres de Mulei-Hamé!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

IV

Grito

(SALVADOR RUEDA)

Ao sondar minha Dôr, qual si chorara,
Pedi: — "Cristãos, vêde meu mal traiçoeiro!"
Mas os homens sem fé, no mundo inteiro,
Vêr não quiseram minha sorte amara.

Cheio de nôjo, procurei uma ara,
E implorei: — "Homens d'honra, a mim, primeiro!"
E, de tanto fingido cavaleiro,
Nenhum, para me ouvir, volveu a cara.

— "Filantrôpos, — clamei — predicadores,
Moralistas, filósofos, doutores,
Consolai o meu íntimo desgôsto!"

Não se ouviu meu gemido suplicante...
Gritei: — "Canalhas!" e, no mesmo instante,
Todo mundo me olhou, voltando o rosto!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

V

Orfeu

(JULES LEMAITRE)

Um dia, exáusto e só, na tortura que o agita,
Orfeu, premendo a lira entre as mãos, soluçando,
Põe-se, prestes, de pé, no alto Ródopo, e grita:

— "Vou matar minha Dôr, celebrando essa imagem
Que o Inferno me levou para sempre..."; e, cantando,
Começou a tocar pelo bosque selvagem.

Sua lira, no entanto, a angústia não lhe acalma.
— "De que serve — gritou — a Arte, si a Arte não tira
Os espinhos que põe nos recôncavos da Alma?"

E, de um impeto só, as três cordas á lira
Rebenta, por que a Dôr não lhe exprime ou comporta.
E o instrumento, a chorar, grita, quebra-se, expira...

— E atirou-se a dormir, para sonhar com a morta...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

*
* *

Era acaso uma deusa? era um deus? E' mistério.
Uma fórma sutil, descida não sei donde,
Sôbre a terra baixou, no seu pétaso etéreo.

Baixou, cingiu Orfeu sob as asas em jôgo,
Tateou-lhe o peito amante, onde a angústia se esconde,
E abriu-lhe o coração com os seus dedos de fogo.

Dêle extrái, a sangrar, sem que a vida lhe fira,
Três fibras, e, ainda em sangue, e a pulsar, as constrange
Ao deserto logar das três cordas da lira.

Quando Orfeu despertou, a sombra, num carinho,
Põe-lhe a lira nas mãos, e lhe diz: "Aédo, tange
Êste novo instrumento, e segue o teu caminho".

A essa voz maternal, de piedosos impulsos,
A lira, á mão de Orfeu, ainda em horas noturnas,
Chora e geme, á pressão dos seus dedos convulsos.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

E é tal êsse gemer, que, num côro, plangentes,
As panteras e os leões vêm chorando das furnas,
Trazendo, ainda a sangrar, carne rubra nos dentes.

E' um cortejo animal por um deus conduzido.
O pinhal, quando os vê, por si mesmo agitado,
Cadencía o embalar e acompanha o gemido.

Brilha o sangue de Orfeu no instrumento sagrado.
E assim foi, que, a encantar suas máguas violentas,
O poeta semi-deus se sentiu consolado.

— Chorava o coração pelas cordas sangrentas...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

VI

Canto Final

(Á TERRA)

Terra, de onde eu parti, Mãe que um dia possuiste
Em teu seio imortal minha humildade inerme;
Que tiveste em tua alma a minha alma de triste
E guardaste em teu corpo o meu corpo de verme;

Terra — berço letal do ímpio gênero humano
Que a piedade de um deus, como Israel no Egito,
Arrancando, talvez, á furia de um tirano,
Colocou, entre sóis, á margem do Infinito:

Aquí tens o teu filho —a mísera centelha
Da tua forja imensa — a pedir-te que o embales
Ou lhe dês — ó alta flôr! — duas asas de abelha
Para, em surto, chegar á borda do teu calix!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Quando, ha quinze milhões de anos prósperos, eras
Moça, virgem, pagan de músculos sem peias
E rolavas, rugindo, altíssimas esferas,
Tendo fogo a correr nas faces e nas veias;

Quando tudo ao teu brado estrepitava e ardia
Buscando o teu calor, pedindo o teu confôrto;
Quando a lua, a fulgir, ainda não parecia
Um frio coração tirado a um peito morto;

Quando, ebriada de luz, fremindo e palpitando,
No radioso esplendor da éra paleozoica,
Surpreendeste em ti mesma uma voz convidando
Para a glória do amôr, tua alma hercúlea e estoica:

Terra, tu, levantando o teu cólo revôlto,
Olhando o grande céu, por um bárbaro instinto,
Soltaste, certamente, as blasfêmias que eu solto,
Sentiste, certamente, estas ânsias que eu sinto.

E, então, erguendo a voz dos vulcões poderosos,
Cuspindo para o espaço a espuma dos teus mares,
Exprimiste á amplidão teus prazeres, teus gósos,
Contaste aos altos céus tua Dôr, teus pezares.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Quando moça, como eu certamente possuiste
Ânsias no coração e fogo em cada artéria;
E clamaste, e cantaste, e gemeste, e rugiste
Gravando as sensações na tua periféria.

E é daí que te vem esta fisionomia,
A fórma irregular da tua face muda,
Que o homem, louco, e infeliz, fazendo a geografia,
Andando sôbre ti, ha séculos estuda.

Essa luta infernal ainda agora palpita,
E, a exprimir o que foi, ainda em saudades medra:
Que é uma história de amôr à planície infinita,
E a montanha, alta e só, é um soluço de pedra.

Quanta hora de prazer e quanta hora ígnea e amara,
Quantos dias de dôr, quantas blasfêmias grandes,
Não representarão o deserto do Saára,
Os altos Pirineus e a cadeia dos Andes?!

E tiveste, tambem, tuas horas serenas,
Teus instantes de amôr, na história do universo,
Que fizeram, talvez, essas várzeas pequenas
Em que ha uma óde na flôr e na pétala um verso.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Êstes poemas são teus. Nêles deixei minh'alma,
Retratei meu prazer, meus males infinitos:
São planícies em flôr — meus idílios em calma,
São altos montes nús — minhas ânsias, meus gritos.

Têm vales e vulcões, têm serras e desertos,
Têm montanhas azuis e várzeas pequeninas,
Insaciados Gilbéos e amplos sertões cobertos
Do sangue dos rosais, do pranto das boninas.

Faze, no entanto, ó Mãe, com beijos tutelares,
Que eu não possa, jámais, alterar o meu rumo:
Atiça meus vulcões, dá-me novos pesares,
Conservando no céu meus penachos de fumo...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

POEIRA...

3.ª SERIE

(1916 - 1931)

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

CINZA DO CREPUSCULO

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

I

Pecado

Por sete anos dormiu, ígnea e silente,
Dentro em nós aquela hora de desejo,
Para enfim rebentar, subitamente,
No susto pecador daquele beijo!

Êsse instante de amôr foi tão ardente
E, aos nossos corações, tão benfazejo,
Que, passada a agonia do teu pejo,
Se tornou, para nós, quasi inocente.

Bendigamos, no entanto, essa loucura
Que, afinal, nos ligou e que redime
Tantos anos de sonho e de amargura.

E si essa hora de amôr te ha torturado,
Que a delícia divina do meu crime
Adóce a punição do teu pecado!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

II

Ressurreição

Bendito o coração que não esquece
A inédita emoção do amôr primeiro,
E a quem ela, no instante derradeiro,
Numa bênção, de súbito, aparece!

Abençoada seja, em tôda prece,
A árvore que, na asperidão do outeiro,
Na áurea colheita do pomar inteiro,
Recorda o fruto da primeira messe!

Bendita seja, e, para o amôr, sagrada,
A alma que acorda do primeiro sono
Com os olhos postos na ilusão passada.

E bendita, afinal, a alma sincera,
Que abre na solidão do meu Outono
Meu primeiro botão de Primavera!...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

III

O Louco e a Sombra

Quando, nas minhas mãos, com a alma em festa,
Te aperto o rosto com os seus gestos lentos,
Tenho a impressão de que, ao beijar-te a testa,
Vou beijar, um por um, teus pensamentos.

Nêsse instante de amôr, nêsses momentos,
Minha vacilação, que te molesta,
Róla, no sôpro dos teus juramentos,
De uma tristeza comovida e honesta.

Vejo-me em ti, no teu olhar dormente,
Como o arbusto da margem, balouçando
Debruçado no espêlho da corrente.

E, ao ver-me assim, em teu olhar, sem mágua,
Recordo um dôido que estacasse, olhando
Seu próprio rosto refletido na água!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

IV

Saudade

Nêste oceano da Vida, onde uivam máguas
E erram os beijos que as sereias dão,
Meu pai Netuno sacudiu ás águas
O triste búsio do meu coração.

Ouvi as queixas de Nereu, e trago-as
Entre os cavos gemidos de Tritão:
Muita tormenta o ensanguentou nas fráguas,
Muita nereida o acalentou na mão...

Uma noite, porém, argêntea ondina
Que o queria nos braços embalar,
Deu-lhe um leito final de areia fina.

E êle ficou, entre os clarões do luar,
A rèpetir em música surdina
As mesmas vozes que escutou no Mar...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

V

O Incêndio Sagrado

Ha em cada peito uma fogueira ardente
Que, por nós, num incêndio, se propaga...
A princípio, é centelha arisca e vaga,
Que se abre em chamas, repentinamente.

A mão pequena, que tortura e afaga,
Lança a fagulha ao coração da gente...
Fogo!... Delírio!... E, inesperadamente,
A labareda, tímida, se apaga...

Bendito é aquele que desaparece,
Deslumbrado e feliz, sem vilipêndio,
No tumulto da chama em que se aquece!

E bendito, ainda mais, o que acha uma asa
Que, em seu Inverno, lhe renove o incêndio,
Avivando no peito a última brasa!...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

VI

Maldição

(De Nohabed Kutchak, armenio)

Maldito seja o homem da terra
Que não tem pena de quem ama!
Que êsse pereça em dura guerra
Em bosque estéril e sem grama!

Mordendo o solo, hirto, de bruços,
Que não se escute o seu lamento;
Que ninguem leve aos seus soluços
O derradeiro Sacramento!

Que na aspereza dêste leito,
Sôbre essa terra húmida e fria,
Coaxem os sapos no seu peito
Para ajudar sua agonia:

Que a vida, aos poucos, se lhe exgote,
E, olhos vorazes, ao seu lado,
Um corvo seja o sacerdote
Que desça a ouvir o seu pecado!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Que, após a morte, os seus destróços,
Não sejam vistos pelas gentes;
E que apodreçam os seus óssos
Sob a rodilha das serpentes!

Que o fogo fátuo, que êle encerra,
Lhe negue mesmo a última chama...

*
* *

Maldito seja o homem da terra
Que não tem pena de quem ama!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

VII

Envelhecer...

Na manhã da existência, ouvindo o peito,
Que previa teu vulto no caminho,
Dentro em minh'alma levantei teu ninho,
E, nêsse ninho, preparei teu leito.

Desceu a tarde, e ainda me viu sózinho.
Murcham as flôres, que, de leve, ajeito;
De novas rosas tua colcha enfeito,
E o travesseiro, novamente, alinho.

Cái, tristonho, o crepúsculo, na estrada.
Alongo os olhos, atirando um beijo
A' fórma vaga do teu corpo... E nada!

Recomponho as palavras que não disse.
E, apagando a candeia do Desêjo,
Adormeço na noite da Velhice...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

ÁTOMOS

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

I

O Caçador de Estrêlas

O príncipe Ilhuicamina,
Moreno flecheiro azteca,
Os olhos, á noite, séca
A olhar o céu, que o fascina.

Quando uma estrêla cintila,
— Diamante do aéreo tesouro —
Despede êle a flecha de ouro
Para vazar-lhe a pupila.

Gasta êle, assim por seu gôsto,
De flechas mólhos e mólhos...

(Conceição, cobre teu rosto,
Tem cuidado com os teus olhos!)

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

II

Cancioneiro Japonês

I

(De Işuraki)

Sôbre a veiga da montanha
Ouve-se um dôce lamento,
Uma queixa suave e estranha.
E' a folha do arbusto, prêsa,
Que a chora, ao sôpro do vento,
Por não ir na correntêza...

II

(De Açayaçu)

O vento, embalando o galho
Sem cuidado nem meiguice,
Das fôlhas sacóde o orvalho,
Que lembra, na iriada queda,
Um colar enfiado em seda
Cujo cordão se partisse...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

III

A Brisa e o Ramo

Pelo arvoredo foge a aragem,
Em rumorejo, docemente,
Ninguem a vê; e a árvore a sente
No movimento da folhagem.

E quando pela verde França
Não mais o zéfiro desliza,
A árvore lembra aquela brisa
E, por si mesma, se balança...

— Em minha árvore florída
Quando, invisível e medrosa,
Vieste passar, misteriosa,
Pelo jardim da minha vida.

Deves ir longe, em liberdade...
Entanto, múrmura, intranquila,
A árvore, triste, oscila... oscila...
Nêste balanço da saudade!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

IV

Fôlhas Sôltas

I

INGRATIDÃO

Jámais digas, nos dias de ventura,
Que de outro coração tu'alma é dona
Si êle, acaso, de rastros, te procura.
Lembra-te sempre, que, na noite escura,
Até a tua sombra te abandona...

II

MÃOS

Quando, após a tua prece,
As mãos separas, sorrindo,
O teu gesto me parece
O de um lírio suave e lindo
Que vai, de leve, se abrindo...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

III

SONHO

A' luz da lua, que nos vê da altura
Espalhando perdão pelos espaços,
Vens a mim, palpitante, os olhos baços,
Dando-me a bôca pequenina e pura...

E acordei, meu amôr, ferindo os braços
Na roseira da tua sepultura!

IV

A VÍBORA

Iamos rindo pela mesma estrada
Quando viste na areia, enrodilhada,
Uma serpe, que vinha pelo chão.

E estremece. A víbora, enroscada,
Tomára a fórma de teu coração!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

V

A Semente do Dèserto

No alto sertão da minha terra
Cái, misteriosa, uma semente
Que à outras sementes move guerra.

Onde ela nasce, de repente,
— Seára de mão cruel e ignota, —
A relva murcha, suavemente.

E nas planícies onde bróta,
E onde nem sempre é conhecida,
Toda a campina se desbota...

(Semente bárbara e remota,
Quem te semeou na minha vida?)

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

VI

Os Olhos de Minha Filha

De um lindo oriente, húmidas, límpidas,
Brilhando sempre para mim,
Eu tenho em casa duas pérolas
Em duas conchas de marfim.

São meu tesouro. Si a mão, trémula,
Alguma delas quer tocar,
Súbito, a nívea concha cerra-se,
Como outras conchas que ha no mar.

Noivas do Sol, á noite, fecham-se,
Como se fecha muita flôr;
E, si as rocia alguma lágrima,
Têm nova luz, mudam de côr.

Filha, a riquêza única, e esplêndida,
Que eu tenho, e ao mundo se retrâe,
Está no brilho dessas pérolas,
Que são o orgulho de teu pai.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

VII

Cancioneiro Espanhol

I

Teu lindo lábio encarnado
Veio o coral espiar:
E escondeu-se, envergonhado,
Nas profundêzas do mar!

II

Por um charco de má fama
Passa um homem de máu gôsto.
Lança uma pedra na lama...
E a lama suja-lhe o rosto!

III

Para o céu erguendo o braço
Disse o teu nome, Maria.
A núvem parou no espaço;
Desfez-se em pranto... Chovia!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

IV

Si algum dia te curvares
Não seja de humilhação:
Se para erguer nos ares
Aquele que está no chão.

V

Mostra-te sempre orgulhosa,
Soberba, á maneira antiga:
Quanto mais dôce é a rosa,
Mais a procura a formiga.

VI

Depois do mundo concluido
E que o ouro nêle espalhou,
Deus ficou arrependido
Reuniu êsse ouro, e enterrou.

VII

Constelações... Quís eu vê-las.
E sabes que descobri?
E' que são grupos de estrêlas
Que conspiram contra ti!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

VIII

Deus move a núvem, e ordena
Que baixe á terra; entretanto,
Ela vem com tanta pena
Que desce em fórma de pranto!

IX

Si em toda sêda ha um gemido
Eu tenho a causa explicada
E' que a sêda de um vestido
Andou contigo abraçada.

X

Tua mão... Que mimo! Ao vê-la,
Essas estrêlas que contas,
Gritaram: — "Olha uma estrêla,
Como nós, de cinco pontas!..."

XI

Quando a flôr desabotôa,
Vai-se ao mel por dois caminhos:
Um, por onde a abelha vôa,
E o da formiga, entre espinhos...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

XII

Eu nasci como a gaivota,
Junto do oceano, entre escolhos:
Por isso é que não se exgóta
A água do mar nos meus olhos!

XIII

O Amôr é uma ilha de encanto
Para onde, audaz, eu nadei;
Cortorna-a o oceano do Pranto,
E eu... no Pranto me afoguei!

XIV

Teu nome, em dias felizes,
Confiei a um lírio, no chão.
E hoje o lírio dá raizes
Em fórma de coração!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

AREIA SÔLTA

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

I

A Candeia

Na furna áspera e fria, onde, á noite, uivam féras,
Aos doutores do mundo abrindo o coração,
Ensina o seu saber, com palavras severas,
Nos confins do deserto, entre eremitas, João.

—"Monge,—diz-lhe um doutor,—que recompensa esperas
Transmitindo, tão franco, a ciência a teu irmão?
Guarda, como um tesouro, as verdades austéras;
Não disperses teu verbo. O teu verbo é o teu pão".

O eremita sorri e, em vez de responder:
— "A candeia sem luz, traze-a, que é noite, filho;
Nesta, que já acendi, vem a tua acender".

A candeia acendeu-se, e ficou a brilhar.
E aquela que a acendeu continuou com o seu brilho.
E o eremita, no chão, pôs-se, de novo, a orar...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

II

Marinha

Tua estranha beleza, a quem te veja,
Nada recorda de terreno e humano:
Em tua carne, de volúpia e engano,
O cavo búsio dos tritões troveja.

Sente o gôsto das ondas quem te beija.
Todo o teu corpo, de um calor profano,
Ondúla e ferve como a vaga. O oceano
Na equórea curva do teu cólo arqueja.

Teus olhos verdes e teus pés pequenos,
Dizem, na sua languidez de bruma,
Que nasceste das águas, como Vénus.

E dessa origem, com que a terra afrontas,
Trazes dois montes de cheirosa espuma
Com duas rosas de coral nas pontas!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

III

O Pai

Triturando com os pés os seixos do caminho,
Retorcendo nas mãos seu bordão de pastor,
Tostado pelo sol do Deserto maninho,
Chega á tenda do sôgro o moço Abinagôr.

—"Pai — soluça, — a mulher que puseste em meu ninho,
Traiu meu coração; e eu, tomado de dôr,
Esmaguei, com o meu pé, a flôr do meu carinho,
Semente do meu lar, fruto do teu amôr".

O semblante do ancião de súbito se encova.
Nos seus olhos de leão ha um pranto que não cái,
Mesmo na maldição de tão bárbara prova.

Na tenda do Deserto entra, soturno, o pai.
E a trazer pela mão sua filha mais nova:
— "Ês um homem de bem; toma outra espôsa... Vai!"

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

IV

O Japiim

(Conto do Alto-Tocantins)

Entre os ramos de um alto castanheiro
Travou-se a luta; com os escudos da asa,
O japiim defendeu-se um dia inteiro,
Guardando os filhos, protegendo a casa.

O tangará, porém, ágil e arteiro,
E a quem, no entanto, o desespêro abraza,
Sôbre o inimigo atira-se, e, certeiro,
De uma bicada o coração lhe vaza.

Ao notar que o japiim tombára exangue,
O antigo tangará, de côres suaves,
Pôs-se todo de luto, e o bico em sangue.

E é por ódio mortal, que a voz lhe trunca,
Que o japiim, por seu turno, imita as aves,
Mas como o tangará não canta nunca!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

V

O Meu Primeiro Cabelo Branco

A semente feraz de que brotaste
Teve um celeiro de húmidos refólhos:
Desprendeu-se de um vínculo sem haste,
Veio da sementeira dos meus olhos.

És a seára da Angústia; e rebentaste
Como o cacto maldito entre os escólhos...
— Quem semeou, colherá... E, si o semeaste,
Terás teu trigo, na velhice, aos mólhos...

Cada gôta de pranto é uma semente
Que no outono da vida desabrocha
Num fio branco, que entristece a gente.

Fertilizei com ela o sólo bruto...
E eis que a semente rebentou na rocha
Para amarelecer antes do fruto!...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

VI

A Via-Látea

A' noite, em viagem, sob o céu de Estio
Que, alto, estrelado, num docel se arqueia,
Sem o claro faról da lua cheia,
Pela estépe do mar, corre o navio.

E atrás, na esteira, pelo céu vasio,
A chaminé, a fumegar, semeia
Uma ardente fumaça, que serpeia,
E se perde na noite, como um rio...

Muito acima, no entanto, sem um rumo,
Despertando a amplidão do seu letargo,
Retalha o céu um turbilhão de fumo.

Ha uma estrada de luz no firmamento...
— E' o navio de Deus, que passa ao largo
Com o penacho de estrêlas sôlto ao vento!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

VII

Asas da Itália

Tal, outróra, na Itália, a águia de Júpiter
Traçando a linha do destino humano
Cortava o espaço, desafiando o sol,
— Vós, que sois vozes dos modernos áugures,
Águias de aço, acordando o céu romano
Levantastes o vôo no arrebol.

No vosso peito, com fragor ciclópico,
Os motores febris rugem ao vento
— Aéreos corações pulsando no ar.
O oceano escuta o apavorante estrépito.
E as dôze asas de Itália, num momento,
Roncam na altura, dominando o mar!

Que importa nêsse vôo uma águia impávida,
Ferida na asa, rodopie ansiando
Na onda que se abre como um mausoléu?
Que importa uma outra, num fragor, precípite,
Tombe sem fôrças, si outras vão soltando
Seu grito de vitória, pelo céu?

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Visitam-nos convosco trinta séculos.
No vosso vôo, que é epopéa e idílio,
Vemos o gesto de uma grande mão.
E, nela, ao sol, nosso latino espírito
Vê o braço de Horácio e de Virgílio
Semeando o trigo que nos deu o pão!

Salvé, pois, nêste céu amigo e bárbaro,
A vós, arautos da missão fraterna,
Da alma da Itália, que palpita em nós!
Salvé, modernos capitães de Rómulo,
Embaixadôres dessa Roma eterna
Que uniu á mão segura a asa veloz!

Sêde benvindos, cavaleiros céleres
Cujos bravos corcéis ás núvens móvem
E que andais na Amplidão a galopar!
Sêde benvindos, descendentes de Icaro,
Que unis a Itália nova ao Brasil jóvem
Entre a ameaça do céu e o uivo do mar!

Sêde benvindos, sim, filhos, do Láscio!
A asa déstra fechai nêstes espaços
Em que a estrêla na altura é um coração!
E ao voltardes de novo á Italia invicta,
Levai todo êste céu nos vossos braços
E o Cruzeiro do Sul na vossa mão!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

ÍNDICE

PRIMEIRA PARTE

Poeira 9

BEATRIZ

Beatriz 13

I Lendo-te 14
II No Sertão 15
III Junto a ti 16
IV No trem 17
V Olmeiro de Arezzo 18
VI Nessun maggior dolore 19
VII Tiberiades 20
VIII Simbolo 21
IX In Excelsis 22
X Tuas Cartas 23
XI O lago 24
XII Nirvana 25

LIVRO DE HILDA

A Robério Dias 29

I Visio — I 30
— II 31
II Tua beleza 32
III Teu nome 33
IV Recordando 35
V Santa Tecla 36
VI Anjo satanico 43
VII Egoismo de amante 44
VIII Castigado 45
IX Laocoonte 46
X Samaritana 53
XI Confiteor 54
XII Canto biblico 55

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

PÓ DOS DESERTOS

I O Inverno cearense 59
II Daho-Upas 60
III Tempestade amazônica 61
IV O Bambú 62
V Os Hiperbóreos 63
VI Condor 64
VII O Dilúvio 65
VIII Oração de um Inca 66
IX A Morte de Moisés 67
X Nippon 68
XI Sonho de isone 69
XII A Conquista das Índias 70

CORAÇÃO

Coração 73

I Columba coeli 74
II Tu 75
III Dôce castigo 76
IV Estranho mar 77
V A Borboleta I 78
II 79
III 80
IV 81
VI Anima dolens 82
VII Verdades 83
VIII Sem amar 85
IX O Aeroplano 86
X Saudade I 88
II 89
III 90
IV 91
XI No berço do deus Amôr 92
XII História de um jarro 93

SÍMBOLOS SELVAGENS

O Exemplo das Cousas 101

I A Crassulácia I 102
II 103
II O Mapuá 104

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

III Alegria secreta 105
IV No templo de Pan 106
V Ânsia eterna 107
VI A um amôr-perfeito 108
VII Alma selvagem 109

ALMA PRIMITIVA

Alma Sertaneja 113

I A sôlha 114
II A morte de um seringueiro 115
III Na serra de Maranguape 121
IV Dôr 122
V Íntimo 123
VI Na piraqueira 124
VII São João 125
VIII O Bôto 130
IX Cantares 131
X Verônica 139

SEGUNDA PARTE

Vozes das Cousas 147
Os descobridores 153

I Pero Coelho 155
II Padre Francisco Pinto 156
III La Ravardiére 157
IV Caldeira Castelo-Branco 158
V Pedro Teixeira 159
VI Padre Luiz Figueira 160
VII Bento Maciel Parente 161
VIII Mauricio de Nassau 162
IX Padre Antônio Vieira 163
X Domingos Afonso Mafrense 164
XI Os Jesuitas 165
XII O seringueiro 166

POEMAS AMAZÔNICOS

I Os Aturés 169
II Orelana 177

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

III A Conquista do El-Dorado 182
I — A Cidade de ouro 182
II — Manôa 184
III — Diego Ordaz 185
IV — Lopo de Aguirre 186
V — Nicolau Hortsman 187
VI — Alonso de Herrera 188

ORQUESTRA HUMANA

I Os Novos hebreus 191
II No Jardim de Ptolomeu 197
III O Apostolo das aves 202
IV Oceano 206
V Fáuno 211
VI O Escudo de Minerva 215

MONTANHAS E PLANICIES

I In Solitudine Cordis 221
II Caminho de Damasco 223
III Ilhas fugitivas 224
IV Pela Estrada de Rages 226
V Canto de Circoncelião 227
VI Romaria Noturna 229

VITÓRIA RÉGIA

I Vitória-Régia 233
II A teus pés 237
III Juventude 240
IV Era uma vez um rei 246

OBLAÇÕES A DIONISO

I Oração a Dioniso 255
II Sonhemos 256
III Sub tegmine 257
IV A Funda 258
V A Sumaúma 259
VI Africa 261

ORIGENS E METAMORFOSES

I Punhado de cinza 265
II O pavão 266

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

III Semente antiga 267
IV Milágre do Sol 268
V O Lírio 269
VI A Amazônia 270

VIDA SONORA

I A Abelha 273
II O Catavento 274
III O Sino 275
IV As Filhas da Agua-Grande 276
V O Milágre de Itaboca 277
VI O Irápurú 278

MARMORES E PAINEIS

I Medieval 281
II Miritiba 282
III A Morte de Sócrates 283
IV No Banquete da Vida 284
V A Boiada 285
VI O Milágre de Guaxenduba 286

VIAGEM DE RECREIO

I Retrospecto 289
II Para outra aventura 290
III Na tua ausência 291
IV Adoração 292
V Gaivota polar 293
VI Alto mar 294

TUMULTO FINAL

I Monólogos de um mártir I 297
II 298
II Brasileiro 299
III Sultão 300
IV Grito 303
V Orfeu 304
VI Canto final 307

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

TERCEIRA PARTE

CINZA DO CREPÚSCULO

I Pecado 315
II Ressurreição 316
III O Louco e a Sombra 317
IV Saudade 318
V O Incêndio sagrado 319
VI Maldição 320
VII Envelhecer 322

ÁTOMOS

I O Caçador de estrêlas 325
II Cancioneiro Japonês 326
I — De Isaraki 326
II — De Açayaçu 326
III A Brisa e o ramo 327
IV Fôlhas sôltas 328
I — Ingratidão 328
II — Mãos 328
III — Sonho 329
IV — A Víbora 329
V A Semente do Deserto 330
VI Os Olhos de minha filha 331
VII Cancioneiro hespanhol 332

AREIA SOLTA

I A Candeia 339
II Marinha 340
III O Pái 341
IV O Japiim 342
V O Meu primeiro cabelo branco 343
VI A Via-látea 344
VII Asas da Itália 345

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite